

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAE

FLÁVIA LUMENA QUEIROZ BITTAR

EDUCAÇÃO MUSEAL
narrativas de experiências na trajetória profissional no Museu de Artes e Ofícios

Belo Horizonte
2023

FLÁVIA LUMENA QUEIROZ BITTAR

EDUCAÇÃO MUSEAL
narrativas de experiências na trajetória profissional no Museu de Artes e Ofícios

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência – PROMESTRE – da Faculdade de Educação, FAE-UFMG, como requisito para o título de mestre em Educação e Docência na Linha de Pesquisa Educação em Museus e Divulgação Científica

Orientador: Prof. Dr. Jezulino Lúcio Braga

Belo Horizonte
2023

Ficha Catalográfica

B624e T	Bittar, Flávia Lumena Queiroz, 1989- Educação museal [manuscrito] : narrativas de experiências na trajetória profissional no Museu de Artes e Ofícios / Flávia Lumena Queiroz Bittar. -- Belo Horizonte, 2023. 104 f. : enc, il., color. Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientador: Jezulino Lucio Mendes Braga. Bibliografia: f. 102-104. 1. Museu de Artes e Ofícios -- Aspectos educacionais -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Museus -- Aspectos educacionais -- Teses. 4. Museus e escolas -- Teses. 5. Professores -- Formação -- Teses. I. Título. II. Braga, Jezulino Lucio Mendes, 1977-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. CDD- 069.15
------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDUCAÇÃO MUSEAL: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

FLÁVIA LUMENA QUEIROZ BITTAR

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada, em 25 de agosto de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Jezulino Lucio Mendes Braga
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Adriana Mortara Almeida
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Rogéria Cristina Alves
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof. Julio Cesar Virginio da Costa
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 25 de agosto de 2023



Documento assinado eletronicamente por **Rogéria Cristina Alves, Usuária Externa**, em 23/09/2023, às 08:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mortara Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 23/09/2023, às 16:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jezulino Lucio Mendes Braga, Professor do Magistério Superior**, em 25/09/2023, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julio Cesar Virginio da Costa, Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 26/09/2023, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2535364** e o código CRC **AE11E4DC**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida e à espiritualidade que me conduziram até aqui. Foi uma jornada intensa!

Agradeço muito à minha esposa, Gabriela (Lella), que foi e é essencial em meu percurso acadêmico e profissional. Você foi grande incentivadora para que eu chegasse à graduação, à especialização e também ao mestrado. Obrigada!

Agradeço também a minha mãe, tia e madrinha, Tia Vera, que me educou e me ensinou milhares de coisas sobre a vida, mas também sobre a geografia do mundo, sobre histórias, literatura e me desafiou bastante. Obrigada aos subsídios para que eu me tornasse também uma professora investigativa, pesquisadora, crítica e aprendiz.

Agradeço ao meu Tio Tunga, padrinho que também foi pai e me levou aos esportes, professor e incentivador, proporcionou também caminhos importantes para eu ter força para chegar nessa fase de estudos. Aos meus irmãos-primos (Fabrício e Fabíola) que me deram exemplos para seguir, obrigada!

Agradeço à minha mãe, Maria, e ao meu pai, Marlon (*in memoriam*), por terem me dado a vida. Estou certa de que herdei a capacidade de oratória de minha mãe e a de adaptação de meu pai.

Agradeço aos professores que tive, em especial, à professora Rogéria, que me norteou pelos desafios da academia. Agradeço ao meu orientador, Doutor Jezulino Lúcio Braga, que confiou em mim e no meu trabalho.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, em especial a Thiago, Caio, Victor, Amanda, Tainara, Jair, e aos que passaram pelo Museu de Artes e Ofícios construindo uma linda história e deixando bons frutos, em especial, Naila, Fabrícia, Rafael, Lívio, Dirce, Glays, Gabi e Marília.

À vocês, colegas, dedico este trabalho. Obrigada pela paciência! Vocês me ensinaram todos os dias sobre esse lindo espaço centenário que amamos e estamos por ora. Obrigada!

Eu não te conhecia.
Era o de sempre e, ao passo do tempo, diferente.
Breve e efêmero são coisas humanas.
Eu passaria, você não.
És a própria superfície, materializado antes, noutro plano, antes de qualquer um que pisa no
chão e que olha a estação.
Quem mergulha em você percebe que há profundezas inconcebíveis, mesmo com toda sua
Pedagogia escancarada.
Ainda não conseguimos chegar à completude nenhuma, nem chegaremos.
Se comparado com algum oceano a comunicação seria impossível. Nem com todas as
tecnologias. Não haveria sinal sonoro para os ouvidos que não querem te ouvir.
Antes de nascer, já havia sido mentalizado noutro plano.
Tanto faz o dia,
Tanto faz a lua.
À noite,
Eu não te conhecia.
Se há nuvem ou não no céu, se é frio, se
Outono e se há boas melodias
Na rádio.
Se o ipê floresceu ou não.
Muitos te leriam bem, se tivessem tido a oportunidade de ver.
Pela natureza e simplicidade, Caymmi o leria bem.
Pelos altos falantes, os Tingoalhos leriam bem. O partido operário, também.
Todos que se indignam pela ascensão do fascismo te leria bem.
Aqueles que não te ignoram passam o dia e a noite te lendo também.

Flávia Bittar

RESUMO

Esta dissertação apresenta-se como parte do meu percurso como trabalhadora de museu, no setor educativo do Museu de Artes e Ofícios (MAO), tendo como objetivo apresentar a proposta de um curso de formação para educadores, partindo de materiais já confeccionados pelo MAO. Nesse texto, parto de etapas dos aprendizados acadêmicos em minha formação em pedagogia, em educação museal e das experiências como estagiária, educadora e, posteriormente, analista de mediação do Museu de Artes e Ofícios.

Palavra-chave: Formação profissional. Educação em museus. Experiências narradas. Pedagogias.

ABSTRACT

The dissertation that follows part of my journey as a museum worker, in the educational sector of the Museum of Arts and Crafts, and presents a proposal for a training course for educators based on materials already made by MAO. In this text, I start from the stages of academic learning in my education in pedagogy and from experiences as an intern, museum educator and later mediation analyst at the Museum of Arts and Crafts.

Keywords: Professional training. Education in museums. Narrated experiences. Pedagogie.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Seminário de Capacitação Museológica, 2004	18
Figura 2	Seminário de Capacitação Museológica, 2004	18
Figura 3	Prédio A, Proteção do Viajante, Carranqueiro, de Daniel Mansur, 2006	23
Figura 4	Reserva Técnica, Ação Mediador Mirim, 2018	26
Figura 5	Monumento a Terra Mineira, Praça Rui Barbosa, 2022	29
Figura 6	Panfleto distribuído a população sobre as obras nos edifícios e Estação Central	31
Figura 7	Museu de Artes e Ofícios, de Daniel Mansur, 2006	32
Figura 8	Sala de Recepção de Grupos, Formação com graduadas em Pedagogia, UEMG, 2023	34
Figura 9	Oficina Maker, A origem da propulsão mecânica. Atendimento de ONG no Museu de Artes e Ofícios, 2023	40
Figura 10	Linha do Tempo, ações educativas, 2023	41
Figura 11	Linha do Tempo, ações educativas, 2023	41
Figura 12	Linha do Tempo, ações educativas, 2023	42
Figura 13	Linha do Tempo, ações educativas, 2023	42
Figura 14	Linha do Tempo, ações educativas, 2023	43
Figura 15	Linha do Tempo, ações educativas, 2023	43
Figura 16	Linha do Tempo, ações educativas, 2023	44
Figura 17	Aula de Museu, 2017	48
Figura 18	Oficina Maker, A origem da propulsão mecânica, 2023	51
Figura 19	Mapa do MAO (Museu de Artes e Ofícios - site)	55
Figura 20	Mediação virtual com estudantes da educação infantil, 2020	72
Figura 21	Guia do Educador, 2023	79
Figura 22	Formação de Professores, Museu de Artes e Ofícios, 2022	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Divisões de Ofícios do MAO	54
Tabela 2	Nichos	55
Tabela 3	Aplicação aos professores	76

LISTA DE SIGLAS

UFMG	Universidade Federal De Minas Gerais
ICFG	Instituto Cultural Flavio Gutierrez
MINC	Ministério da Cultura
IPHAN	Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional
CBTU	Companhia Brasileira De Trens Urbanos
IAB-MG	Instituto De Arquitetos Do Brasil - Departamento de Minas Gerais
SESI	Serviço Social Da Indústria
FIEMG	Federação Das Indústrias Do Estado De Minas Gerais
ONG	Organização Não Governamental
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COVID	Doença do Corona Vírus
LEPEH	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História
PUC	Pontifícia Universidade Católica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS – ENCONTRO CONSIGO MESMO.....	17
2.1 Breve Histórico do Museu de Artes e Ofícios	17
2.2 Breve histórico da localização e edifícios do Museu de Artes e Ofícios	28
2.3 Setor educativo do Museu de Artes e Ofícios “feito por gente para gente”	33
2.4 O Museu de Artes e Ofícios	37
2.5 Sinopse de trilhas do museu	45
2.5.1 <i>Mulheres e Ofícios</i>	45
2.5.2 <i>Afro-brasileira</i>	45
2.5.3 <i>Energias</i>	46
2.5.4 <i>Pequenos Caminhos</i>	46
2.5.5 <i>História do Trabalho</i>	46
2.5.6 <i>Indústria</i>	46
2.6 O acervo e suas potencialidades	53
2.6.1 <i>Divisões de ofícios do Museu de Artes e Ofícios</i>	54
3 MEDIAÇÃO MUSEOLÓGICA.....	60
3.1 Mediar, Por que e Para Quem?	60
3.2 Caso I.....	66
3.3 Caso II	67
3.3.1 <i>Visita de um centro de convivência. Pessoas com transtorno global de desenvolvimento</i>	67
3.4 Recursos tecnológicos da mediação, posso usar a poesia, a rima, a música?	69
4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	76
4.1 Curso formativo para professores e educadores do Museu de Artes e Ofícios	81
4.2 Recurso Didático	84
4.2.1 <i>Entrevista</i>	86
4.3 O recurso formativo foi delimitado em sete eixos.....	96
4.3.1 <i>Módulos e Conteúdos do Curso Formativo</i>	97

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Minha formação acadêmica teve início na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG –, em 2014, e foi transversal ao estágio profissional no Museu de Artes e Ofícios (MAO), já no início de 2015. Incentivada a conhecer e a gostar de conhecer, o estágio me fez ampliar e experimentar novos conhecimentos vinculados à temática do museu e também examinar as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ambas ofertadas no currículo universitário no curso de Pedagogia.

Por isso, busca-se rememorar e apresentar os caminhos históricos e pedagógicos do Museu de Artes e Ofícios, tendo, como tema principal, a *Educação Museal: narrativas de experiências na trajetória profissional no Museu de Artes e Ofícios*. Portanto, apresento o percurso profissional no qual já estou inserida há mais de oito anos, planejando, desenvolvendo e avaliando as atividades no setor educativo do MAO. Por meio dos textos lidos, trago contribuições e visões importantes da relação entre museu, sociedade e instituições, além daquelas estabelecidas entre as pessoas que o frequentam.

A área de pesquisa a qual a dissertação se vincula é o campo da Educação Museal, e objetivo também é divulgar os últimos anos da instituição, com enfoque no histórico do equipamento, sua localização, o caminho do setor educativo, suas premissas e propósitos. Apresento ações que foram desenvolvidas e os possíveis recortes temáticos do museu, além de mostrar a potencialidade do acervo.

Outro propósito deste trabalho é relacionar a construção do MAO, a história e o percurso com a importância da mediação no processo de visita dos grupos escolares que o visitam. Os museus desempenham um papel fundamental na promoção da cultura e frequentemente desempenham um papel educativo significativo.

De acordo com Marandino (2008), os museus são locais onde os indivíduos podem adquirir conhecimentos sobre conceitos científicos e práticas de pesquisa. Para alcançar esse objetivo, os museus oferecem atividades educativas com o propósito de interagir com seus visitantes e facilitar o processo de aprendizado. Esse caráter educativo se relaciona diretamente com o caráter cultural e essa relação potencializa o desenvolvimento acadêmico tanto de grupos escolares, visitantes espontâneos, quando os profissionais que buscam nesses espaços, o

desenvolvimento científico e criativo para a atuação em instituições de ensino.

Os museus podem proporcionar aos professores que realizam visitas com os estudantes caminhos específicos para aprendizagem, por meio do seu acervo, além dos desdobramentos desse processo em sala de aula. Por essa razão, apresentamos, como produto final, o Curso Formativo para Professores e Educadores do Museu de Artes e Ofícios. Por meio dele, o leitor poderá conhecer o que foi desenvolvido e marcado ao longo da existência desse espaço, o que foi desconstruído e adaptado nas atividades cotidianas do MAO. O nosso objetivo, também é elucidar as vivências que se tornaram experiências durante minha trajetória profissional, como trabalhadora da área de educação museal.

No capítulo 1, apresenta-se o *Museu de Artes e Ofícios – encontro consigo mesmo*, a motivação para a criação do espaço e a história de sua implantação. Além disso, delineia-se no que se baseia o MAO e a perspectiva inicial para sua existência enquanto equipamento cultural da cidade. O breve histórico da sua localidade e de suas adjacências também está no texto para entendimento da dimensão do espaço. Nesse capítulo, estão os significados do setor educativo, o planejamento, o desenvolvimento, o propósito, as descrições dos recortes temáticos nas trilhas propostas e apresentadas pelo setor educativo.

A finalidade das práticas pedagógicas é orientar e estimular a exploração de novas abordagens na construção do conhecimento. Nesse contexto, destacam-se práticas cruciais que desempenham um papel significativo na formação da identidade cultural e na salvaguarda de bens patrimoniais. Essas práticas se entrelaçam com reflexões sobre a relevância do acervo do MAO e suas possibilidades.

Como já se sabe, os museus desempenham um papel essencial na preservação de patrimônios históricos, culturais, sociais e artísticos, e essa missão demanda apoio financeiro tanto por parte de entidades públicas quanto de instituições privadas. Desse modo, o texto contribui para o entendimento da implantação do MAO como importante equipamento cultural de Belo Horizonte MG.

Já no capítulo II, apresentam-se conceitos sobre a importância da mediação museológica no contexto educativo. A mediação é compreendida como o diálogo construído junto aos visitantes, acervo e educadores do MAO e, dessa forma, apresentar os sentidos de construí-la

aproveitando a convivência com o visitante, ao explorar as emoções, os afetos, além da reflexão sobre o tema do museu, fatos que nos instigam a pensar os objetos e seus sentidos sociais, não apenas contextualizando a época a que pertenciam, mas fazendo valer o que se tem hoje para interpretar o passado. Dessa maneira, mediar significa dar sentido à própria existência da peça museológica, ressignificando-a com um vestígio do tempo, mas também conectando-a ao sujeito que a vê e a relaciona à sua identidade e história.

Para Chagas (2009), a “afirmação de si ou do grupo” pela valorização e institucionalização de acervos biográficos, etnográficos, históricos, artísticos e outros – elevados formalmente à categoria de patrimônio cultural – sublinha o papel da mediação. Conforme o autor, a importância da adaptação das mediações, a partir da utilização de recursos tecnológicos – improvisação, da autonomia e do desenvolvimento de ações – são facilitadores para o acesso aos diversos públicos que frequentam o espaço. A comunicação, cada dia mais objetiva e rápida, exige do setor educativo readaptações para que se chegue aos estudantes e, dessa maneira, se possa promover o acesso e estimular à aprendizagem cultural.

Para mais, por uma via também subjetiva, visa-se evidenciar os processos pedagógicos e educativos do Museu. Acredito que, nesse exercício, almejo formar bases essenciais à formação de novos trabalhadores do setor educativo do Museu de Artes e Ofícios e proporcionar aos professores que o visitam, ou tem intenção de visita-lo, autonomia para realizar mediações museológicas com os estudantes.

Por fim, no capítulo III, apresento a importância de recursos pedagógicos do museu, a fim de ampliação o acesso e trazer novas possibilidades, tendo em vista a criação do Curso Formativo para Professores e Educadores do Museu de Artes e Ofícios, pois a oportunidade de trabalho no MAO trouxe-me o desejo de ampliar os repertórios apresentados e criar procedimentos pedagógicos vinculados à mediação museológica. O tema ofícios pode se desdobrar em todas as ciências aprendidas no curso de Pedagogia, que finalizei em 2018; então, percebo que promover a divulgação científica do museu é elencar e produzir significados ao meu próprio percurso profissional.

Com foco na minha experiência, objetivo produzir outros itinerários formativos para novos trabalhadores do Museu de Artes e Ofícios. Nesse processo de aproveitamento, tem-se, como recurso didático, o curso-projeto "Tematizando os Ofícios do Couro", que foi desenvolvido

em parceria com instituições acadêmicas e com Museu de Artes e Ofícios, cuja finalidade é fornecer recursos pedagógicos para a formação de educadores e mediadores. Esse projeto, mesmo uma década após sua criação, permanece relevante no contexto da educação museal atual, apesar de não ter passado por mudanças. Mesmo assim, produz conteúdos ainda necessários à aprendizagem em educação museal e mediação museológica.

Por fim, apresento os módulos que envolvem o produto final – o Curso Formativo para Professores e Educadores no Museu de Artes e Ofícios – no qual se abordarão os desafios e as oportunidades de integrar inovações tecnológicas e pedagógicas à estrutura existente do projeto, com vistas a identificar maneiras de aprimorar a abordagem educativa no Museu de Artes e Ofícios.

2 MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS – ENCONTRO CONSIGO MESMO

2.1 Breve Histórico do Museu de Artes e Ofícios

O projeto de criação do Museu de Artes e Ofícios – MAO – nasceu como um ousado empreendimento cultural e museológico da empresária Angela Gutierrez. A partir de seu ofício como colecionadora e de sua experiência cultural, a criação do MAO teve início, relacionando-se com a própria história pessoal da empresária, muito antes de ela considerar a ideia do museu. A semente do colecionismo foi plantada por seu pai, Flávio Castelo Branco Gutierrez, que também, segundo a criadora, foi o precursor da coleção de objetos ainda na década de 50, quase como uma vocação. Ele também contribuiu para o colecionismo e, segundo Angela Gutierrez, valorizava as ferramentas e as histórias da cultura de trabalho do povo brasileiro. As coleções são formadas por objetos comuns e populares, e têm suas origens nas heranças culturais e históricas das artes e ofícios, nos saberes tradicionais dos trabalhadores, nos gestos e nas técnicas utilizadas no desenvolvimento do trabalho no Brasil. A ideia de um novo museu foi almejada no final dos anos 90.

Esse grande investimento cultural na cidade de Belo Horizonte partiu da entidade Instituto Cultural Flávio Gutierrez (ICFG) e apresentou à sociedade brasileira não apenas o potencial do acervo físico, que seria organizado mais tarde para a montagem do museu, mas também a reunião de especialistas da área, humanistas e seus potenciais vínculos com a Cultura, a Museologia e a Educação. No ano de 2002, foram realizados três seminários com a participação do público. Nos debates e articulações, houve também a atuação de outras instituições culturais, alinhando-se às demandas da sociedade contemporânea no início do século XXI.

O primeiro seminário abordou o programa museológico do Museu de Artes e Ofícios, o segundo, o conceito museológico e a salvaguarda patrimonial, e o terceiro, a comunicação museológica. Toda a implementação do Artes e Ofícios foi criteriosamente pensada, elaborada e planejada por uma equipe de trabalho da área museológica, com centenas de profissionais para concepções e proposições pertinentes ao tema das artes e ofícios. Foi um projeto que também contribuiu para a qualificação museológica em âmbito nacional.

A participação de várias entidades públicas e privadas foi fundamental para que a implantação do museu se tornasse realidade. Muitos parceiros se uniram em um conjunto de ações que

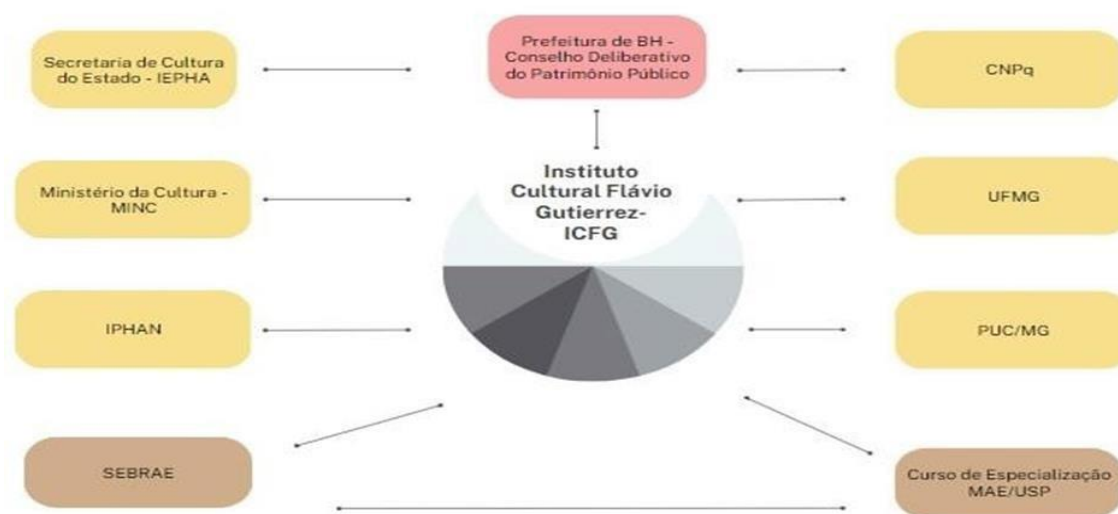
foram primordiais para o nascimento do museu. Por meio das figuras a seguir, ilustramos a criação do MAO.

Figura 1 – Seminário de capacitação museológica (2004, p. 45)



Fonte: elaboração própria

Figura 2 - Seminário de capacitação museológica (2004, p.45)



Fonte: elaboração própria

Dessa forma, o projeto museográfico foi apresentado pelo museógrafo francês Pierre Catel, que afirmou que "os prédios, na verdade, não são apropriados para a criação de um museu, o que, por sua própria arquitetura, impõe alguns problemas, mas a localização e a imponência arquitetônica dos prédios que abrigariam as coleções, aliadas à localização geográfica e histórica da região onde o museu se instalou, na Praça Rui Barbosa, foram de suma importância para encarar o desafio" (CATEL, 2004). O museólogo, em uma entrevista realizada em 2005, definiu de forma sintética como ele próprio enxerga o Museu de Artes e Ofícios:

(...) se enquadra como um museu de sociedade, que com certeza é um instrumento tão amplo que todo mundo se enquadra nele. Mas nós não nos fizemos essa pergunta. Não procuramos dar uma categoria ao museu, catalogá-lo. Creio que ele vá se definir por si mesmo, no andamento, na sequência, e diria que ele não foi trabalhado como um museu de sociedade, mas sim como um espaço de sociedade (CATEL, 2005, p. 330).

A integração do conjunto arquitetônico na região central de Belo Horizonte, em Minas Gerais, aliada aos prédios históricos e culturais da região, juntamente com o fluxo contínuo da população na Estação Central do Metrô, conferiu vantagens ao empreendimento cultural e acrescentou ainda mais cultura ao desenvolvimento turístico da cidade. O museu se define, ao longo dos dezoito anos de existência, como uma identidade complexa, pois seu acervo impacta à sociedade e tem influências diferentes em cada grupo social que o visita. Os objetos foram musealizados, adquiriram proporção e significados de grande relevância, destacando-se como objetos preciosos da cultura brasileira.

A transformação de tal acervo em patrimônio público foi vista pelo MinC), por intermédio de sua Secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas, como uma circunstância muito favorável à reunião de profissionais que atuam em instituições museológicas de todo o país em torno de um programa de capacitação museológica, restauração, artes, história, pesquisa e educação patrimonial, com dois objetivos principais: garantir que o processo de institucionalização do acervo que se tornará museu seja transparente, aberto, participativo, envolvendo os diversos atores sociais que uma ação desse tipo requer, e contribuir para a atualização das formas de administrar espaços museológicos no Brasil (SCM, 2004, p. 14).

O museu, ao longo dos anos, tem trazido para dentro de seu espaço olhares e possibilidades de se fortalecer como um equipamento cultural da sociedade brasileira. Organizado e restaurado, todo o contexto relacionado às coleções e às fontes históricas foi planejado para que, de forma espontânea, ele se apresentasse ao público visitante.

É importante salientar que a preservação de um patrimônio tem um histórico bastante

complexo, desde a motivação de sua existência, à manutenção dos espaços, dos lugares ocupados para preservar os aspectos sócio culturais e os interesses políticos envolvidos na sua construção. Não se pode deixar de mencionar as relações de poder que envolvem todo processo, há, nesse âmbito, uma tradição inegável.

Mario Chagas (2009) discorre que as concepções de museus e patrimônio no mundo contemporâneo permanecem intimamente ligadas à noção de posse, que pode ser tanto material quanto espiritual, econômica ou simbólica, e estão intrinsecamente ligadas à ideia de preservação. No processo de construção do museu, a ideia não se vinculava apenas à criação de mais um museu para a cidade, mas *sim em relação com* a cidade, que buscasse dialogar com a população antes mesmo de sua criação. Para a existência da instituição, foi necessário um grande projeto que, de forma visionária, foi concebido e materializado com atenção a cada detalhe.

As parcerias foram estabelecidas, pois o museu fez parte de uma cooperação entre diversas instituições na esfera pública e na privada. Os percussores desse novo espaço buscavam conceber o museu para sociedade e desejam preservar os patrimônios e divulgar objetos de artes e ofícios como se fossem genuínos. Por isso, é importante nossa reflexão sobre aqueles que de fato, inicialmente e posteriormente, usufruí desse espaço, mencionando as barreiras invisíveis que permeiam a sociedade, quando esta promove espaços estabelecidos para a cultura e bens patrimoniais.

Quando falo de barreiras invisíveis, estas não são obstáculos físicos para se entrar em um museu, mas sim sobre as histórias sociais e as relações com os lugares que são impostos como patrimônios seguros. A exemplo disso, cito grupos diversos que não se identificam com o lugar, ou sequer sabem de sua existência. Os museus, ao preservarem patrimônios materiais, concebem histórias muitas vezes únicas, que pertencem a poucos grupos sociais, cujas vertentes podem ser romantizadas só por se tratar de um museu.

É fato que há muita história dentro de uma história concebida, mas, como nos diz Pierre Nora (1993), há uma anulação histórica nos museus e monumentos em gerais: “há um criticismo generalizado”. De acordo com o pensador (1993), “uma sociedade imersa por completo na órbita da história, em última análise, só reconheceria poucos lugares, à semelhança de sociedades tradicionais, nos quais ela poderia ancorar sua memória.”.

Investimentos em pesquisa e qualificação do acervo, para além de sua materialidade, desempenharam um papel crucial na integração do museu com a história do trabalho e da cultura brasileira. Assim, é importante perceber, ao longo da existência do MAO, como ele foi se relacionando com a comunidade e, dessa forma, verificar os significados, as expansões das possibilidades concebidas para o equipamento cultural em consonância com as competências das empresas e profissionais envolvidos.

Do ponto de vista estrutural, os detalhes foram minuciosamente elaborados e compreendidos por especialistas das áreas museológica e educacional. A apresentação da exposição alinhou-se com as tendências museológicas da época e com as discussões contemporâneas do campo, exigindo a colaboração de muitas mãos e parceiros para a criação do museu. Junto às coleções, há outros elementos de destaque: informações históricas e recursos multimídia sobre culturas e suas relações com a história do trabalho no Brasil Colonial, que se incorporam para narrar as histórias das ocupações e do trabalho em suas particularidades regionais, mas também em sua universalidade. O museu se destaca como um espaço de grande impacto social, devido às histórias que permeiam suas coleções, apresentando um potencial de conexão com os visitantes em torno de um tema tão relevante para os brasileiros: o trabalho.

De acordo com a museóloga Célia Corsino (2004), a preservação do patrimônio demandou ações iniciais para garantir a integridade dos itens. A preparação de todo o acervo, incluindo montagem, seleção, identificação, limpeza, registro, transporte e alocação das coleções em reserva técnica, bem como a climatização para garantir sua conservação adequada, contou com a participação de uma equipe bastante qualificada.

Para Corsino (2004), o Museu de Artes e Ofícios já demonstrava sua razão de ser antes mesmo de sua existência física. As preparações e qualificações no campo museológico, por meio de seminários, debates públicos e parcerias com importantes instituições de pesquisa e ensino, conferiram credibilidade a essa empreitada monumental. Essas articulações ecoaram e pavimentaram o caminho para o desenvolvimento do empreendimento cultural. Dessa forma, o museu foi se equipando não apenas estruturalmente, mas também filosoficamente, e a ideia foi tomando forma.

A organização, por meio de nichos de ofícios em vez de apenas por uma linha cronológica,

conforme apresentado pelas equipes consultoras, contribuiu para o desenvolvimento deste empreendimento e possibilitou a articulação entre os séculos em que os ofícios eram praticados até os dias de hoje. Isso aconteceu com debates contínuos e contemporâneos a partir dos símbolos intrínsecos presentes em cada item do museu.

A proposta do MAO (Museu de Artes e Ofícios) não se limita apenas ao seu acervo. Segundo a museóloga, o projeto é mais amplo, uma vez que sua discussão visa à abordagem não apenas das artes e ofícios, mas também da questão do trabalho, conferindo-lhe um significado ainda maior. Como afirma Corsino (2004, p. 112), não se trata de um museu apenas para colecionadores: "o trabalho das classes que não têm grande representação em outros espaços de memória encontra aqui o seu lugar com dignidade."

Além do acervo físico, o MAO também abriga referências imateriais. Através do olhar organizador e articulador do projeto, as fontes bibliográficas e iconográficas que compõem os nichos de objetos expostos estabelecem diversas interseções com a história e cultura do povo brasileiro. Braga (2014) aborda o uso de vídeos, totens com multimídia e outras soluções cenográficas que ampliam as possibilidades de reflexão sobre as formas de trabalho presentes em nossa sociedade por meio da exposição do Museu de Artes e Ofícios.

Os recursos multimídia do museu, como suporte informativo e meio de comunicação, foram desenvolvidos em meados dos anos 2000. No entanto, mesmo vinte anos depois, eles ainda estão em pleno funcionamento. Esses recursos permitem aos visitantes acessar informações históricas sobre os ofícios e contextos históricos, desempenhando um papel fundamental como ferramenta pedagógica na construção do conhecimento.

Tanto o espaço quanto as coleções do museu privilegiam a educação e seu desenvolvimento. As práticas educativas em torno de seu acervo são potencializadas com o objetivo de aproveitar os espaços de várias maneiras. Compreende-se que a educação é um fenômeno humano que engloba dinâmicas e práticas sociais, e, dessa forma, o museu atua como um potente espaço para construções educativas.

Figura 3 - Prédio A – Proteção do Viajante Carranqueiro



Fonte: Daniel Mansur (2006)

O museu revela a riqueza da produção popular, dos fazeres, dos ofícios e das artes que deram origem a algumas profissões contemporâneas. Isso porque a natureza de seus objetos, muitas vezes, faz parte do cotidiano de muitos brasileiros e da própria produção humana. Isso, de certa forma, naturalmente provoca anseios de identificação com nossa própria história. Muitos objetos expostos no museu são familiares aos olhos do visitante, passando de lugares comuns para um local de importância e relevância para a comunidade e a cultura do país. Nesse espaço, valoriza-se não apenas o objeto material, mas também suas histórias e culturas, que, por sua vez, estão relacionadas a algumas identidades de grupos sociais. Acerca desses processos museais:

(...) Independentemente de sua amplitude, a decisão de patrimonializar implica em 'acautelamento', termo jurídico que remete à obrigação de resguardar e conservar. Patrimonializar é, então, uma decisão de interesse público, relacionada aos aspectos formais, burocráticos e letrados das sociedades ocidentais modernas. No entanto, também é importante considerar que a patrimonialização é o aspecto formal e burocrático de uma seleção. Apenas uma pequena parte das 'coisas do mundo' se salva, pela patrimonialização, da dissolução. (BITTENCOURT, 2013, p. 48).

A patrimonialização dos objetos do Museu de Artes e Ofícios ocorreu por meio do processo de doação de uma coleção particular pelo Instituto Cultural Flávio Gutierrez (ICFG) em 2005, seguida pelo registro público no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2015. Além de revelar as coleções, todos os objetos carregam consigo uma carga patrimonial significativa e exercem grande influência sobre a sociedade, destacando a importância de direcionar a atenção para a preservação de objetos históricos.

Além de conferir status às produções culturais, tecnológicas e artísticas de trabalhadores anônimos brasileiros, a exposição do museu pode ter capacidade simbólica de promover a identificação do visitante com o objeto. Quem são as pessoas impactadas e que estabelecem uma relação próxima com o acervo? Conforme Braga (2011), nos museus encontramos um projeto narrativo que busca legitimar um passado que se apresenta menos doloroso do que o presente. Há uma tendência nessas instituições em apresentar uma narrativa saudosista baseada na perda, tensionada com a produção acadêmica da história.

Em minhas experiências como educadora museal, ao receber determinados grupos de visitantes nas galerias, percebo um certo saudosismo entre alguns segmentos sociais, principalmente aqueles que são oriundos do interior de Minas Gerais e de outras regiões do Brasil, muitas vezes pertencendo a faixas etárias mais avançadas. Esses visitantes relembram suas próprias vivências por meio dos objetos expostos, promovendo uma valorização das atividades de trabalho, em consonância com suas experiências de vida.

Contudo, ao mesmo tempo que revisitam o passado, esses mesmos visitantes, ao perceberem que estão imersos em uma narrativa que romantiza o árduo trabalho rural e manual, destacam o quão complexo e difícil era o esforço físico sob o sol. Eles mencionam a falta de acesso a certos alimentos e, por vezes, identificam a classe social à qual pertenciam naquela época ou a de suas famílias, reconectando-se com suas origens. Por outro lado, outros grupos de visitantes não têm uma ligação direta com o acervo, pois a intenção destes, ao visitar o museu, pode ser voltada para o entretenimento, o lazer ou simplesmente a curiosidade ao passar pelo prédio e desejar descobrir o que há dentro dele.

As percepções variam ao observar e conversar com os visitantes nas galerias. Para algumas crianças, fica evidente sua atenção dispersa e a busca por novidades, uma vez que o período histórico muitas vezes não se alinha com sua própria vivência. No entanto, os objetos do

acervo também mediam significados. Ao verem um martelo, por exemplo, eles prontamente reconhecem o objeto, embora seu significado possa não ser plenamente compreendido, uma vez que a relação com o valor do trabalho associado a ele não está dada.

As crianças tendem a percorrer as galerias de forma rápida e dinâmica, passando pelos objetos em busca do inusitado, com uma tendência frequente de se interessarem pelos computadores multimídia. Quando os adultos acompanham as crianças na visita ao museu, eles desempenham um papel importante como mediadores do acervo. Eles compartilham histórias de suas famílias, buscando promover a identificação dos pequenos com o conteúdo apresentado.

No MAO, existem ferramentas de trabalho amplamente reconhecidas, como martelos, formões, balanças, selas de montaria, bancos, baús e canoas. Há também aquelas que não são tão familiares para a sociedade contemporânea, como *canastras*, *bruacas*, *goivas* e *pulsões*¹. Tanto as ferramentas conhecidas quanto as menos conhecidas fazem parte do acervo do museu e são o foco da visita para alguns dos visitantes.

Braga (2014) acrescenta que a disposição sensível das peças no museu permite que os visitantes se movimentem ao redor dos objetos, realizem verificações, avaliem e aproximem seus olhares dos objetos para extrair informações, identificar o material de fabricação, identificar partes danificadas ou compreender as técnicas de formatação aplicadas. Isso também reflete a relação entre o visitante e o museu.

Nesse sentido, os visitantes podem concentrar seu olhar em objetos específicos para examiná-los minuciosamente, ou podem adotar uma abordagem mais ampla, observando todo o conjunto de objetos que compõem um determinado nicho de ofício que mais lhes chama a atenção, em vez de se concentrarem em uma única peça. Os corpos dos visitantes buscam compreender o que está acontecendo; alguns podem confirmar se já viram aquele objeto em

¹ **Canastras:** As canastras são cestos feitos geralmente de vime, bambu ou outros materiais similares, usados para armazenar e transportar diversos tipos de produtos, como frutas, legumes, peixes e outros itens. **Bruacas:** Bruacas são sacos, geralmente de pano ou tecido resistente, utilizados para transportar e armazenar produtos agrícolas, grãos, farinha, entre outros. Elas são frequentemente usadas em áreas rurais. **Goivas:** Goivas são ferramentas de corte usadas em trabalhos de escultura em madeira ou outros materiais similares. Elas possuem uma lâmina curva e afiada que permite esculpir e entalhar detalhes em superfícies. **Pulsões:** Pulsões são ferramentas utilizadas na fabricação de sapatos e couro. Elas são usadas para perfurar furos em materiais como couro, para posterior costura ou fixação de peças. Geralmente, possuem uma alavanca que é acionada para perfurar o material de forma precisa.

algum lugar, enquanto outros podem ficar surpresos quando não reconhecem o item exposto. As experiências deles, ao explorarem o Museu de Artes e Ofícios, são individuais e singulares.

Pierre-Yves Catel (2004) afirma que, além das visitas à exposição, os usuários têm a oportunidade de explorar o acervo de maneira mais especializada, ao frequentarem a reserva técnica, os laboratórios e observarem as técnicas utilizadas para cuidar e preservar o acervo material. Uma iniciativa educativa e museológica promovida pelo museu é o programa "Mediador Mirim", no qual as crianças têm a chance de visitar a reserva técnica da instituição e descobrir os bastidores do museu. Durante esse processo, são disponibilizadas peças que apresentam degradação devido à ação do tempo, do ambiente ou até mesmo de pragas, como cupins. Os visitantes começam a compreender parte do processo de conservação e restauração, bem como a importância da reserva técnica, dos laboratórios e de seus funcionários especializados na preservação das peças do museu.

Figura 4 – Reserva Técnica- ação educativa e museológica Mediador Mirim, 2018



Fonte: elaboração própria

No Programa Museológico, assim como no Programa Educativo do museu, houve um significativo engajamento por parte dos profissionais na elaboração da estratégia política e pedagógica do empreendimento cultural. A importância dessas ações educativas se manifesta especialmente na participação ativa do público infantil e adolescente. As iniciativas educacionais desempenham um papel fundamental na aproximação das novas gerações com o

acervo e a missão do MAO. O Programa Educativo visa promover experiências enriquecedoras para crianças e adolescentes, permitindo-lhes não apenas observar as coleções, mas também interagir com elas de maneira significativa.

Ao envolver os jovens em atividades educativas, contribui-se para o desenvolvimento de habilidades críticas, o estímulo à curiosidade e a promoção do aprendizado por meio do contato direto com o patrimônio cultural. Além disso, a participação ativa de crianças e adolescentes nas ações educativas ajuda a construir uma relação mais sólida e duradoura entre esses públicos e o museu. Essas ações não apenas enriquecem a experiência dos frequentadores jovem, mas também desempenham um papel necessário na formação de cidadãos conscientes da importância da preservação do patrimônio cultural e do valor da educação museal.

Portanto, o envolvimento deles nas ações dentro do Museu de Artes e Ofícios representa uma estratégia para que esse espaço promova sua missão educativa e cultural. A relação com a educação museal foi fundamental e serviu como fonte de intercâmbio entre cultura e educação no desenvolvimento do museu e de seu setor educativo (Seminário de Ação Educativa, 2006).

No Museu de Artes e Ofícios, as peças são cuidadosamente dispostas em vitrines, estações e plataformas, acompanhadas de legendas explicativas, iconografias, textos informativos e referências bibliográficas. Cada item passa por um processo de musealização, o que resulta em uma contribuição valiosa para a representação viva de contextos sociais, culturais e históricos. Esse processo envolve investigações aprofundadas realizadas em torno de cada objeto exposto, permitindo, assim, uma compreensão mais rica e contextualizada dos objetos em exposição.

Dessa forma, busca-se transmitir novas mensagens aos visitantes, já que as peças tomam novos rumos e estabelecem conexões com suas origens, tanto materiais quanto imateriais. Desde sua concepção, o MAO constrói um significado central ao seu acervo e colabora na construção de um novo espaço dentro do ambiente urbano, voltadas para a cultura e a educação, com o objetivo de ampliar a cidadania e o acesso à cidade, mantendo-se em constante movimento.

2.2 Breve histórico da localização e edifícios do Museu de Artes e Ofícios

A criação da Rui Barbosa (Praça da Estação) coincide com a fundação de Belo Horizonte no final do século XIX. Antes mesmo da inauguração da capital, a região nas proximidades da Estação já apresentava quarteirões em formação, com restaurantes e edificações novas, atraindo ao local um movimento regular de transeuntes.

A Estação Central do Brasil era, desde os tempos inaugurais da nova capital, uma importante referência urbana, provendo naquela época uma mudança drástica nessas paisagens da região central. Constituía-se como ponto de entrada de mercadorias e pessoas na cidade, o lugar de chegadas e partidas daqueles que vinham conhecer e viver na cidade. Consequentemente, Belo Horizonte tornou-se um lugar de fluxo econômico, político, cultural e demográfico. Há alguns fatos importantes das construções dos prédios, hoje considerados históricos. Em 1920, houve a demolição do edifício da Estação de Minas, na Praça, e a construção do prédio da Estação da Oeste de Minas, na Rua Sapucaí. Na mesma época, aconteceu lançamento da pedra fundamental do novo prédio da Estação Central, com a presença de autoridades.

Outro fato relevante, em 1920, em relação ao edifício foi o local de desembarque do Rei Alberto e da rainha Elizabeth, da Bélgica, recebidos apoteoticamente por uma grande multidão espalhada pela Praça da Estação. A relação das pessoas com os movimentos sócio-políticos era outra. Os soberanos belgas chegaram à companhia do presidente da República, Epitácio Pessoa, em vagões fabricados especialmente para a ocasião, conforme consta nas documentações do Multimídias do Museu de Artes e Ofícios.

No ano de 1922, a inauguração do novo prédio da Estação Central, com a presença do presidente do estado Raul Soares, foi mais uma vez o marco da capital mineira, e foi edificado com o projeto do engenheiro Caetano Lopes, do arquiteto Luiz Olivieri e a construção do engenheiro Antônio Gravatá. Em 1930, também na Praça Rui Barbosa, a inauguração do Monumento à Terra Mineira (figura 5), obra do escultor italiano Júlio Starecce, homenageando Bandeirantes e Inconfidentes e mais uma vez sua inauguração contou com a participação de milhares de pessoas.

Figura 5- Monumento à Terra Mineira, Praça Rui Monumento Barbosa (Praça da Estação)



Fonte: elaboração própria

A mudança drástica da paisagem urbana e horizontalizada, após os anos cinquenta, torna a capital mineira mais verticalizada, com intenso desenvolvimento rodoviário, o que acaba gerando transformações importantes na antiga Estação Central. Há, naquela época, alguns trens, chamados suburbanos, intermunicipais e interestaduais. E os carros e os ônibus passam a ser mais valorizados pela população, o que acaba colocando o trem como uma segunda opção para viagens e trânsitos. Nos anos seguintes à década de sessenta, novas mudanças envolvendo a avenida dos Andradas, Rua dos Caetés, Guaicurus tornam mais uma vez o lugar de reforma e novos caminhos, a duplicação da avenida dos Andradas, com nova pista junto ao Ribeirão Arrudas, trouxe importante perda de área de jardins, e a morfologia da praça também foi diminuída.

A criação da Região Metropolitana de Belo Horizonte, juntamente com os bairros periféricos da cidade, que experimentaram uma expansão significativa, determinou novas dinâmicas de transporte e da sociedade. A crescente demanda por meios de locomoção tornou-se cada vez mais necessária para atender às populações, o que trouxe um rápido crescimento ao setor.

Na década de 1980, grupos da sociedade civil, compostos por profissionais em defesa do patrimônio cultural, mobilizaram-se e lançaram um movimento pioneiro em Belo Horizonte,

com o objetivo de preservar e proteger a região do baixo centro da cidade. Esse espaço urbano historicamente significativo tornou-se objeto de debate, com ênfase na ideia de preservar seu caráter urbano. O debate envolveu técnicos do poder público, que propuseram a instalação do metrô como parte desse processo. A criação da Companhia Brasileira de Trens Urbanos – (CBTU), em 1984, responsável pelo planejamento e operação dos sistemas de trens metropolitanos, foi de suma importância para muitas capitais brasileiras, incluindo Belo Horizonte (MAO, s.d).

A delimitação da Área de Proteção do Conjunto da Praça Rui Barbosa resultou na ação da sociedade civil em defesa da praça, e novas transformações foram propostas. Em 1987, foi inaugurado o trecho Lagoinha - Estação Central do metrô, utilizando a infraestrutura ferroviária existente, incluindo os prédios da Estação Ferroviária Central do Brasil e da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas, como ponto de partida para a região central. O Conjunto Paisagístico e Arquitetônico da Praça Rui Barbosa (Praça da Estação) foi tombado em 1988, dando início ao processo de restauração do prédio da Estação Central e dos armazéns da Rede Ferroviária.

Nos anos 90, ocorreram novas mudanças nas proximidades dos antigos prédios da Estação, incluindo o tombamento municipal do Conjunto Urbano da Praça Rui Barbosa e Adjacências, aprovado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte. A liquidação da Rede Ferroviária Federal, proprietária de uma grande área adjacente à praça, levou à colaboração da Prefeitura, do IEPHA/MG e do IAB/MG na tentativa de preservar as edificações existentes. Nos anos 2000, o projeto da empresária Angela Gutierrez, por meio do Instituto Cultural Flávio Gutierrez – ICFG, para instalação do Museu de Artes e Ofícios na área da Praça Rui Barbosa (Praça da Estação), foi divulgado. Em 2002, teve início a execução das obras de recuperação do Viaduto da Floresta e a instalação do Museu de Artes e Ofícios - MAO na Praça Rui Barbosa, ocupando os prédios restaurados das antigas estações das estradas de ferro Central do Brasil e Oeste de Minas, como se pode notar na figura a seguir:

Figura 6 - Panfleto distribuído à população sobre as obras nos edifícios e Estação Central.



Fonte: CBTU, ICFG

As obras e restaurações duraram até o ano de 2005, quando foi inaugurado o Museu, que abriu as portas para o público visitante no mês de dezembro. O MAO foi planejado para receber importante coleção organizada ao longo da vida por Angela Gutierrez, presidente do ICFG, com acervo bastante representativo da história do trabalho pré-industrial no país e tradições populares. As obras tiveram início em 2001 e, em dezembro do ano seguinte, foi concluída a primeira etapa do projeto, envolvendo a assinatura do Termo de Compromisso de doação do acervo particular de Angela Gutierrez à União. A restauração do prédio principal e

a abertura da exposição temporária “Trilhos da Memória” apresentaram aspectos históricos da Praça da Estação, identidades e memórias em relação à capital mineira. Durante esse processo, foram realizadas ações de pesquisa, organização da exposição de longa duração e desenvolvimento de um programa permanente de conservação do acervo e também educativo.

O Museu de Artes e Ofícios foi inaugurado em 14 de dezembro de 2005, ocupando um espaço de mais de 15.000 m², com mais de 9.200 m² de área construída. A abertura para o público ocorreu em 10 de janeiro de 2006 (MAO, s.d). Veja-se a fachada do prédio na figura 7:

Figura 7 – Museu de Artes e Ofícios



Foto: Daniel Mansur, 2016

Sua implantação fortaleceu o processo de requalificação do hipercentro de Belo Horizonte, em consonância com as realizações da Prefeitura Municipal e do Governo do Estado, tornando-se um ganho artístico-cultural para Belo Horizonte, Minas Gerais e para o Brasil. Na Praça da Estação, a partir do convite da CBTU, Angela Gutierrez encontrou o lugar ideal para implantar o Museu de Artes e Ofícios. Como ela menciona (2004), trata-se de "um lugar de encontro e de passagem, de partidas e chegadas, de gente. Os prédios da estação, com sua beleza e dignidade, parecem ter sido projetados por inspiração divina com a finalidade de um dia receber o Museu de Artes e Ofícios".

Os prédios da antiga estação ferroviária passaram por extensas restaurações para abrigar os itens das coleções de ofícios. A localização desses prédios foi crucial para a interlocução com o público, pois o tema do museu se destina ao povo, à identificação individual e ao pertencimento coletivo. Atualmente, o Museu de Artes e Ofícios busca se aproximar dos diversos públicos que frequentam a Praça da Estação e também a Rua Sapucaí, que se tornou um ponto turístico importante da cidade, no entanto ainda encontra dificuldades de realizar certos movimentos de divulgação do espaço.

O museu está situado no baixo centro da cidade e faz parte da Zona Cultural da Praça da Estação. Ao lado do museu, em suas adjacências, existem outros equipamentos culturais e regiões históricas da cidade que fazem parte do lazer dos belorizontinos e são atrativos para turistas de todo o Brasil. Todas as adjacências do Museu são locais de consumo de lazer, arte de rua, entretenimento, e há o deslocamento dos transeuntes de acordo com interesses, projetos e ações. Nesse sentido, é uma região dinâmica, e as práticas do museu buscam dialogar com a presença da população nesses locais, oferecendo espaço para projetos de dança, música, capoeira, empreendedorismo e também exposições temporárias em suas salas.

2.3 Setor educativo do Museu de Artes e Ofícios “feito por gente para gente”

O Museu de Artes e Ofícios possui em seu amplo acervo objetos que fazem referência à vida do trabalhador brasileiro, às formas de organização desses trabalhos, aos contextos histórico-culturais e que perpassam técnicas, gestos e modelos de trabalho, com enfoques temáticos pensados por meio da museografia e da museologia, por meio de uma natureza interdisciplinar que prioriza as artes e ofícios e os processos de trabalho. Houve, ao longo de se sua implantação, debates em torno dos itens e coleções e, desde o plano museológico, discussões sobre o conceito gerador do museu que orientaram o desenvolvimento e a implantação da programação educativa. Para uma melhor compreensão da relação, seguem os circuitos expográficos estruturadores do museu:

- a) Circuito diacrônico – atende à perspectiva histórica ligada aos ofícios extrativistas, rurais, urbanos, ambulantes, aos mestres de ofícios e aos ofícios corporativos.
- b) Circuito sincrônico – propicia a ambientação socioantropológica ligada aos lugares de ofícios, às relações de trabalho, sua organização espacial, às questões de gênero, aos gestos de trabalho.
- c) Circuito argumentativo – deve suscitar o levantamento de questões entre objetos e propor metáforas sociopolítico-culturais relativas as questões de ampla pertinência, tais como: controle do tempo, trabalho infantil, as

formas de trabalho as marcas do trabalho. (FRANCO, 2004, p. 38).

Observa-se que todos os eixos estruturantes possuem a capacidade de estabelecer diálogos entre si, o que resulta na riqueza pedagógica e na abertura de múltiplos caminhos para a construção do conhecimento. A infraestrutura do museu, juntamente com as estruturas pedagógicas, desempenha um papel fundamental na facilitação dessas possibilidades.

Os projetos de construção dos prédios e anexos foram concebidos com o intuito de apoiar as atividades pedagógicas e a recepção do público no museu. Isso inclui a capacidade de acolher grupos, fornecer orientações, informações e estabelecer as regras de visitação para o público. Além disso, foram planejados outros espaços destinados ao desenvolvimento educativo, tais como salas de oficinas e laboratórios. Essas áreas servem como locais onde podem ser realizados planos de ação, formações, seminários, palestras e workshops, contribuindo, assim, para uma experiência educativa abrangente e enriquecedora no museu.

Figura 8 - Sala de Recepção de Grupos – Formação com graduadas em Pedagogia – UEMG, 2023



Fonte: elaboração própria

Todas os eixos estruturantes possibilitam ao programa educativo se efetivar e desenvolver de forma contínua para o atendimento do público visitante, seja ele escolar ou não, turístico ou o público, considerado espontâneo, em visitas livres e/ou mediadas. Com o desenvolvimento do trabalho educativo, a intencionalidade pedagógica no acervo do museu e também em seu espaço, aliando-se a historiografia, as pedagogias, museologias e artes, o espaço atrai público

e divulga informações de seu acervo por meio de muitas ações. O percurso pedagógico e acadêmico se desenrola há pelo menos 17 anos, desde o pontapé inaugural e a abertura ao público.

O desenvolvimento de ações educativas nos museus surge como vital ferramenta com o objetivo de ir muito além do simples chamamento público para o recinto, mas para a construção de conhecimento, entretenimento, encantamento, possibilitando reconhecer e mudar atitudes, bem como modificar o modo de ver as coisas, os objetos, as pessoas e as relações entre nós mesmos. (COSTA & WAZENKESKI, 2015, p. 66).

O setor educativo do museu planeja, desenvolve planos de ações educativas, promove captação de público por meio de ações ativas, mediações, curadoria de conteúdos para construção de conhecimentos, formações de equipe, consultorias técnicas, além de outras instituições educativas, culturais. Promove também sessão de espaço para os movimentos da sociedade civil, além das avaliações de práticas educativas, relações didáticas – pedagógicas da mediação museológica. Há a promoção de debates sobre atendimento e pesquisa de públicos, tendências pedagógicas, sistematização de conteúdos da área de educação museal, pesquisas voltadas para o acervo e suas especificidades históricas, culturais, além de vislumbrar os contextos sociais inatos à cultura e à história do trabalho.

As ciências voltadas para relação humana, social e econômica têm grande potencial para o desenvolvimento de conhecimento dentro do museu a partir de seu acervo. Há pautas relevantes que são debatidas com os visitantes, como, por exemplo, as relações étnicos raciais, de gênero, a tecnologia, a sustentabilidade. Dessa forma, pode-se dar direcionamento aos trabalhos desenvolvidos dentro do museu e/ou fora dele.

São pensadas pelo setor educativo, sistematicamente, interdisciplinaridades pedagógicas, registros, avaliações e análise de público, entre outras atividades inerentes à equipe educativa, para proporcionar ao museu um pleno desenvolvimento técnico, sociocultural, humano e político.

O educativo do Museu de Artes e Ofícios se apresenta como um setor com alto nível de complexidade e que forma seus trabalhadores para desenvolvimento contínuo em áreas socioculturais e acadêmicas. Nesse sentido, o MAO pode ser considerado um laboratório de práticas educativas, um espaço de experimentação, de criatividade e de inovação.

A equipe educativa avança em capacidade técnica para multitarefas, pois há essa demanda

para o setor. A construção de conhecimentos, inovação e experimentação em ações na área de desenvolvimento humano, cultural e de responsabilidade social faz com que o setor educativo seja o coração do museu. Por meio da gestão do SESI (2016)², esse setor conta com seis educadores efetivos, cada um com jornada laboral de 40 horas semanais, e também com quatro estagiários, com 30 horas semanais. Dois educadores estão no museu há mais de oito anos, outros três, há mais de dois anos e outra educadora, que foi efetivada por meio do estágio, já soma mais de um ano e meio de atuação do setor. Os contratos de estágio são de um ano e podem se estender em no máximo dois anos, de acordo com lei federal de estágio.

Figueiredo e Loureiro (2002) afirmam a importância e a força socioantropológica nos discursos e também nas práticas educativas. Os educadores se formam e se desenvolvem em sua prática a partir da elaboração, do desenvolvimento e da avaliação de suas atuações em diversas áreas do setor educativo.

Entende-se que existem pontos muito comuns no desenvolvimento dos indivíduos. Experienciar o museu como profissional da área envolve apreciar o acervo em diversas dimensões, já que a relação entre o acervo e o mundo é tanto simbólica quanto desafiadora. Não visa apenas à preservação e/ou à comunicação. Essas dimensões se complementam, permitindo-nos reconhecer a riqueza dos objetos, ao mesmo tempo que compreendemos as disciplinas que respaldam sua materialidade, sua proveniência, e o papel que desempenham como símbolos na narrativa de histórias. Isso nos instiga a questionar quem os utilizou e em qual contexto estavam inseridos.

Entendemos, assim, que as ações educativas têm o potencial de servir como meios eficazes para divulgar e comunicar as referências culturais presentes no acervo do museu ao público. Na relação museu/visitante, na representação que o MAO tem como protagonista à contação da história do trabalho no Brasil, pode-se dizer que o museu é um laboratório vivo em contínuo processo desenvolvimento acadêmico e científico.

²Desde julho de 2016, a responsabilidade pela gestão do Museu foi transferida, através da assinatura de um convênio, para a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais — FIEMG e Serviço Social da Indústria — SESI/MG. Pela parceria firmada com o SESI/FIEMG, o Instituto Cultural Flávio Gutierrez (ICFG) continua responsável por garantir a integridade do conjunto de peças tombado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, de enorme importância para o Patrimônio Nacional. (Relatório - Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2020.), áreas do setor educativo.

2.4 O Museu de Artes e Ofícios

[...] é um encontro de diferentes campos de conhecimentos e poderá ser também objeto de estudo de relações sociais e humanas. A prática cultural que o museu representa, através do seu acervo – as referências materiais –, deve estar organizada de forma a facilitar possíveis análises para a compreensão do imaterial – os processos, aquilo que não é visível e poderá ser descoberto, desenrolado. Para isso acontecer é necessário adotar uma postura transdisciplinar, dada a complexidade do assunto. (LOUREIRO, 2004, p. 294).

Aliar a parte simbólica à experiência de visitar o museu se torna precioso na construção de conhecimentos. A postura transdisciplinar, conforme nos diz Helena Loureiro (2004), vai além do símbolo de poder dos objetos musealizados, pois o objeto principal do museu é o trabalho: este é o seu cerne principal, o protagonista do museu. Esse protagonismo liga-se à esfera humana e às suas dimensões. Os deslocamentos do olhar são intrínsecos a esse espaço, e existem muitas outras possibilidades analíticas da relação humana com o mundo. Dar sentido ao que encontramos, vivenciamos e produzimos nas comunidades por onde andamos e vivemos é inerente à vida humana.

Esses sentidos podem produzir significados por meio do encontro humano com outros símbolos pensados pelos humanos, e, dessa forma, culturas são construídas. Por meio dessas culturas nos educamos. O primeiro Programa Educativo do Museu foi nomeado “Fio da Meada”; em sua premissa, conforme Loureiro (2004), havia possibilidades enormes de reflexão e de interpretação. O programa, em seu âmago, existe com que propósito? Qual o sentido de criar um setor educativo no Museu de Artes e Ofícios?

Essa resposta para muitos especialistas e trabalhadores de museus parece óbvia, no entanto, para as pessoas que nunca estiveram nesse espaço e são marcadas culturalmente por conhecimentos estigmatizados sobre o tema ali exposto, sequer imaginam que exista tanta cientificidade, construção de conhecimento, pedagogias e possibilidades construtivas.

O programa “Fio da Meada”, segundo o professor Jezulino Braga (2011) propôs um conjunto de ações que buscavam a fruição livre. O foco central eram os sujeitos e, durante a mediação, buscava-se potencializar o senso crítico dos estudantes. Ainda para muitos, o museu não passa de lugar para se guardar o “velho”, o que já se passou, ou para se constatar fatos históricos daquilo que não se viveu ou apenas para servir ao professor que leciona algum tema

relacionado ao currículo escolar.

Entender a história de museus em nossas vidas vai além da visualização dos objetos antigos. Como afirma Loureiro (2004, p. 297), “quando se acha o fio, você tem a possibilidade de desenrolar da meada, transformá-la em algo seu, construir, a partir desse desenrolar, alguma coisa que vai se tornar um patrimônio pessoal.”. O nível de complexidade do setor educativo extrapola entendimentos e propõe pesquisa e criatividade, a fim de universalizar as possibilidades desse lugar, que é institucionalizado e também possui ideologias próprias, desde sua concepção. O fazer pedagógico do museu alia-se ao coletivo e ao singular, ao “meu” e ao “seu” e também ao “nosso”.

O olhar científico do museu, que tem em seu cerne a articulação de relações humanas, encontra ressonância na teoria de Stuart Hall sobre a identidade cultural. Hall (1992) argumenta que a identidade não é algo fixo e predeterminado, mas sim uma construção social e cultural que está em constante transformação. Da mesma forma, o museu não se limita a ser um espaço estático para a exposição de objetos materiais, mas é, por outro lado, um local de construção e de reconstrução de identidades.

Assim como Hall (1992) enfatiza a importância do contexto social e cultural na formação da identidade, o museu busca contextualizar os objetos e oferecer novas perspectivas aos visitantes. Através de sua abordagem científica, tal dispositivo cultural busca não apenas apresentar suas peças, mas também dar sentido a elas, desafiando os visitantes a refletirem sobre como esses objetos se relacionam com suas próprias identidades e experiências.

Ao proporcionar espaços para a escuta e o discurso, permite-se que os frequentadores compartilhem suas próprias histórias e interpretações, enriquecendo, assim, a experiência cultural. Além disso, menciona-se a importância de acessar a sensibilidade e a intimidade dos sujeitos que ali se encontram, o que está alinhado com a ideia de Hall de que a identidade é intrinsecamente ligada às emoções e às experiências pessoais. Ao criar um ambiente que permite a exploração dessas dimensões humanas, o espaço museológico contribui para uma compreensão mais profunda da identidade cultural. Portanto, o olhar científico em torno do museu, à luz da teoria de Stuart Hall, vai além da mera exposição de objetos, buscando promover uma reflexão mais profunda sobre a identidade cultural, o significado dos objetos e as experiências individuais dos visitantes.

O Programa Educativo e Cultural do museu iniciou suas atividades em 2006 e desde o seu início considerou as especificidades dos mais variados grupos de visitantes. As premissas do Museu são a valorização da diversidade cultural, política, étnica e de gênero da nossa sociedade. (EIXO TÉCNICO, 2022. p. 38-39).

Muitos projetos foram desenvolvidos no setor educativo ao longo dos anos, esse setor, por meio de gestão democrática, promoveu ações técnicas em parceria com academias, pesquisadores, professores e outros parceiros, movimentando-se de acordo com os desdobramentos sociais. (BRAGA, 2011). Outro direcionamento do setor, lançado em 2008, foi o projeto “Trilhos e Trilhas”, que buscava na mediação o cerne central da visita ao museu.

No processo de mediação, compreendem-se possíveis interlocuções do visitante com o acervo, não apenas o público escolar, mas também o público espontâneo. Houve a participação efetiva de professores, e foi elaborado material orientador para o desenvolvimento de ações interdisciplinares. Sob gestão do Serviço Social da Indústria (SESI), o Museu de Artes e Ofícios deu andamento a todo o serviço educativo e continuou com as parcerias já realizadas desde os anos anteriores.

O foco do educativo passou a ser tanto o visitante protagonista como também a mediação, houve a junção dos dois programas durante esse processo. Dessa forma, os projetos de formação de professores, atendimento de público com deficiências, democratização de acesso de crianças pequenas e o projeto Aula de Museu foram continuados sob gestão do SESI, a partir do ano de 2016. Projetos internos que buscavam melhorar e potencializar ainda mais as visitas ao espaço foram desenvolvidas, como ampliação de áudio descrição da arquitetura dos prédios.

Elaborou-se ainda o desenvolvimento de réplicas em miniaturas para pessoas portadoras de deficiência visual, sessão de espaço para artistas locais que queria apresentar suas exposições, ações de cultura e lazer, como “Trem de Férias, Trem da Folia, Uailloween, Museu e Família e Feira Colaborativa”, que fortaleceram ainda mais o serviço educativo para além das visitas mediadas com os escolares. Os eventos culturais promovidos pelo setor tiveram participação efetiva do público nas agendas, promovendo um atendimento ampliado ao público infantil e que se tornaram assíduos a partir da estruturação mais qualificada dos eventos educativos. Houve, durante a gestão, a garantia da autonomia do setor educativo e a disponibilidade de

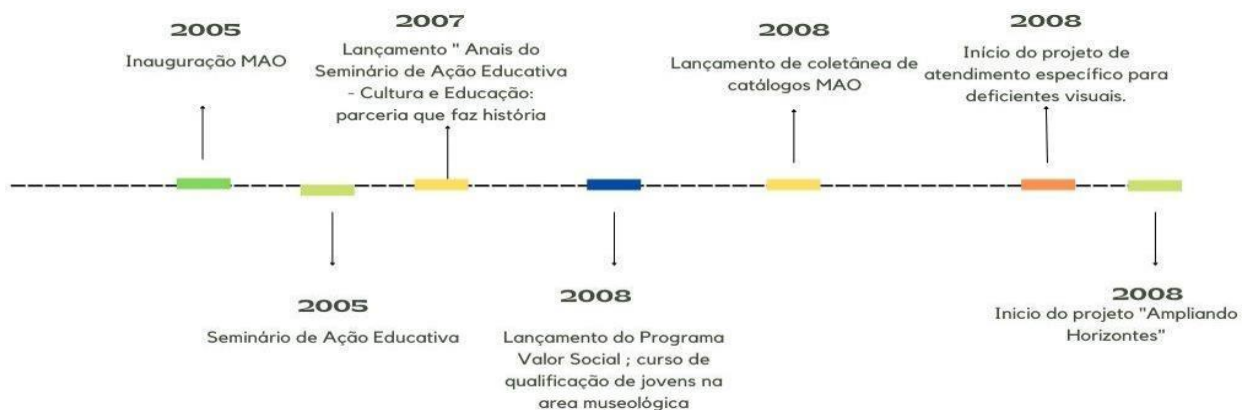
verbas para compras de materiais para o desenvolvimento das ações.

Em resumo, o SESI desempenhou um papel significativo na preservação e na valorização do patrimônio do Museu de Artes e Ofícios desde 2016, contribuindo para a manutenção do MAO como um espaço cultural relevante e acessível, onde a memória histórica e cultural do Brasil é celebrada e compartilhada com o público. Dessa forma, promoveram-se eventos culturais que atraíram tanto moradores locais quanto turistas, fortalecendo o papel do museu como um centro de cultura e entretenimento. Iniciativas como essas tornaram as exposições mais acessíveis, garantindo que um público diversificado pudesse desfrutar ainda mais do acervo.

Após uma pesquisa realizada no Instituto Cultural Flávio Gutierrez (ICFG), foram identificados projetos e ações relevantes para a criação de uma linha do tempo. Essas iniciativas abrangem a formação de professores, o envolvimento de estudantes, crianças e pessoas com deficiência, bem como a realização de atividades específicas pelo setor educativo. Além disso, eventos significativos, como o tombamento do acervo do museu em 2015, também foram incorporados a cronologia,

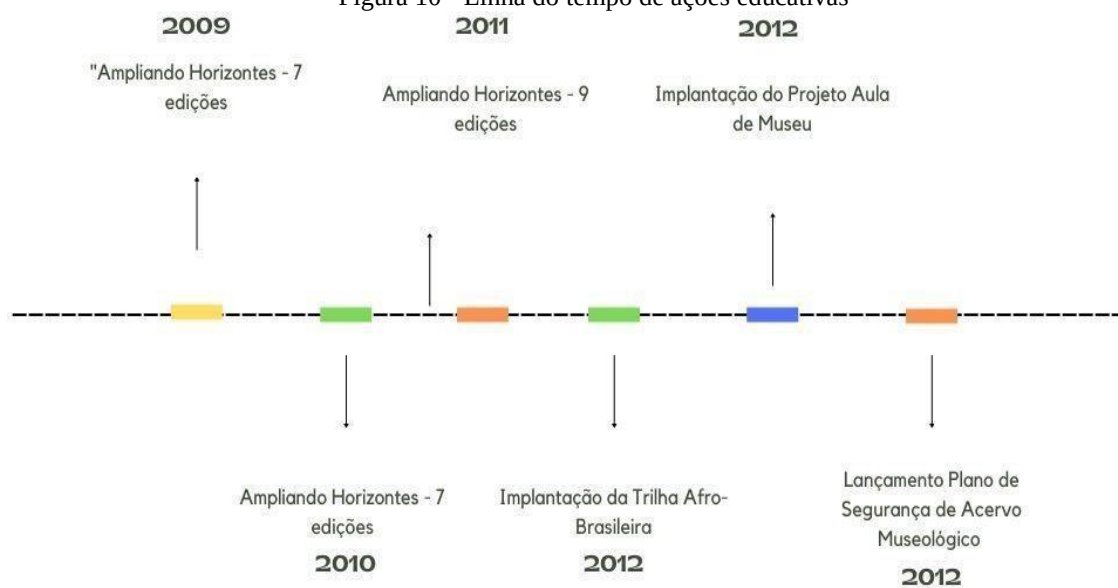
As ações educativas para conectar as coleções museológicas às transformações dinâmicas da sociedade trouxeram e trazem para o setor educativo atuações diretas junto à população, com equipes especialmente formadas para atender às especificidades desses públicos plurais. Nas figuras a seguir, traço algumas linhas do tempo das ações:

Figura 9 - Linha do tempo de ações educativas



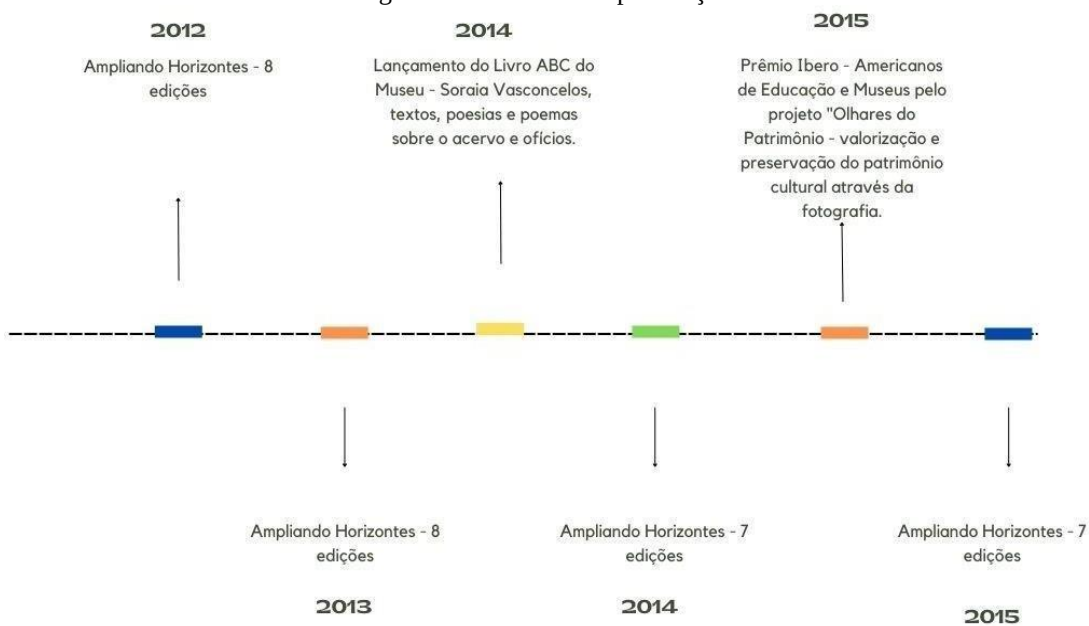
Fonte: elaboração própria

Figura 10 - Linha do tempo de ações educativas



Fonte: elaboração própria

Figura 11- Linha do tempo de ações educativas



Fonte: elaboração própria

Figura 12 - Linha do tempo de ações educativas

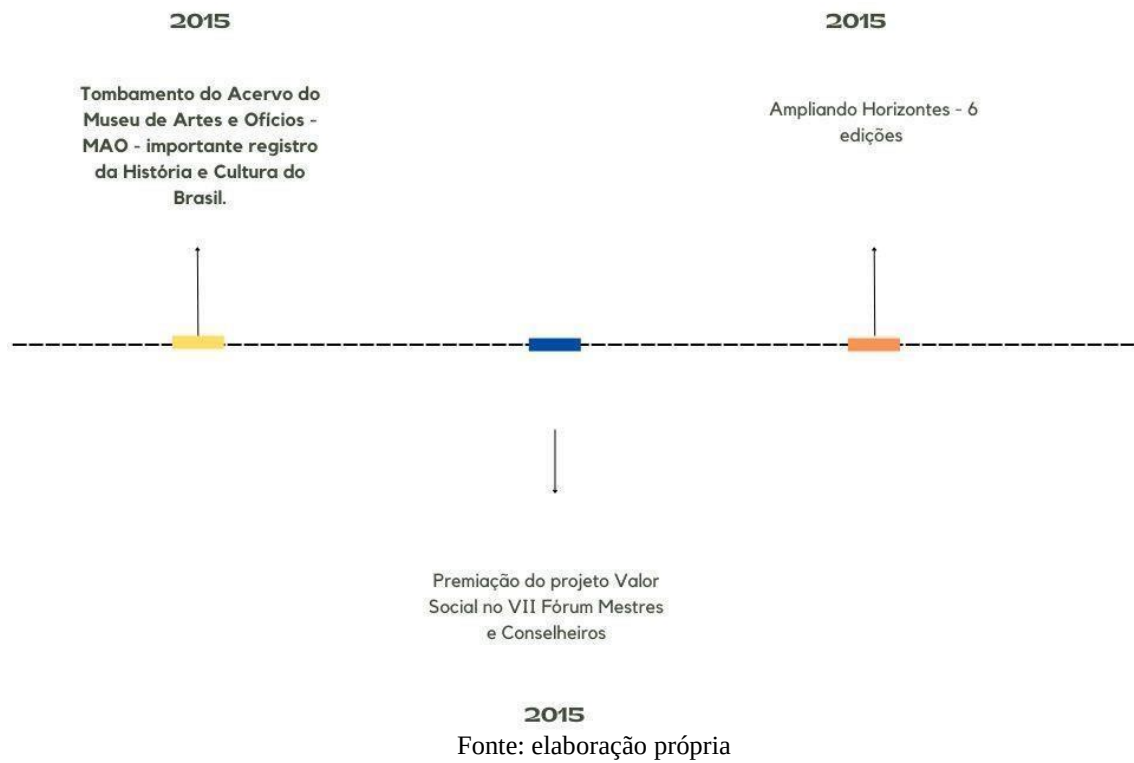


Figura 13 - Linha do tempo de ações educativas

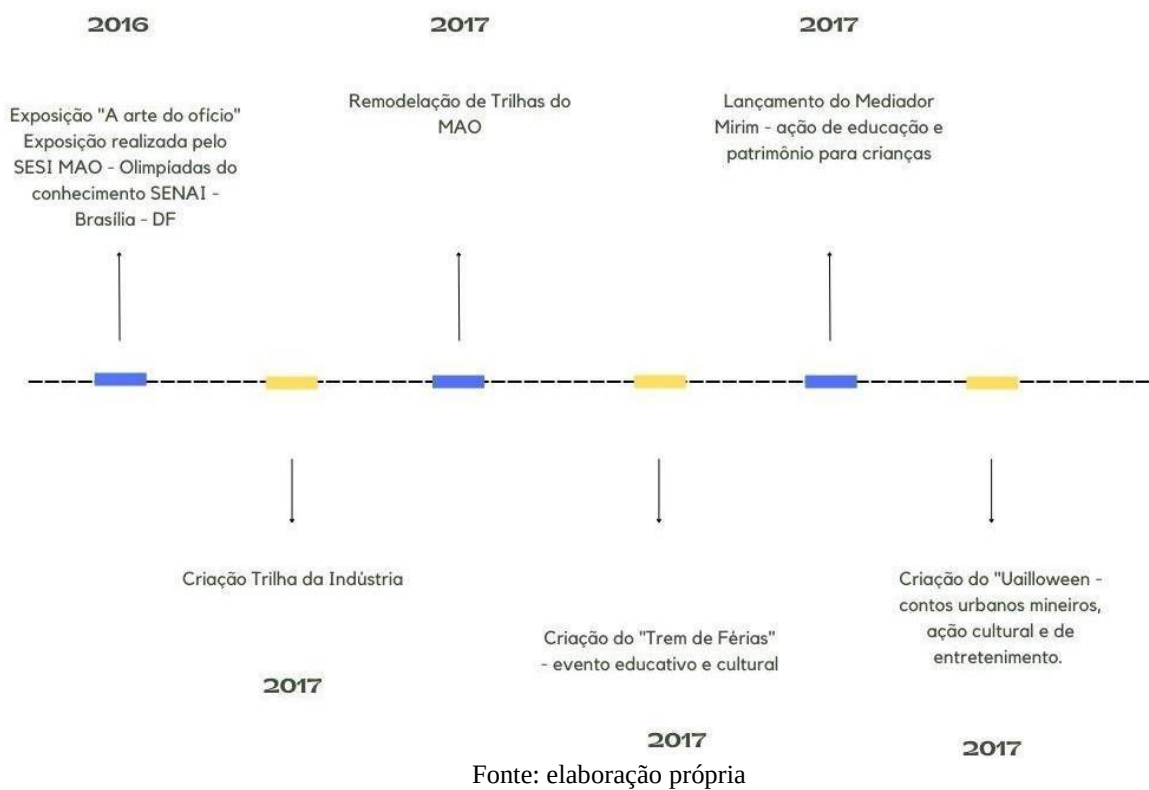
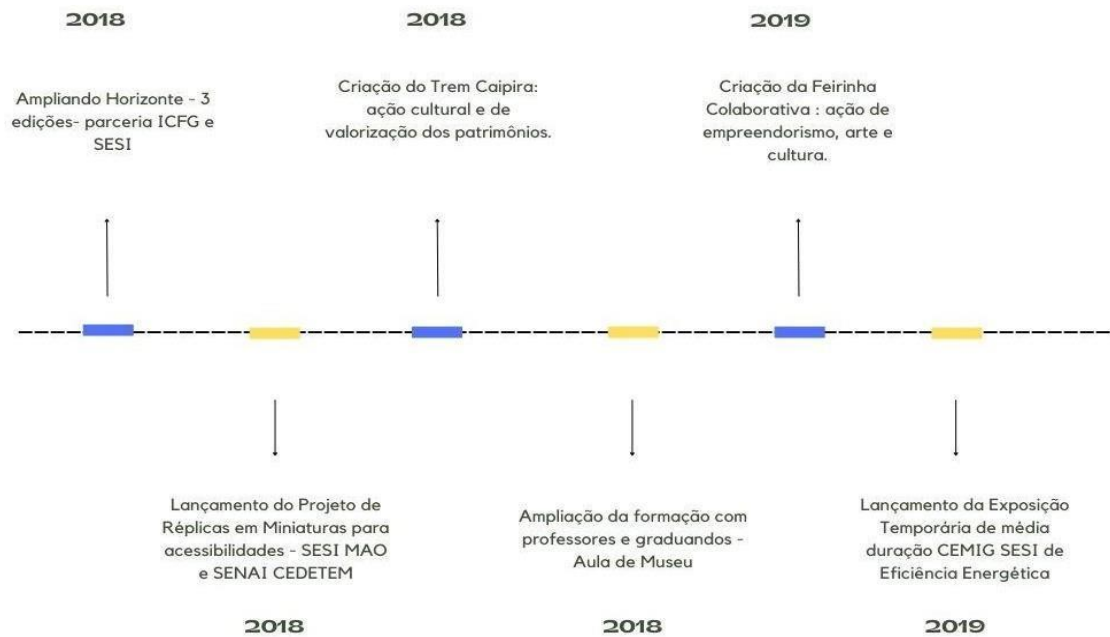
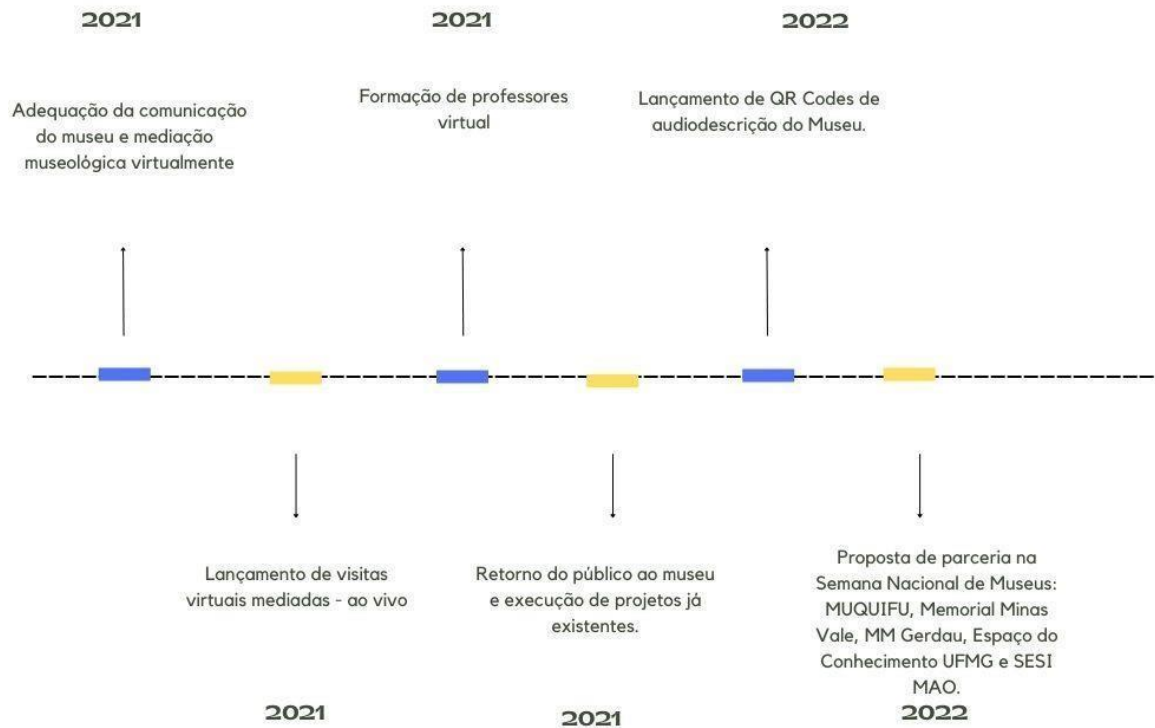


Figura 14 - Linha do tempo de ações educativas



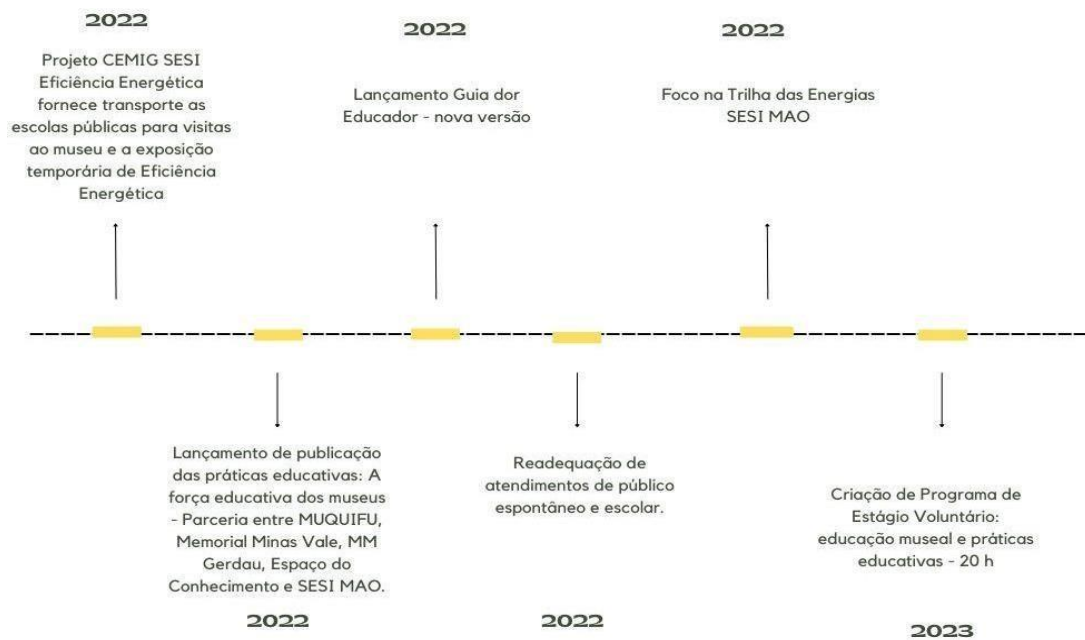
Fonte: elaboração própria

figura 15 - Linha do tempo de ações educativas



Fonte: elaboração própria

figura 16 - Linha do tempo de ações educativas



Fonte: elaboração própria

O Museu de Artes e Ofícios implementou seis percursos temáticos ao longo dos 17 anos de ações voltadas para a mediação. Foram realizados recortes dentro de seu acervo. As Trilhas Afro-brasileira, Trilha da Mineração, Trilha das Energias, Trilha Pequenos Caminhos, Trilha História do Trabalho e Trilha Mulheres e Ofícios foram criadas sob a gestão do ICFG. A Trilha da Indústria foi criada sob gestão do Sesi. Tais projetos não buscam debater contextos em apenas um tipo de acervo, ou como roteiro definido e engessado, mas sim conseguir enxergar em todas as suas coleções o que falta e o que sobra enquanto conteúdo.

A cultura e a educação sempre caminharam juntas como eixo principal de museus, e a responsabilidade social da instituição museal trouxe em sua essência a satisfação em receber os mais variados grupos de nossa sociedade, na busca por democratização de acesso à cultura e a educação, por meio de projetos específicos e atendimentos diferenciados. Cada percurso temático pode ser agendado por qualquer pessoa ou grupo, que busca entender e compreender temas e pautas relevantes para sociedade brasileira, por meio das histórias, que passam pelo trabalho e pelos ofícios desenvolvidos no Brasil desde os séculos passados.

2.5 Sinopse de trilhas do museu

2.5.1 *Mulheres e Ofícios*

Busca desenvolver reflexões acerca da discussão sobre gênero na sociedade brasileira, principalmente no mundo do trabalho, pois utiliza, como meio, o acervo do Museu de Artes e Ofícios em exposições previamente determinadas, porém não impede de ampliar os debates e pensar outros acervos.

A hierarquização de gêneros vem sendo muito debatida ultimamente, principalmente no que se refere ao papel da mulher na sociedade brasileira, por isso, a trilha dedica-se a criar referências positivas sobre a participação feminina na sociedade; a desconstruir ideais preconceituosos e estereotipados como gênero submisso ao homem; a historicizar a construção da hierarquização de gêneros e como isso afeta a sociedade brasileira, principalmente no mundo do trabalho e na determinação dos espaços ocupados por esses agentes sociais; ea apresentar ao público os ofícios exercidos pelas mulheres, assim como seus saberes, suas técnicas e habilidades.

2.5.2 *Afro-brasileira*

Aborda e ressalta a importância da cultura africana na formação dos ofícios em nossa sociedade. A trilha visa desenvolver a abordagem cultural e intelectual junto ao nosso acervo e também enfatizar contextos da atuação dos povos africanos na construção dos diversos saberes que envolvem as técnicas e as tecnologias intrínsecas em nossa cultura. Trabalhar a temática, através do acervo do MAO, possibilita uma gama de abordagens nos campos das artes, dos estudos sociais, históricos e pedagógicos, além de referências à cultura afro-brasileira. Por intermédio destes apontamentos, pode-se estabelecer e criar discursos que conduzem os visitantes a reflexão.

A partir das discussões pertinentes ao tema, pode-se promover conexões para além dos objetos das exposições; nesses processos de construção, pode-se revelar saberes além de pontuações de influência, com foco nos protagonismos. Destacam-se os atravessamentos culturais que perpassam o nosso cotidiano social, pois o MAO é um espaço privilegiado no tocante à concepção de experiência e à formação de novos saberes. Partindo dessa perspectiva do aprender e do conhecer diferentes realidades, provoca a compreensão acerca da temática

cultura africana e afro-brasileira.

2.5.3 Energias

A função do Energias é historicizar os aspectos energéticos utilizados no Brasil no período pré-industrial e estimular os visitantes a entender a importância da evolução do trabalho e seus desdobramentos, ao empregar energias através de força humana, tração animal e energia hidráulica. Buscam-se interlocuções com a atualidade e ampliar as discussões sobre os impactos dos seres humanos na natureza ao longo da história, das evoluções tecnológicas, da utilização de novas fontes de energias limpas, sustentáveis, justamente para promover reflexões sobre a mudança de comportamento na forma como nos valem da energia elétrica atualmente.

2.5.4 Pequenos Caminhos

Democratizar o acesso das crianças em sua primeira infância ao espaço museal. Esse é o propósito do Pequenos Caminhos, ou seja, construir, de forma lúdica, conhecimentos históricos, sociais, culturais, artísticos da História das Artes e dos Ofícios. A trilha busca incentivar novas visitas das crianças ao espaço junto às famílias e formar públicos interessados em museus, centros culturais, patrimônios, culturas, artes/educação e preservação de equipamentos culturais.

2.5.5 História do Trabalho

Essa trilha visa incentivar os visitantes a conhecer a importância dos ofícios para a construção do Brasil e também elencar panoramas gerais do museu e sua função pública. De forma generalista, por meio do acervo, é construído por meio de reflexões, por mediação junto aos visitantes, os gestos de trabalho, matérias primas utilizadas, habilidades, experiência, minúcias e emprego das mãos e ferramentas para execução dos ofícios antigos, além de descobrir o que há de similar e distinto em relação ao trabalho contemporâneo.

2.5.6 Indústria

A finalidade dessa trilha é compreender a formação da indústria brasileira a partir de um processo de continuidades e transformações, tecnológica e social, ocorridas a partir da segunda metade do século XIX. Os trabalhadores e ofícios representados no Museu de Artes e Ofícios têm influência direta como percussores da indústria, além de proporcionar uma série de reflexões a respeito do processo de desenvolvimento industrial no Brasil, tendo como eixo

de diálogo os objetos do acervo do Museu de Artes e Ofícios. Assim, nessa trilha, espera-se que se compreenda a história da indústria brasileira a partir do contexto dos ofícios do período pré-industrial, estabelecendo conexões entre os processos de produção, suas relações com a economia, relações de trabalho, dentre outros temas correlatos. É notadamente importante oferecer ao público um percurso temático que privilegie reflexões sobre essa mudança de paradigma no universo do trabalho brasileiro, pontuando as transformações históricas no contexto regional e nacional, bem como a relevância dos aspectos industriais da atualidade em Minas, e para além das gerais.

As trilhas desempenham um papel de destaque, ao ressaltar o caráter educativo do museu na sociedade contemporânea. Elas abordam e refletem sobre os estigmas associados ao trabalho das comunidades negras e das mulheres na construção do Brasil. Além disso, têm como objetivo abordar tópicos complexos que são essenciais para a educação brasileira de maneira reflexiva e mediadora.

Dessa forma, proporcionam aos visitantes momentos de introspecção e compreensão dos contextos que moldaram esses lugares. Os projetos educativos do museu incluem visitas mediadas ao acervo, nas quais os educadores desempenham um papel fundamental ao fornecer informações e *insights* relevantes. A intersecção entre cultura, educação e a valorização da indústria mineira é uma parte crucial do trabalho desenvolvido no setor educativo do Museu de Artes e Ofícios, e minha profissionalização está diretamente relacionada a essa dinâmica. Atuando nesse setor, tenho a oportunidade de construir pontes entre esses elementos, promovendo a compreensão da história industrial brasileira e sua relevância cultural.

Minha atuação profissional envolve a colaboração com diversas instituições de ensino, professores de diferentes níveis de formação. Essas parcerias também proporcionam a oportunidade de desenvolver ações educativas que enaltecem a memória coletiva e a história tecnológica do período pré-industrial no Brasil. O papel do setor educativo do Museu de Artes e Ofícios vai além de simplesmente apresentar o acervo. Ele engloba a criação de interfaces educativas que exploram as conexões entre cultura, educação e indústria, realçando o impacto desses elementos na formação da sociedade brasileira. Como profissional nesse contexto, minha contribuição reside em facilitar essas interações, disseminar conhecimento e promover parcerias que enriqueçam a história das artes e ofícios e a preservação dos patrimônios

materiais.

Dessa forma, o serviço educativo do museu buscou e busca continuamente as interlocuções com a sociedade, democratizar ainda mais o acesso ao museu e diversificar também o público do MAO, além de promover a conservação e preservação do acervo e educação e patrimônio. Em 2022, a média de público mensal no MAO foi de cinco mil pessoas.

No ano de 2022 o setor educativo do museu agendou um total de 797 instituições públicas, privadas, filantrópicas. Desse total de agendamento, ao todo foram 529 foram instituições públicas. Nesse mesmo ano o MAO promoveu ações educativas voltadas para o atendimento de público espontâneo e tivemos uma crescente visitação desse público. Expressivamente no mês de julho, setembro, outubro e novembro. Nesse sentido o público espontâneo representa 32,55% do público geral do MAO. (SESI/MAO, 2022, s.d).

Muitas ações despertam o interesse do público, aumentando a presença das pessoas no museu, seja por meio das visitas agendadas ou espontâneas, e umas das ações que evidenciam isso é o projeto Aula de Museu, como se observa na figura a seguir:

Figura 17 - Aula de Museu, 2017.



Fonte: elaboração própria

Através dessa ação são realizadas visitas a instituições de ensino apresentando a temática que envolve o Museu de Artes e Ofícios. Nessas visitas, o Setor Educativo apresenta aos estudantes peças do acervo, materiais informativos e didáticos, e, posteriormente, são

promovidas visitas mediadas desses estudantes e professores ao museu. Em desenvolvimento desde junho de 2012, os resultados apresentados pelo projeto “Aula de Museu” foram extremamente positivos. A visita ao MAO ganha maior visibilidade, e o envolvimento de estudantes e professores é evidente, possibilitando maior compreensão do próprio Museu quanto para exposições e ações educativa simultaneamente, modulando sua estrutura didática e ampliando as possibilidades de fruição do acervo: “No ano de 2022 o museu atendeu 2646 pessoas dentro do projeto, que representa 6,1% do público anual do museu. ” (SESI/MAO, 2022, s.p). O museu cotidianamente, através de pesquisa e participação constante em eventos de educação escolar e museal, pesquisa de público e de educação continuada de sua equipe, repensa suas ações educativas para construir consonância com as transformações necessárias à educação brasileira.

Maria Margareth Lopes (1991), em seu artigo “A favor da desescolarização dos museus”, traz contribuições importantes em relação ao modo como os museus reproduzem, em suas visitas, características escolares no espaço, o que o torna, algumas vezes, a extensão da escola por cumprir ritos muito semelhantes.

É forte ainda o estigma em torno da ideia de que os museus são complementos de disciplinas lecionadas nas escolas, e os números não mentem. No ano de 2022, 65% do público do MAO foi escolar (SESI Museu de Artes e Ofícios, 2022). No entanto, é relevante analisarmos que os tais espaços materializam, por meio de seus objetos, esses conhecimentos e pode alavancar outros sentidos para os visitantes, seja eles escolares ou não. Apesar de ter similaridades com com ambiência escolar, há também distinções, como tempo, logística, intenção pedagógica e cultural, além de metodologias e recursos utilizados na mediação museológica, que buscam uma aprendizagem não passiva, ainda que isso tenha mudado nas escolas contemporaneamente.

De acordo Siman (2003), pode-se refletir sobre a ideia de uma “escolarização adequada”, isso resolveria a relação entre ambos os espaços”? Trazer sentidos pedagógicos para a visita ao MAO não quer dizer escolarizar, embora haja intercessões com as intenções pedagógicas de professores, além de o número de estudantes da educação básica ser expressivo dentro do museu. Se há a intenção dos professores em complementar os conteúdos trabalhados em sala de aula, há a intenção do setor educativo em apresentar o carácter cultural desse espaço e seus temas específicos. No entanto, há parcerias entre museu e escola e, dessa forma, busca-se

atender à demanda do professor e da escola. Por isso, o lugar do museu e de seus profissionais também se estabelece como um lugar complexo, pois ao mesmo tempo que os trabalhadores do atendem à demanda de acolher o maior número de público, eles buscam ainda o caráter científico e cultural da exposição, a fim de desenvolver um trabalho pedagógico.

O trabalho do setor educativo visa construir conhecimentos acerca de seu acervo e de suas histórias, e também novas formas de construção para superar, algumas vezes, a ideia de “escolarizar”. O fazer pedagógico do mediador em uma visita agendada com estudantes se desenvolve de forma orgânica e genuína, já que leva também em consideração a não vivência do estudante naquele espaço cotidianamente, como normalmente ocorre em uma escola, cuja rotina se dá integralmente à vida daquele estudante.

Os níveis de complexidades de ambos os espaços são elevados: ao mesmo tempo que há distinções entre os ritos e características, há outras similaridades, principalmente quando se pensa em público escolar. Para debatermos essa relação, temos que refletir sobre quem são os frequentadores desse espaço e qual a finalidade de frequentá-los.

Desde sua concepção, o grande público do Museu de Artes e Ofícios foi escolar, sendo esses grupos, de educação básica, em todas as modalidades e etapas, seja em Educação de Jovens e Adultos, ou grupos que da educação infantil, fundamental e médio. Outros projetos para atendimentos, envolvia professores e pesquisadores em nível superior, além de graduandos.

A concepção do museu envolveu e envolve a comunidade escolar acadêmica em seus projetos pois seu percurso enquanto museu, serve também para o desenvolvimento humano, cidadão e a relação com a história e cultura. A rotina do fazer pedagógico do setor educativo junto aos visitantes tem como cerne mostrar de forma crítica o acervo do museu. Em sua atuação profissional o mediador, quando disponível nas galerias do museu, busca adequar o discurso de acordo com faixa etária, intenção de visita, tempo do gasto ao olhar a exposição. O mediador desenvolve em sua rotina de trabalho a capacidade de análise do público e adaptação do atendimento de acordo com suas necessidades. Dessa forma, pode se especializar por meio de sua prática profissional, nesse atendimento de público. Atualmente o museu atua por meio de projetos e busca desenvolver formações com vários eixos interdisciplinares, na área de educação, tecnologia, cultura maker, além de continuar a fazer formações internas e externas, buscar caminhos pedagógicos inclusivos e progressistas, além de ser um lugar apropriado para o desenvolvimento de diversos grupos e movimentos sociais

de Belo Horizonte e região metropolitana.

Figura 18 - Oficina Maker - A origem da propulsão mecânica. Atendimento de ONG no Museu de Artes e Ofícios, 2023



Fonte: Eixo Técnico, MAO, 2022.

Os atendimentos de públicos diversos, pelo setor educativo, e promoção do acesso à cultura e da educação acontecem por meio de agendamentos de visitas mediadas pelo setor e também atendimento do público espontâneo. Para além da preservação das coleções de objetos do museu, os visitantes que agendem suas visitas buscam no museu fontes de pesquisa que acabam por fazer parte de seus itinerários formativos, de grupos escolares ou não.

Esses grupos encontram no espaço, acolhimento diferenciado para trabalhos pedagógicos, e também motivações, estímulos acadêmicos, oficinas e a partir dos símbolos presentes do ambiente, seja ele material ou não. No entanto, o público escolar do museu em 2022 representou 72% do público geral do museu no ano (EIXO TÉCNICO MAO, 2022). Percebe-se então que é bastante demandado pelas escolas e projetos relacionados à educação escolar.

Segundo Pereira, citado por Braga (2015) “o fazer educativo nos museus, passa a ser visto como oportunidade formativa uma vez que é rico em experiências, contatos e trocas”. O setor educativo, por meio de reflexão e ressignificação de seu acervo, buscou e busca contextualizar suas peças, coleções de ofícios e suas interações com a história, sociedade e cultura brasileira. Revela circunstâncias por meio de pesquisa, debates, formações e recepção dos

visitantes, que com olhares singulares trazem para dentro do museu informações e pluralidade de informações. Sabemos que o público escolar é a grande fatia do público do museu, porquanto é importante citar que as escolas ao levar os estudantes em idade escolar para o espaço, promove e estimula a frequência nesses lugares, formando um público multiplicador e possível frequentadores de museus. Já o setor educativo ao receber esse público, não estimula apenas o olhar acadêmico ou propicia complementação de conteúdos escolares, mas visa estimular a riqueza e os potenciais de experiências, lazer, entretenimento do museu, que pode ser ocupado de várias formas.

Por meio das peças expostas, revisita-se o passado, mas ao mesmo tempo é um espaço apropriado para imaginar o futuro, o desenvolvimento tecnológico, a inovação. As exposições temporárias, por exemplo diversificam o público e também estimulam, por meio de mediação a reflexão das mudanças sociais das últimas décadas e séculos. O setor educativo geral do Museu de Artes e Ofícios desde a implantação de seu programa buscou democratizar o acesso ao acervo do MAO e atrair a sociedade para dentro do espaço a fim de garantir a preservação material e imaterial das Artes e Ofícios no Brasil.

Dessa forma planejar, desenvolve e avalia as suas ações educativas pertinentes à preservação, divulgação e do acervo a fim de garantir melhores experiências a esses visitantes. Outro ponto importante que é relevante apontar é a relação institucional com outros equipamentos culturais, de ensino, pesquisa e tecnologia, dessa forma pode dar reconhecimento e vazão para novos projetos e desenvolver ainda mais o acesso ao espaço museológico. Ao longo do meu percurso no setor educativo do museu, observo que o trabalho é amplo, complexo e desafiador. Reuni de forma sintética as funções gerais do setor educativo e suas atribuições enquanto coração do museu. Cito-as:

- A) divulgar pesquisas científicas voltadas para o acervo do Museu de Artes e Ofícios e temas inerentes à educação museal por meio das visitas mediadas com o público visitante.
- B) elaborar visitas temáticas de forma interdisciplinar envolvendo outros agentes de educação e cultura.
- C) reunir, organizar, armazenar e divulgar conteúdos relacionados ao museu, como: saberes do universo das artes e ofícios, período pré-industrial, indústria mineira e relevância do mundo do trabalho, por meio de ações educativas e eventos culturais.

- D) agendar visitas mediadas, elaborar discursos, desenvolver mediações, oficinas e avaliação da prática educativa.
- E) comunicar com a comunidade do museu e acolher todos os grupos agendados e espontâneos.
- F) formar públicos multiplicadores de conhecimento sobre museus e centros culturais através de ações de educação e patrimônio para crianças.
- G) planejar, orçar e organizar eventos culturais dentro do museu.
- H) sensibilizar e desenvolver formações para professores e interessados sobre os patrimônios preservados do Museu de Artes e Ofícios.
- I) participar de seminários, congressos, colóquios em Universidades públicas e privadas e outras instituições, como agente divulgador de elementos teóricos e práticos de Educação Não Escolar.
- J) ser reconhecido enquanto instituição que pesquisa do campo da educação museal.

As responsabilidades administrativas do setor educativo do Museu de Artes e Ofícios englobam o planejamento, coordenação, a gestão de informações ao público, comunicação da instituição e organização de eventos culturais educativos, promoção de reconhecimento da instituição, todas essenciais para o sucesso das atividades educacionais e de preservação do museu.

2.6 O acervo e suas potencialidades

A coleção que deu origem ao Museu de Artes e Ofícios (MAO), formada por peças originais dos séculos XVIII ao XX, foi iniciada há cerca de setenta anos pelo engenheiro Flávio Gutierrez, pai de Angela Gutierrez, idealizadora do Museu e Presidente do Instituto Cultural Flávio Gutierrez- ICFG. Ao longo dos anos, as peças reunidas passaram por um processo de restauração, conservação e pesquisa, com investimento da própria colecionadora e também investimento público e privado. A coleção constituída foi doada ao patrimônio público em 2005, quando da abertura do Museu de Artes e Ofícios, e tornou-se acessível a grande e diversificado público, em um espaço histórico localizado na região central de Belo Horizonte, o que favorece sua visita.

As coleções representam antigos ofícios em setores tradicionais como a mineração, lapidação e ourivesaria, alimentício, tecelagem, energia e curtumes. Os objetos e a própria história narrada pelo Museu remontam às origens dos processos fabris, em sua confluência com as

artes manuais, artesanato e manufatura.

Os acervos do museu são expostos em 16 nichos de ofícios. São eles: ofícios do transporte, ofícios ambulantes, ofícios do comércio, proteção do viajante, jardim das energias, ofícios da mineração, ofícios do fogo, ofícios da madeira, ofícios da cerâmica, ofícios do comércio, ofícios da lapidação e da ourivesaria, ofícios do couro, ofícios da terra, ofícios da conservação e transformação dos alimentos, ofícios dos fios e dos tecidos. Cada nicho dos ofícios citados acima, são representados por coleções de ferramentas, utensílios, equipamentos que correspondem aos ofícios tradicionais.

2.6.1 Divisões de ofícios do Museu de Artes e Ofícios

No prédio A do museu são quatro nichos. São eles: A1 (Ofícios do Transporte) A2 (Ofícios Ambulantes) A3 (Ofícios do Comércio) A4 (A Proteção do Viajantes). Cada nicho tem ofícios relacionados. Com exceção da Proteção dos Viajantes que são representados pelos objetos, como indumentária, armas, facas, oratórios e mapas.

Tabela 1- Divisões de ofícios do Museu de Artes e Ofícios

A1	A2	A3	A4
Tropas e tropeiros	Vendedores de rua	Comerciante	Carranqueiro
Canoeiro	Mascate		
Carpinteiro			
Carreiro			
Carpinteiro de roda			

Fonte: elaboração própria

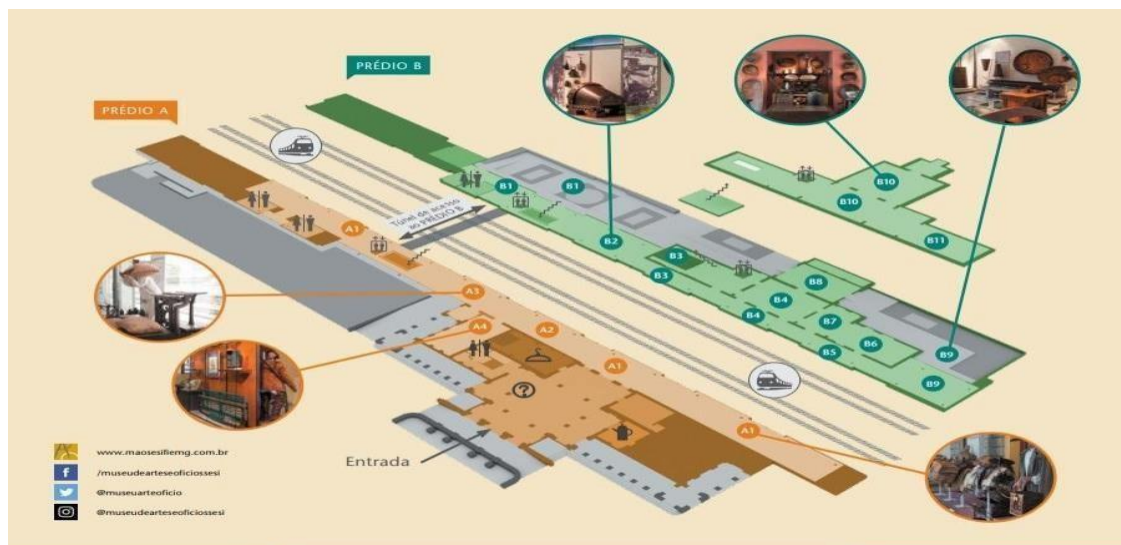
No prédio B, são 11 nichos, com exceção do Jardim das Energias, que é representado por equipamentos hidráulicos, com moinhos, moendas, rodízios, engrenagens, monjolos e tornos. Assim classificados: B1 (Jardim das Energias), B2 (Ofícios da Mineração), B3 (Ofícios do Fogo), B4 (Ofícios da Madeira), B5 (Ofícios da Cerâmica), B6 (Ofícios do Comércio), B7 (Ofícios da Lapidação e Ourivesaria), B8 (Ofícios do Couro), B9 (Ofícios da Terra), B10 (Ofícios da Conservação e Transformação dos alimentos) e B11 (Ofícios dos Fios e Tecidos), como se observa a seguir:

Tabela 2 - nichos

B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11
	Garimpeiro	Ferreiro	Carpinteiro	Ceramista	Botica	Lapidador	Curtidor	Mestre de açúcar	Farinheiro	Fiandeira
	Minerador	Fundidor	Marceneiro	Oleiros	Venda	Ourives	Seleiro	Alambiqueiro	Cozinha Cozinha Brasileira	Tecelã
		Funileiro	Tanoeiro				Chapeleiro	Lavrador	Mantigueiro	Descaroçadeiras
							Sapateiro		Queijeiro	Rendeiras
									Acougueiro	Costureiras
										Alfaiate

Fonte: elaboração própria

Figura 19 - Mapa do Museu de Artes e Ofícios, do site do museu.



Fonte: MAO, 2023

A inspiração para pensar o museu vem de seu acervo, que foi rigorosamente analisado e colocado em seus lugares, com intenções, ideologias, desejos. Essa organização nos permite pensar quais são os potenciais educativos, culturais que o acervo pode trazer para as mediações museológicas, os silêncios, as agonias, as faltas. Frederico Pinho (2012), em sua dissertação sobre o ensino de história no Museu de Artes e Ofícios, nos diz:

Por isso precisamos estar atentos não só ao que o museu afirma, mas também ao que ele silencia. Fazer relações entre museu e educação,

especialmente na área do ensino de história, implica reconhecer que os museus sempre tiveram um caráter pedagógico, ainda que nem sempre o assumissem. Não há, nesse sentido, museu inocente. (PINHO, 2012 p. 37)

Nos primeiros dias do meu estágio no Museu de Artes e Ofícios, a coordenadora pedagógica, Naila Morthé, falou-me sobre o livro de Edgar Morin, cujo título é *Cabeça bem-Feita* (1999). Lembro-me de suas palavras: “Quem não quer ter a cabeça feita? Feita de quê? Encaixotar tudo que puder dentro da cabeça para poder usar algo de vez em quando faz algum sentido?”.

Ela já estava falando, nas entrelinhas, sobre os potenciais do acervo do museu, suas interdisciplinaridades e senso crítico que o educativo iria me proporcionar ao longo do estágio profissional. Eu descobriria, mais tarde e no percorrer dos estudos, que os olhos, os ouvidos e os sentidos deveriam ser aguçados e, ao mesmo tempo, estarem atentos para o que viria, tanto dos estudos acadêmicos, quando dos visitantes que me atravessariam.

Haveria sentido em ter muita informação e poder usá-las quando houvesse necessidade? Sim, nem sempre contamos tudo que aprendemos, outras vezes, contamos o que aprendemos e, dessa forma, aprendemos mais um pouco. A criatividade e a escuta também caminham juntas. Entendi que vivenciar e trabalhar no museu com os públicos é aproveitar o organismo vivo museu e fazer relação com meu corpo e com meu campo mental e criativo. Entender que tudo pulsa naturalmente como se fosse o sangue e o coração em sua relação natural. Foi assim que aconteceu o meu desenvolvimento profissional e muitas jornadas formativas no museu.

Morin (2005) afirma que a constituição de um objeto e de um projeto, ao mesmo tempo interdisciplinar e transdisciplinar, é que permite criar o intercâmbio, a cooperação, a pluricompetência. São intercâmbios possíveis dentro do museu quando pensamos em suas organizações, o que nos faz refletir para além dos objetos, dos contextos históricos, dos usos, das matérias primas, geografias, artes, histórias, matemáticas. Muitas vezes, os saberes sistematizados vêm ao encontro de nossas experiências de vida e atravessamentos naturais.

A multiplicidade de organizações possíveis e a articulação entre as organizações tornam o símbolo material objeto possível de pesquisa. Segundo Fazenda apud Suero (1986, p. 18, 19), a interdisciplinaridade "pode estabelecer relações entre duas ou mais disciplinas, seja matemática ou história, geografia ou literatura e biologia. Cada uma em sua respectiva área, pode contribuir, sem valorizar uma ou outra, mas correlacionando de forma igual."

Affonso Romano Santana, em uma entrevista realizada em 2005, “o Lado poético da Ciência”, concedida à Carla Almeida, do Centro de Estudos do Museu da Vida, discorre sobre o quanto a ciência influencia sua produção, suas narrativas, crônicas e poesias. A entrevista evidencia como o poeta dá rumo a suas ideias e ao seu desenvolvimento cognitivo na elaboração de crônicas, textos e poemas, e ele nos diz sobre o pensamento interdisciplinar:

[...] por uma questão biológica e psicológica, minha cabeça pensa interdisciplinarmente. Tem gente que só pensa fragmentariamente, só se concentra no pequeno, nas partes. Não é defeito, é fatalidade biológica e psicológica. Tenho esse vício de correlacionar as coisas. As coisas mais díspares. E isto está na raiz da arte e da ciência. Afinal, o que é uma metáfora senão a junção de duas coisas improváveis? [...] (SANTANA, 2006, p. 219).

A interdisciplinaridade é comum nas construções pedagógicas nos museus, naturalmente, pela quantidade de objetos que muitas vezes está exposta. Entender que o museu tem capacidades de trazer à cena aberturas relacionais a todas as ciências é promover o autodesenvolvimento profissional e ao mesmo tempo potencial do ambiente. O acervo do Museu de Artes e Ofícios também tem, em sua raiz, essa inter-relação disciplinar, e isso o promove, assim como a ciência em torno da materialidade que se compõe.

A partir dos símbolos expostos e dos contextos sociohistóricos, há correlação com vida humana, que é inata a qualquer ciência; seja individualmente ou em conjunto, as peças conduzem cada visitante a uma identificação com o universo do trabalho ali referenciado. A observação do acervo também revela que, mesmo quando se desenvolve um objeto para suprir uma necessidade de trabalho, o homem usa sua capacidade criativa e se expressa com arte e sensibilidade. São dois temas distintos, porém, há uma relação entre eles, necessidade-criatividade. A interdisciplinaridade pode ser estimulada a partir dos conjuntos de objetos ou individualmente, pelo próprio visitante, ou por meio de um mediador em maior ou menor grau.

O uso pedagógico do museu faz parte de uma concepção ampliada de educação, em que o sujeito está integrado de forma sensível ao mundo pode refletir sobre sua história e sobre as tramas culturais nas quais está envolvido. No museu, o ato educativo é diferente do conhecimento que a escola constrói, pois está localizado em seus espaço e tempo curtos, exigindo, assim, outros ritmos e outras linguagens. (BRAGA, 2016, p. 36).

A potencialidade científica traz ao visitante a possibilidade de refletir e analisar, por meio de sua experiência junto a exposição, mas também por meio de suas vivências anteriores e, dessa forma, criar caminhos sobre o que está sendo visto na exposição, o que dá sentido a outras

reflexões. A exemplo disso, apresento aqui as percepções de mediação realizada por uma mediadora do Museu em relação ao grupo de 8º ano do fundamental II, de Escola Estadual de Belo Horizonte –MG.

A mediadora inicia a visita, mas os estudantes ainda estão distraídos. Ela procura captar a atenção deles, pois estão explorando o museu, visualmente, em um primeiro momento, curiosos e fascinados pelo espaço, buscando identificação com seu universo particular, com suas experiências. A mediadora precisa chamar a atenção deles, pois tem um horário e uma logística a seguir. Ela deve começar, conduzir e concluir a visita, afinal, é responsável pela mediação do museu, e essa visita foi previamente agendada com objetivos pedagógicos específicos.

A mediadora do museu não ignora essa forma de abordagem dos estudantes, os quais exploram o espaço e comentam enquanto se familiarizam com o ambiente. No entanto, a professora continua seu trabalho, estimulando os sentidos e estabelecendo conexões entre ela, o acervo, os sentidos e os próprios discentes. Durante a mediação, ela aproveita os momentos em que alguns deles demonstram dúvidas ou fazem comentários, chamando a atenção daqueles que incomodam.

No entanto, a docente entende que não deve sufocar o encantamento inicial dos estudantes, permitindo que eles se desenvolvam de forma mais natural. A maneira como ela se move, seu tom de voz e sua atenção ao grupo influenciam a progressão do percurso. Seu objetivo é direcionar a atenção dos alunos para os objetos e materiais expostos. Os estudantes rapidamente estabelecem uma relação didática e percebem que isso é fundamental para a compreensão do conteúdo proposto, desde o agendamento da visita pelo professor até o desempenho de sua função como educadora.

Nesse momento, os estudantes já estão curiosos e engajados, e a educadora responde de forma empática às contribuições feitas por eles. Esses momentos são estrategicamente planejados pela educadora para promover o desenvolvimento científico da visita. Ela deseja ajudar os jovens a desenvolver a capacidade de refletir sobre o mundo por meio dos materiais expostos no museu, e os desdobramentos dessa experiência estão começando a se desenrolar. Destaco o olhar pedagógico empático durante a mediação, pois houve o engajamento dos estudantes. Assim, a educadora influenciou as experiências e nos mostra o quanto um ambiente acolhedor

pode ampliar a assertividade da visita.

Nesse sentido, percebe-se que a educação museal pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica dos visitantes, pois a mediadora, nesse processo, explorou abordagens e métodos pedagógicos na construção do pensamento atento e reflexivo. Nota-se o quanto os materiais expostos podem ser utilizados como recurso educativo para construção de conhecimento. Além disso, a consciência analítica pode ser contruída a partir das conexões entre passado e presente, inspirando reflexões sociais, históricas e culturais. O relato apresentado oferece *insights* valiosos sobre a prática de mediação museológica no MAO e sugere várias áreas de reflexão e o aprofundamento teórico que podem informar e aprimorar o trabalho educativo nesse espaço.

3 MEDIAÇÃO MUSEOLÓGICA

3.1 Mediar, Por que e Para Quem?

Como se sabe, a mediação não dá sossego a essas pessoas. Ela quer sensibilizá-las, provocá-las, instigá-las, impactá-las, transformá-las. Ela quer realizar no público os desejos e projetos que não somente ela própria, mas que também muitos artistas e instituições têm para essas pessoas, supondo que elas sejam beneficiárias desses desejos e projetos, sem considerar, portanto, uma eventual inconciliação entre uma parte e outra, que muitas vezes manifesta uma real interação entre arte e público; optando nesses casos por sustentar, de maneira mais ou menos advertida, a fantasia de uma reconciliação universal. (HONORATO, CAYO. 2012, p. 3)

Quais são os primeiros sentidos que despertamos ao visitar um Museu? Quais são os olhares possíveis? Olhar para quê, por que e para quem? Cada ser humano carrega em si sua própria história, sua maneira de enxergar e sentir o mundo; assim, ao visitar o museu, cada um acolhe o que lhe é familiar diante do que se vê, ou repele aquilo com o qual não se identifica ou não agrada. Assim são os museus. O olhar se expande e transforma-se num caminho que nos transporta para experiências que visitamos no passado ou até mesmo no presente, analisados com o olhar de agora.

O espaço museal como um lugar apenas de coisas antigas não cabe mais; mesmo um Museu como o MAO – que guarda objetos dos séculos XVIII, XIX e XX –, está mais no tempo presente do que imaginamos. Ao observarmos os objetos que foram construídos há um ou dois séculos e o apreciarmos em um tempo nosso, no momento de agora, vivemos uma experiência de olhar para o que o outro viveu e aprender sobre como chegamos e onde estamos no tempo atual.

Ao observar as diferentes maneiras como os visitantes do Museu de Artes e Ofícios reagem diante dos objetos, podemos pensar possibilidades para ampliar essa experiência. A mediação museológica é um dos caminhos para isso; por meio do diálogo e da intervenção, da escuta com o visitante, nasce a possibilidade de adentrarmos por histórias, pensamentos e sentidos já vivenciados por ele. Há busca de sentido e, por meio das emoções geradas, sejam elas positivas ou não, há sempre alguma inter-relação mediador-visitante. Nós, mediadores, falamos sobre ideias e contextos que permeiam esses objetos, e as pessoas completam e enriquecem o que falamos relatando a maneira como elas viveram ou enxergam essas e outras histórias.

Elas nos apresentam as dúvidas, os medos, fazem inferências e, com as trocas, constrói-se conhecimento. As construções ocorrem de maneira individual e também de forma coletiva e, assim, ampliam-se as experiências ao visitar acervos museológicos.

Maria Célia M. Santos (1993) nos diz que é preciso que aqueles encarregados da criação de conhecimento estejam dispostos a se abrir para o mundo, buscando transformar o alcance em ação. Isso implica a crença na capacidade de construir conhecimento por meio da interação entre o ensino formal e o não-formal, valorizando a experiência e a criatividade de diversos atores sociais que não fazem parte do ambiente acadêmico.

O sentido entre cultura e educação em contexto de educação não escolar carrega oportunidades diferentes daquela que se executa no trabalho nas escolas. Se pensarmos em um ambiente como os museus, por exemplo, as possibilidades podem se ampliar, porque nesses espaços as pessoas podem ter contato mais próximo com as obras, avaliá-las, percebê-las. Toda a sacralidade, que normalmente colocamos diante de um objeto de arte, está à nossa frente e isso se torna uma experiência significativa para quem vê, porque é uma amostra de que a arte está mais próxima de nós do que imaginamos, do nosso pertencimento ao mundo e aos símbolos. Quando um objeto é colocado em lugar especial, olhamos com outros olhos e essa novidade, além de ser encantamento, espanto, crítica ou tantos outros adjetivos, pode ser também construção de conhecimento – a nossa cognição acolhe este olhar e o ressignifica de maneira que vai, de certa forma, nos influenciar.

Um dos grandes desafios da educação museal é a sua aceitação como espaço para cruzar ideias onde a mudança é constante (GOMES, 2008). Pensar e praticar ações que façam viver essas ideias é fundamental para que os museus se tornem cada vez mais espaços para encontro e trocas de conhecimento. Se um Museu registra certa época, imagem ou acontecimento, é preciso que ele se movimente para que esses registros não morram. Trata-se de um organismo vivo que está ali porque o seu público existe.

O acervo do Museu de Artes e Ofícios guarda objetos que contam histórias comuns e cotidianas, e é isso o que o torna especial. Todos os objetos que estão no MAO já foram utilizados por alguém para desenvolver um trabalho. Trazer esses objetos do lugar comum para um lugar próprio, que reúne tantas outras peças com essa temática, é uma proposta que

traz à tona a importância das criações do ser humano e o quanto elas atingiram um lugar muito além das suas utilidades para uma determinada época. É um Museu que desperta afetos, críticas, memórias e carrega o significado do que é a arte: olhar para o comum com atenção e como criança pequena, descobrir e se “chocar”.

A Política Nacional de Educação Museal (PNEM, 2017), publicada pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), serve para observarmos que essa política visa estabelecer diretrizes para a educação museal no Brasil. Ela tem como objetivo promover a educação e o acesso aos museus, além de reconhecer a importância desses espaços como local apropriado para a construção educativa de preservação de patrimônio cultural. A política estabelece diretrizes para que os museus atuem ainda como espaços educativos, no sentido de valorizar e recontar histórias.

O uso de artefatos com valores históricos e a promoção de recortes temáticos dentro dos próprios espaços busca superar as práticas tradicionais e promover uma abordagem educativa mais inclusiva, democrática e participativa. Dessa forma, o PNEM incentiva os museus a se tornarem ambientes de aprendizagem dinâmicos e acessíveis para o público. Entende-se ainda que a maioria dos museus são delimitados e apresentam significados ao recontar memórias através de peças e materiais com valor histórico e social, artístico e cultural de determinados grupos, há, nesse sentido, recortes contextuais, temáticos, cronológicos.

Entendemos o museu como um ambiente rico para o desenvolvimento de competências cognitivas, sócioemocionais, por meio das mediações entre mediadores, professores, acervo e visitantes. De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (2018), observou-se uma influência notável do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, no campo do pensamento museal. Isso destacou a relevância de uma abordagem pedagógica libertária, progressista e autônoma nesse tipo de educação, que teve o efeito de desafiar e transformar os paradigmas tradicionais previamente arraigados nas práticas educativas clássicas de museus:

[...] coube a Freire este papel de destaque na configuração do movimento da Nova Museologia quando se transferiu ao campo museal suas teorias sobre educação como prática de liberdade e conscientização, que se consubstanciou na visão de que o museu pode ser também uma ferramenta de construção de identidade e de cidadania. (Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018).

Libâneo (2000) argumenta que ninguém escapa da educação, por isso, esta, juntamente com as ciências e a cultura, necessitam se relacionar diretamente, pois, assim, ocorrerá a formação de um ser mais sensível, questionador, avaliador, um sujeito mais consciente do que está à sua volta e também nos espaços não escolares de educação. Sobre a função do museu, observa-se que há diversas discussões em torno disso, e essas análises são relevantes, já que esse espaço desempenha um papel fundamental, como objetivamos mostrar.

Em sua essência, esse ambiente patrimonial é frequentado por pessoas, e estas têm o poder de moldar o ambiente ao seu redor. Nesse sentido, acredita-se que o museu seja um local de vivências, experiências reflexivas e interações profundas. Adotar essa perspectiva permite que os visitantes realizem reflexões sobre a história e seu impacto no mundo contemporâneo. Além disso, possibilita que os visitantes se reconheçam como participantes ativos na sociedade, tornando o museu um espaço de cidadania.

Marandino (2003) sustenta que "os museus têm o objetivo de atender à necessidade de ensinar à população conceitos de ciência, além de estimular práticas de pesquisa e preservar a memória de determinado grupo social. Pierre Nora (1978), em *La mémoire collective* (1978), nos diz sobre os "Lugares de Memória," enfatizando a diferença entre história e memória. Esses dois termos não são sinônimos, pelo contrário, são conceitos opostos. Para ele, a memória está ligada diretamente a pessoas e grupos vivos que carregam sentido e estão abertas a dialéticas da lembrança e esquecimento. Já a história está ancorada em espaços físicos, ela é universal e pertence a todos. Para o autor, a história se associa a continuidades temporais e não é espontânea, mas sim relativa. Nesse sentido, esses locais servem como pontos de conexão entre diferentes gerações, mas, ao mesmo tempo, não fazem juz ao indivíduo; na verdade, é um caminho para o exercício tradicional da cultura, mas explicativo. Há, nesse processo, subversão, porque é complexo e relativo dizer que os espaços nos ajudam a refletir sobre passado, compreender o presente e projetar-se para o futuro.

Chagas (2011), disserta que "Na atualidade, a afirmação de que os museus constituem lugares de memória passou a ser um lugar comum". Tais espaços são da cultura e das experiências diárias que pode constuir novas narrativas a partir do passado recortado. O fato de existirem serve como um formador de consciência, no entanto, ele também serve ainda a movimentos indagadores, reflexivos sobre o que está posto e a forma como se contruiu.

Muitos são os pensamentos filosóficos que permeiam o espaço educativo do museu. No entanto, a formação contínua é um dos pilares essenciais do eixo técnico do Museu de Artes e Ofícios (MAO). Este reconhece a importância da prática de formação contínua e como isso reflete no retorno dos visitantes e parceiros externos, que fornecem *feedback* aos profissionais museológicos por meio de avaliações e cadernos de escrita disponíveis no receptivo do desses lugares.

As narrativas promovidas pelo setor educativo e pelos parceiros institucionais visam aproximar o ambiente museal da sociedade. Essa abordagem vai além das práticas historicistas, buscando promover a ocupação do espaço por grupos sociais diversos. Isso pode incluir iniciativas para resgatar identidades, influenciar mudanças de comportamento e promover a apropriação do espaço público.

No contexto contemporâneo, o museu reconhece o constante fluxo de informações a que os estudantes estão expostos, e, em sua essência, oferece novas possibilidades educativas para a construção de conhecimento. Isso ocorre em harmonia com os objetivos da escola, influenciando as oportunidades de aprendizado. Embora algumas vezes haja semelhanças em algumas temáticas e conteúdos, as metodologias e recursos pedagógicos são distintos. Durante a mediação, prioriza-se a liberdade de posicionamento dos estudantes e busca-se promover o ensino-aprendizagem com uma linguagem adequada e capaz de despertar a curiosidade nos alunos.

É relevante evidenciar uma conexão entre as práticas educativas nas galerias e as teorias fundamentais das ciências humanas, como a Sociologia, a Filosofia, a História, em suas variadas perspectivas e teorias de acordo com o tempo em que foi estabelecida e analisada. Dessa forma, o espaço relacional do Museu de Artes e Ofícios assume um papel de destaque, atuando como um ponto de convergência entre a história, a cultura e as experiências individuais. Nesse ambiente, os objetos museológicos desempenham um papel crucial, servindo como elo entre o passado e o presente. Isso reveste esse contexto de uma importância significativa, uma vez que permite uma análise das interações entre o ser humano, sua memória coletiva e os artefatos culturais, ressaltando como o envolvimento com o patrimônio histórico impacta diretamente na compreensão da sociedade e na identidade cultural.

Essa etapa pode ser mediada e envolve interações entre mediadores e discentes, permitindo a construção de narrativas e reflexão sobre nosso tempo e espaço por meio de diálogos, embora não conceda total autonomia durante a visita. Cayo Honorato (2012), em “Mediação para autonomia”, explica o quão complexa é a questão mediativa e a liberdade do visitante, que vai além de simplesmente fornecer fatos e dados. A mediação concentra-se em criar um espaço de interação onde os visitantes possam explorar as narrativas por trás das peças em exibição, questionar, refletir e desenvolver uma compreensão mais profunda do conteúdo. Isso envolve a capacidade dos mediadores de adaptar suas abordagens, de acordo com as necessidades e interesses do público. Além disso, a mediação considera também a importância da acessibilidade e da inclusão. Esses profissionais são incentivados a criar experiências que atendam a diversos públicos, tornando os museus locais acolhedores para todas as idades, origens e habilidades:

Então, que autonomia a mediação quer para o público (lembrando que autonomia significa liberdade, mas também responsabilidade de escolha)? Conforme quais expectativas ela irá querer esta ou aquela autonomia (sem que se trate apenas de querer para ter esta ou aquela autonomia)? Afinal, ao propugnar, sem outros esclarecimentos, uma "mediação para a autonomia", não estaríamos simplesmente manifestando uma vontade de nos assegurarmos numa verdade qualquer da mediação? (HONORATO, Cayo; 2012, p. 5).

Embora muitos visitantes ainda possuam uma visão antiquada e passiva do museu, semelhante ao modelo tradicional da escola, o mediador museológico adota metodologias ativas na maior parte de seu trabalho. Isso implica em posicionar os estudantes-visitantes no centro da dinâmica educativa do museu. Compreendo que a mediação, visando à autonomia, não implica, de forma alguma, que o estudante-visitante simplesmente dê uma olhada rápida no que deseja ou fotografe o acervo sem uma reflexão consciente. Entendo que a mediação para promover a autonomia tem como objetivo revelar precisamente as omissões e, de maneira crítica, destacar o que foi negligenciado na construção do olhar em relação aos museus.

O caráter dialético é uma das premissas dessa etapa didática entre mediador e estudante. Outra base importante nas galerias é a indagação aos estudantes de forma problematizadora, instigando o posicionamento deles em relação ao que está sendo trabalhado ou dito, no que diz respeito ao mundo, ao tempo vivido, aos fatos, às mídias e às notícias. Os estudantes são estimulados a dizerem de suas experiências de vida no museu, nesse sentido relacionam suas

vivências com os ofícios.

[...] a aprendizagem torna-se uma pesquisa em que o aluno passa de uma visão “sincrética” ou global do problema a uma visão analítica do mesmo, através de sua teorização para chegar a uma síntese provisória, que equivale à compreensão. (PAIVA, Rúbia. ET al.; 2016 p.147).

Como se pode ler, sugere-se uma abordagem pedagógica que valoriza a transição do aluno/educando de uma visão global, mais ampla para uma análise mais detalhada, específica, culminando na reflexão e na compreensão do problema.

3.2 Caso I

Durante uma visita a uma seção do Museu, conhecida como "Botica", surgiu uma discussão fascinante sobre a profissão do Boticário, que foi compreendida como a de um verdadeiro pesquisador e alquimista. Nessa interação, surgiram questionamentos sobre a forma como esses profissionais adquiriam seus conhecimentos. As crianças compartilharam histórias de suas avós, mencionando que os quintais delas eram verdadeiros tesouros de matérias-primas para medicamentos, incluindo boldo, camomila e erva-doce. Uma das crianças até exclamou: "Então minha avó era praticamente uma boticária, porque ela sabia tudo sobre as plantas, fazia chás e remédios..." Essa troca de ideias proporcionou uma compreensão mais profunda do papel do boticário na história e na importância das práticas tradicionais de cura. A conexão feita promoveu a aproximação daquela criança com o acervo e o tema discutido, criando um *link* com sua própria história. Criou-se uma identificação com o espaço.

As pessoas costumam gostar do que se parece com elas, com o que as faz enxergar familiaridade, levando-as a compreender o que parecia distante e não pertencente ao seu cotidiano. Até o momento daquela assimilação, a botica exposta era apenas interessante visualmente, um conjunto chamativo composto por madeira, vidro e tecido. Mas, quando um objeto/cenário de bastante valor estético é conceitualmente preenchido de significados, conectados a relações afetivas, as histórias individuais ganham uma potência incrível. Na mediação, é preciso estar atento ao que toca os visitantes, deixar-se afetar pelo que afeta o outro. Assim, valoriza-se a história de cada um, e todos querem se sentir valorizados. Nesse sentido, o protagonismo dos estudantes visitantes em diversos níveis de experiências de vida pode ser a ponte para o conhecimento sistematizado, valorizando-os o tempo todo.

3.3 Caso II

3.3.1 Visita de um centro de convivência. Pessoas com transtorno global de desenvolvimento³

Durante o acolhimento

Vocês acham que alguém aqui sabe sobre tudo que esse museu apresenta?

“Com certeza, não! Aqui deve ter coisa demais.”

E será que tem alguém aqui que não sabe sobre nada que o museu apresenta?

“Com certeza! Eu, por exemplo”

Eu duvido que o senhor vai sair desse museu sem ter reconhecido um objeto, um instrumento, algum tipo de tecnologia...

“Mas eu nunca entrei aqui, não sei de nada do que está aqui.”

Pois eu garanto que vai encontrar algo que faz parte da sua história aqui dentro!

“Será? Não sei não...”

Veremos!

A primeira peça a ser observada foi a “Moenda de cana” do jardim das energias, e o mesmo senhor pediu a palavra e começou:

“Tinha isso aqui na fazenda vizinha a do meu avô, já mexi muito com isso aí! Funciona assim, olha... (e começou a explicar a mecânica da moenda de maneira detalhada, para mim e para os demais visitantes).”

Provocação:

E o senhor que havia dito que não conhecia nada daqui, acabou de nos dar uma aula!

“Mas é porque eu trabalhei com isso, por isso que eu sei.”

Exatamente! Esse museu é justamente sobre isso, sobre o trabalhador, suas histórias e experiências e principalmente sobre as pessoas. Às vezes, a gente pensa que ao visitar um museu encontraremos coisas distantes de nós, mas aqui acontece justamente o contrário. Esse museu é sobre nós, as pessoas.

Ao final, o agradecimento do visitante. “Sinceramente, eu não estava achando que seria bom não, eu vim porque tinha que vir mesmo, mas eu adorei! Foi muito bom mesmo! As pessoas naturalmente preferem o que é autêntico e o que ressoa em suas experiências pessoais. Quando alguém se sente conectado de forma pessoal com o Museu de Artes e

³ Para as falas dos visitantes, manteve-se também a modalidade oral da língua portuguesa, por isso, não ocorreram as modificações em conformidade com a gramática normativa.

Ofícios, percebendo que sua própria história está refletida ali, isso gera uma afinidade genuína e gera apreço ao espaço. Mediar em um museu transcende a simples transmissão de informações; envolve também a facilitação de encontros significativos, o estímulo de reflexões, a promoção de questionamentos e a evocação de emoções.

Os educadores reconhecem que os museus desempenham um papel essencial ao contextualizar uma ampla gama de conhecimentos científicos, artísticos e culturais. Com frequência, proporcionam aos estudantes a oportunidade de acessar essas instituições, ampliando as possibilidades de aprendizado para além da sala de aula.

Na maioria das vezes, as visitas são agendadas pelas próprias instituições escolares, desse modo, a ação reverbera na prática pedagógica com os estudantes e demonstra a consequência de como a boa prática educativa é importante na escola e nos museus, visando à construção de conhecimentos e fruição dos alunos. Martins (2013) no diz que “o mais importante, é que as atividades realizadas nesses locais tenham uma conexão temática e de objetivos com a visita educativa feita à exposição”.

As práticas, tanto do docente quanto dos mediadores museológicos, se tornam parceiras e distintas, sempre com caráter educativo e com objetivos específicos. Por meio de visitas dos espaços escolares formais nos espaços museológicos, cria-se possibilidade de desenvolvimento de vários desdobramentos. Os professores são grandes parceiros do Museu de Artes e Ofícios, e a troca de saberes científicos se faz presente em vários momentos.

3.4 Recursos tecnológicos da mediação, posso usar a poesia, a rima, a música?

Jumento não é
 O grande malandro da praça
 Trabalha, trabalha de graça
 Não agrada a ninguém
 Nem nome não tem
 É manso e não faz pirraça
 Mas quando a carcaça ameaça rachar
 Que coices, que coices
 Que coices que dá
 (...)
 O pão, a farinha, feijão, carne seca
 (...)
 Quem é que carrega? Hi-ho

(Os Saltimbancos: Bardotti / Chico Buarque / Enriquez)

Os diversos conhecimentos a que os estudantes têm acesso, atualmente, na sociedade, devido às tecnologias e aos meios de comunicação, influenciam os aspectos educacionais de diversas maneiras, seja nas escolas ou também nos equipamentos culturais. O acesso rápido à informação, por meio da internet, permite uma maior liberdade de posicionamento por parte deles, pois a conexão com o mundo e ao que tem sido apresentado, criticado e transformado, pode ser visto com mais facilidade e dinamismo. Além disso, ao oferecer acesso a conhecimentos sistematizados ou musealizados com intenção educativa, a adaptação de recursos de forma que chamem a atenção e proporcionem interesse por parte dos estudantes é uma demanda real. Assim, deve-se perguntar: o espaço relacional do Museu de Artes e Ofícios influencia através de seus objetos e pode relacionar sua materialidade aos estudantes?

O entendimento dos princípios básicos dos códigos científicos precisa se inserir na cultura como um todo. É preciso compreender as informações difundidas e os interesses envolvidos, bem como refletir com base em conhecimentos sólidos e, acima de tudo, desenvolver a autonomia e a capacidade de buscar novas informações e problematizá-las. Dentro dessa perspectiva, diferentes recursos, instituições, espaços formais e não formais contribuem para o processo de educação científica. Museus e centros de ciências se consolidam ao lado das escolas como principais vetores de ações de divulgação da ciência. Eles participam da formação científica dos cidadãos por meio das diferentes formas de mediação, com características bastante particulares que os distinguem de outras instâncias educativas, sejam elas formais, escolares ou não. (GOUVEIA E PINTO, 2014).

Logicamente, devido ao tempo, a visita escolar é diferente no espaço museal, mas isso não nos impede de colocar o estudante no centro da prática educativa, relacionar saberes, executar procedimentos, dividir informações, criticar padrões, criar novos elementos de solução e valorizar as experiências dos estudantes.

A busca por inovação e autocrítica dos mediadores é outro valor da equipe no cotidiano da formação técnica, já que as experiências e a investigação científica das ciências humanas (antropologia, sociologia, geografia, política, história, pedagogia, psicologia, literatura, artes) fazem parte do trabalho técnico. Queiros (2013) diz que os autores não subestimam a importância de os mediadores possuírem um profundo conhecimento científico. Esse conhecimento é fundamental para que eles ganhem confiança, ao desafiar os visitantes a expressarem suas ideias e, a partir delas, construir um diálogo, desenvolver habilidades de improvisação.

Uma das qualidades da equipe no desenvolvimento da mediação é a alteridade, entendendo as especificidades de cada grupo que visita ao museu. Essas diferenças são valorizadas pelos mediadores e isso suscita no estudante/visitante um lugar importante para sua experiência acadêmica, social, cultural e até econômica. Ao longo do percurso profissional no Museu de Artes e Ofícios, percebi que o curso de Pedagogia me possibilitou aplicar as teorias didáticas e as tendências na prática de trabalho, principalmente voltado para a mediação. O suporte acadêmico, as teorias da educação, a psicologia, a história e o desenvolvimento humano foram ao encontro do meu entendimento de como as pessoas podem aprender em um espaço museal. Os acessos a essas teorias possibilitam construções mais significativas. Dessa forma, o profissional mediador de museu cria, a partir de seu acesso, outros repertórios, por isso, o autodesenvolvimento também é crucial para uma mediação qualificada.

O objetivo da mediação precisa estar claro ao interlocutor antes de qualquer início de trabalho. Dizer ele quais são os pontos principais, os conceitos-chaves, facilita o desenvolvimento das atividades, assim como as estratégias utilizadas durante a mediação. A utilização de recursos é um bom caminho para levar o visitante para se deslocar do comum.

Por isso, os recursos e suportes pedagógicos durante uma visita mediada devem ser pré-selecionados e, nesse sentido, deve-se criar experiências mais curiosas e interessantes aos frequentadores. Outra parte do processo a que o educador deve estar atento é a avaliação contínua do trabalho desenvolvido, não apenas aquele feito por terceiros à visita, ou pelo próprio visitante, mas a autoavaliação de sua prática. Através da observação de comportamento dos visitantes, as percepções das interações, a avaliação dos sentimentos genuínos provocados trazem para o educador uma capacidade de observação mais sensibilizada.

A performance do educador museal e a construção de repertório cultural, a atuação, a construção acadêmica vai ao encontro da expectativa do visitante? Nem sempre, muitas vezes o público busca o lazer, as vivências, a socialização, o estar junto ao grupo, então, há buscas individuais e muito singulares. É importante descobrir quais são as intenções e as expectativas deles. Somente assim o setor consegue alinhar e direcionar as suas ações e narrativas, além de modular os discursos.

Marandino (2003) nos mostra que os museus têm o objetivo de atender à necessidade de ensinar à população sobre conceitos de ciência, estimular práticas de pesquisas e preservar a memória de determinado grupo social. Com toda essa base teórica na parte educativa e cultural, o museu encontra caminhos mais progressistas e a possibilidade autônoma de desenvolver metodologias e ações diferenciadas com recursos que sejam atrativos para os estudantes da educação básica. Em março de 2020, surgiu a crise global relacionada ao COVID e, como todos os outros espaços públicos, o Museu foi fechado. Ao retornar em janeiro de 2021, o trabalho educativo do museu estava estagnado, principalmente porque ele depende de visitantes, e os protocolos ainda estavam bem rígidos. Apesar de todos os procedimentos de vigilância sanitária, entendemos que o museu tinha que continuar a comunicação com os públicos, seja ele em idade escolar ou não.

Nesse cenário, a equipe de educadores se reuniu e traçou um plano de ação para levar os conhecimentos históricos culturais do acervo do museu às escolas e aos estudantes, pensando que esse sempre foi um público importante no espaço museológico. Promovemos encontros pedagógicos com uma analista de educação, coordenadores e professores de uma escola de BH e desenvolvemos um projeto em conjunto para atender à demanda social do momento, que era o contato com o mundo externo e, ao mesmo tempo, com a construção de conhecimentos, aliado à divulgação do Museu de Artes e Ofícios.

Fizemos um recorte etário e definimos que nosso projeto de atendimento inicial ao retorno no trabalho do museu seria o público infantil, em sua primeira infância. O grupo de educadores do MAO se reuniu, delimitou a ação que seria desenvolvida. A visita virtual para crianças muito pequenas seria o nosso maior desafio. Algumas dúvidas surgiram como estas: “Será que teremos a atenção delas? ” Será que vamos conseguir contar sobre o museu? ”, “ De que forma vamos fazer isso? ”, “Tem que ser lúdico, divertido, chamativo. ”

Nesse sentido, foi construído o projeto de Visita Virtual para Educação Infantil. Quando fizemos o recorte etário, sabíamos do desafio, mas também do autodesenvolvimento que essa ação profissional traria. Mediar à distância um acervo histórico do século XVIII para crianças de 4 e 5 anos? Como? Foram feitas definições e recortes de nicho de acervo. Pensamos no museu todo e foi direcionado para o ofício do Transporte: Tropas e Tropeiros.

A contação de história do museu teria início a partir da história da colecionadora e também a história do tropeirismo no Brasil. Sabe-se bem que a intenção da realização do contato com as escolas e das escolas do museu não buscava esgotar o tema ou acesso à cultura, mas ser um parceiro de sociabilização, interação e divulgação do museu.

Figura 20 - Mediação virtual com estudantes da educação infantil, 2020.



Fonte: elaboração própria

Através de meios de comunicação virtual e das plataformas mais utilizadas à época, a ação buscou propiciar às crianças e aos jovens que estavam em suas casas o acesso ao Museu e ao seu conteúdo, tendo a oportunidade de dialogar com o acervo e com a equipe educativa, relacionar esses conteúdos aos conteúdos vistos na escola. Ficou definido que o projeto seria realizado como um “piloto”, em parceria com o Centro de Educação Infantil, SESI Leonor Franco, com as turmas da Educação Infantil (1º e 2º períodos).

Na Educação Infantil, o recorte temático foi o Ofício dos Transportes, relacionando-os com os objetivos de aprendizagem e habilidades de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). A ação proposta pelo museu teve o apoio e parceria de construção junto a área pedagógica da escola. O documento BNCC⁴ foi utilizado e priorizou os eixos temáticos para os grupos atendidos:

- 1) (EI03TS01) utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
- 2) (EI03TS02) expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
- 3) (EI03TS03) reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.
- 4) (EI03EF01) expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
- 5) (EI03EF08) selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc. (BNCC, 2018).

A ação foi desenvolvida pela equipe educativa do Sesi Museu de Artes e Ofícios, que estruturou uma visita que atendesse aos objetivos propostos inicialmente e adaptou sua realização através das plataformas de comunicação. O setor educativo utilizou instrumentos musicais, cantigas, livros e fantoches, além seu acervo em miniatura. O pano de fundo de todo o trabalho foi o nicho de ofício dos tropeiros.

Entendeu-se que, nessa esfera virtual para uma única visita, seria necessária toda a equipe de mediadores, pois a recepção do grupo escolar na plataforma online, junto à comunicação por fones com os educadores em galeria, foi necessária. Além do mediador apresentador, tinha o mediador que manipulava o fantoche, o qual fazia parte da história contada. Havia o educador focado no áudio, no vídeo e na luz. Para uma única visita, eram necessários no mínimo quatro educadores.

⁴ BNCC: Estabelece as competências e habilidades que todos os estudantes brasileiros devem adquirir ao longo de sua jornada escolar, independentemente da região do país. A BNCC busca promover uma educação mais equitativa e alinhada com as necessidades do século XXI, enfatizando a interdisciplinaridade e a formação integral dos estudantes. Ela é um guia fundamental para a definição dos currículos escolares e aprimoramento do sistema educacional brasileiro.

Essa parte foi um momento de muita aprendizagem, desafios, descobertas e criatividade. Não havia nenhum especialista em realizar cantos, nenhum em áudio e vídeo. O trabalho foi desenvolvido a partir da performance e da vontade de cada trabalhador e tentou direcionar as etapas usufruindo das capacidades e criatividade individuais, percebendo o quanto o improviso também faz parte do processo. O museu é a eterna espera do visitante, e claro, é também o lugar que pode nos fazer provar o gosto amargo da história, do fato, do símbolo ou também o gosto doce do que não pôde nos atingir ou sangrar; de alguma forma, esse doce é pela busca do deleite, do encantamento ou da transgressão.

O gosto amargo ou doce pode trazer a espera ou o anseio de que, com o tempo, tudo se resolva, e isso envolve o mediador em um mergulho como indivíduo, sujeito, profissional de museu. São jornadas pessoais e profissionais, pois há o contato diário com o símbolo histórico. O educador vê, sente, cheira e engole o símbolo diariamente, já que passa pela rotina de trabalho. A relação é íntima, pessoal e também profissional, integrada.

Dessa forma, toda essa relação e esse envolvimento pode atravessar as suas próprias vidas, com a intenção de fazê-lo pular a corda da criatividade, quase que compulsoriamente, pelo pensamento fixo de conquistar o desejo de aprender, ou pela nostalgia que no doce pode se revelar as feridas. Enquanto sujeito também social que interpreta o mundo a partir dele mesmo, o mediador museológico tem prazer por experiências sensoriais e não apenas pela relação profissional da qual acaba fazendo parte. Tudo se relaciona e integra. Durante a mediação museológica em uma visita com algum grupo ou visitante, esse caminho pode fazer surgir sentimentos, como a coragem, e, ao mesmo tempo, a interpretação do tempo. Há um mergulho em águas profundas e posso dizer que não posso ter medo de ser feliz nessa performance.

A hábil experiência que a profissão de educador/mediador de museu pede traz o envolvimento do profissional, através da eloquência, da irreverência, do tom de voz, do olhar, do movimento corporal, das mãos, do ritmo, da empatia junto ao público visitante. Tudo isso, de alguma forma, relaciona-se ao objeto histórico e a outro ser. O objeto é estático, enquanto acervo, é a peça, objeto, parecer estar estática, exposta em vitrine, em uma plataforma, em um pedestal. O indivíduo, com suas experiências, pode sentir ou não o gosto amargo da história e do contexto ao qual o objeto fez parte.

Claro que isso nos faz refletir sobre a busca incansavelmente de se permitir o aguçamento desse palato humano, provar o doce e o amargo dessa vida e experiência numa mordida só. Encontramo-nos submersos, muitas vezes, na cultura e nas questões relacionadas à vivência singular de cada lugar pelo qual passamos. O educador/mediador de museu pode não querer ser previsível quando se relaciona com o visitante, porque é prazer desse profissional despertar o “nunca visto” ou nunca percebido. Para que isso ocorra, há de ter desejo, coragem para ter um novo do novo.

Essa é a força cinética que envolve o movimento museal e a educação que visa contemplar a todos. É pelo prazer, pela descoberta, pelo medo, pela transgressão do que nos é comum, é pela lógica e pelo ilegível, muitas vezes. Mediar um museu para qualquer público visitante é estar em eterno lugar de espera do novo, e a transformação contínua que vem diferente com o “*up*” do tempo, os ponteiros do relógio estão girando e o mundo em movimento, assim como as pessoas que nele vivem.

É contínuo e é bom saber que nada voltará jamais, sempre à frente, mesmo que se trate de museu e passado. A relação que se faz dessa vivência anterior é simplesmente o presente que já nos atravessou. O olhar é preciso, e a atenção do educador tende a ser difusa, os detalhes não poderão passar despercebidos, absolutamente, porque precisamos, enquanto educadores/mediadores, de subsídio, como uma energia do outro, para desenvolver o caminho e a construção cognitiva junto a essa singularidade dos visitantes.

4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nesse capítulo, considera-se a formação de professores, etapa contínua e necessária para o desempenho qualitativo dos estudantes ao visitarem o museu, quando houver intenção pedagógica. A formação destinada aos professores que planejam visitas ao museu deve abranger todas as áreas, fornecendo orientações importantes sobre como lidar com o processo de visitação e, dessa maneira, facilitar a inclusão e a diversidade nas atividades do museu.

Nos últimos anos, os museus têm se tornado cada vez mais populares e amplamente reconhecidos como instituições de potencial desenvolvimento acadêmico, capazes de proporcionar oportunidades de aprendizado enriquecedoras e experiências únicas. Muitos educadores demonstram um interesse em levar seus alunos a esses espaços culturais, reconhecendo a riqueza de visitas temáticas, oficinas e atividades oferecidas nesses espaços, as quais podem ser incorporadas de maneira significativa ao currículo escolar.

No entanto, é importante destacar que há ainda muita dificuldade na relação entre museus e escola, e isso se dá desde a formação acadêmica profissional inicial de licenciados escolar. Uma pesquisa sobre as concepções dos professores em visitas escolares em museus de ciências, realizada por Guisasola e Morentin (2010), buscou descobrir mais sobre a relação da escola com a instituição museal, a fim de perceber como é entendido o espaço museológico. A pesquisa mostra que há uma relação que precisa ainda ser melhorada e desenvolvida sobre o conhecimento dos potenciais dos museus, visto que o público visitante de muitos museus é o escolar. Na sequência, o quadro de questões aplicadas aos professores de primários e secundários:

Tabela 3 – aplicação aos professores

Ações dos professores antes das visitas	Professores Primário N= 87	Professores Secundários N= 71	Total de Professores N= 158
Conhece o trabalho do museu	46% 40	41% 29	43% 69
Conhece os materiais didáticos do museu	10% 9	51% 36	29,5% 45
Há utilização de materiais didáticos nas preparações das visitas	7% 6	32% 23	18,3% 29
Realiza em classe alguma atividade pré-visita	43,7% 38	45% 32	44,5% 70

Fonte: Guisasola; Morentin, 2010, p. 131.

Ao analisar a tabela, torna-se evidente que menos de 50% dos professores entrevistados possuem conhecimento sobre as iniciativas educacionais promovidas pelos museus. Diante desse cenário, torna-se imperativo que os espaços museais ofereçam programas de formação direcionados aos professores, visando ampliar a divulgação de seus acervos e, assim, preservá-los, além de fomentar seu aspecto científico.

Além de considerarmos as iniciativas e parcerias no âmbito do desenvolvimento educativo em museus, é crucial que também contemplemos a formação contínua de profissionais da educação escolar. Essa formação deve envolver a participação ativa dos profissionais escolares em ações específicas promovidas pelos museus. O planejamento de uma visita ao museu por parte dos professores deve abranger diversas etapas essenciais. Em primeiro lugar, é necessário definir objetivos de aprendizagem claros, alinhados com o conteúdo curricular de acordo com a educação escolar.

Embora se perceba que muitos professores realizam atividades de pré-visita, eles desconhecem os materiais didáticos oferecidos pelos espaços, com intenção de facilitar o trabalho, ao desenvolver projetos e/ou ações que se vinculem com o espaço museal. É preciso selecionar cuidadosamente as atividades a serem realizadas durante a visita, levando em consideração o nível de conhecimento dos estudantes e a adequação das atividades ao público-alvo. Identificar os recursos e materiais necessários para a execução dessas atividades também é uma etapa fundamental, assegurando que a visita seja rica e eficaz e também reflexiva.

Outra etapa importante a se considerar é que as atividades planejadas com o currículo escolar garantem a integração bem-sucedida do museu no processo educacional. Além disso, os museus têm o potencial de oferecer programas de desenvolvimento profissional contínuo para os professores, mantendo-os atualizados sobre as novas exposições e atividades que o museu disponibiliza.

As ações podem incluir workshops, conferências e materiais educacionais online, promovendo um ambiente propício para o aprimoramento das habilidades pedagógicas dos educadores. A relação entre arte e educação é inegavelmente profunda e significativa, como já delineamos. A criatividade pode ser um ponto de partida para alavancar projetos e excursões de estudantes e professores quando houver a intenção de realizar visitas mediadas aos museus;

proporcionar integração desses dois campos pode ampliar outras ações e promover inúmeros benefícios para o desenvolvimento dos indivíduos.

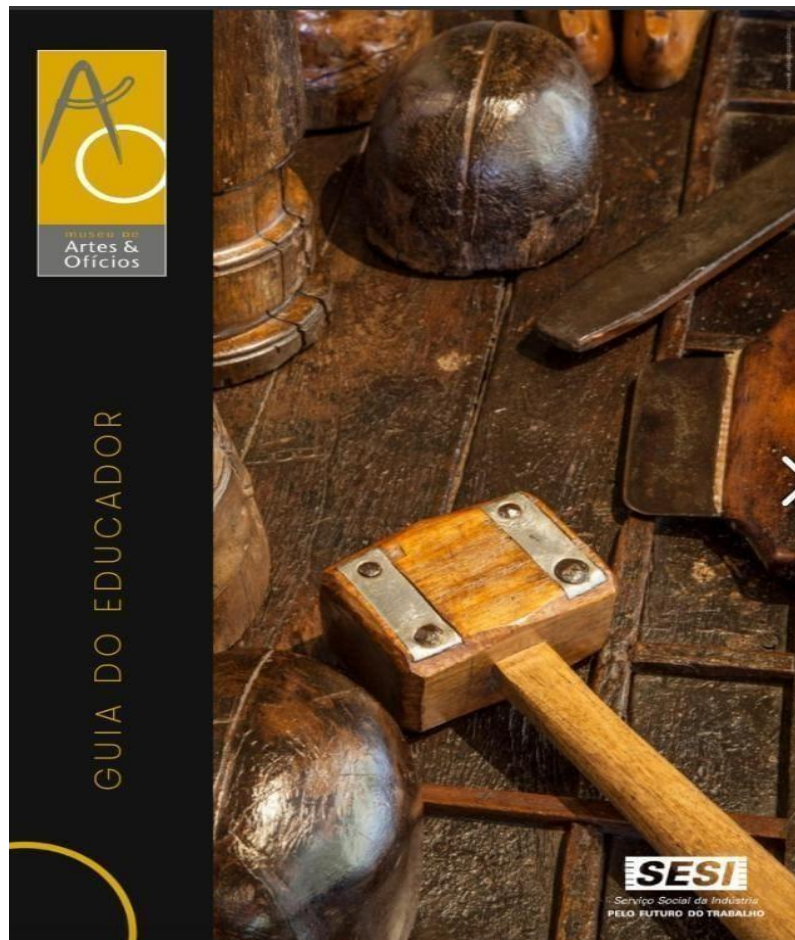
Dessa forma, a abordagem lúdica e criativa proporcionada pela arte torna o processo educativo mais envolvente, despertando o interesse e a curiosidade dos estudantes. Além disso, a arte também pode ser uma ferramenta eficaz para explorar questões sociais, históricas e culturais, permitindo que os alunos compreendam diferentes realidades e ampliem sua visão de mundo. As formações oferecidas aos professores têm o objetivo não apenas de aprimorar a qualidade da educação, mas também de ampliar o acesso do público aos museus, já que muitos estudantes têm a oportunidade de visitar esses espaços por meio de suas escolas.

Em 2008, sob gestão do ICFG, a partir de pesquisa e desenvolvimento do próprio setor educativo, foi criado, em parceria com os professores da educação básica, O “Guia do Educador”, um instrumento pedagógico para apoio aos professores que tinham interesse em desenvolver trabalhos no museu junto aos estudantes. Nesse documento, as propostas eram desenvolvidas pelos próprios professores em outras ações que ocorriam no museu, dentro de formações e socialização de saberes e práticas (BRAGA, 2015, p. 38).

Notam-se, ao longo da existência do museu, as necessidades, expectativas dos profissionais da educação que já enxergam no museu um lugar apropriado para o desenvolvimento acadêmico estudantil e também de autodesenvolvimento. Sem dúvida, permitir espaços que os professores compartilhem experiências e anseios faz com que o trabalho de ambas as instituições, museu e escola, tornem-se mais qualificados e também estreita as relações com a sociedade. Em 2023, foi lançado um novo “Guia do Educador”, agora sob gestão do Serviço Social da Indústria – SESI, em que é apresentado aos professores e interessados as possibilidades e serviços que o museu pode oferecer.

Esse novo guia tem o objetivo de apresentar o setor educativo aos professores, a fim que eles conheçam o trabalho do setor, e apresentar os projetos desenvolvidos na unidade museológica, para que eles possam estreitar relações e criar demandas também ao setor educativo, aproveitando ao máximo o “potencial oferecido pelo MAO”.

Figura 21 - Guia do Educador, lançamento em 2023.



Fonte: elaboração própria

As formações no Museu de Artes e Ofícios (MAO) são organizadas em cinco etapas. O processo começa com o acolhimento dos professores, direcionando-os para a sala multiuso do existente no espaço. Durante a etapa de apresentação, os educadores museológicos buscam conhecer os professores e compreender suas intenções ao visitar o local. Em seguida, a etapa de desenvolvimento aborda o histórico do MAO como instituição, destacando a formação do setor educativo e suas funções.

A mediação de visitas com os professores é uma fase importante; durante os percursos os educadores do museu, apresentam as trilhas disponíveis, como a Afro-brasileira e a das Mulheres e Ofícios, relacionando-as a aspectos sociais relevantes para o desenvolvimento dos estudantes.

Para os professores interessados em visitas voltadas para a educação infantil, são oferecidos

recursos pedagógicos específicos e debates sobre pedagogia progressista⁵, dessa forma, há a troca de saberes e experiências de ambas as partes. Por fim, as considerações finais e informações de agendamento são fornecidas aos professores, garantindo que todas as visitas mediadas sejam agendadas e que os docentes tenham acesso às informações necessárias para a realização bem-sucedida das visitas

Figura 22 - Formação de Professores, Museu de Artes e Ofícios, 2022



Fonte: Eixo Técnico, MAO, 2022.

A formação de professores desempenha um papel crucial na ampliação e qualificação das práticas pedagógicas, especialmente para aqueles que desejam desenvolver ações escolares que integram o Museu de Artes e Ofícios (MAO) em seu ensino. Nesse contexto, a formação se torna uma ferramenta fundamental para capacitar os educadores a explorarem o potencial educativo do museu, conectando o patrimônio cultural com os conteúdos curriculares de forma significativa. Ao promover essa formação, os educadores podem adquirir conhecimentos e habilidades que os habilitam a criar experiências educativas inovadoras, alinhadas às necessidades dos estudantes e às diretrizes educacionais atuais junto ao museu.

Essa formação, voltada para a integração do MAO nas práticas pedagógicas, também fomenta a valorização da cultura local e o estímulo à curiosidade dos alunos. Os educadores, ao se envolverem com o museu e suas coleções, podem desenvolver estratégias criativas de ensino que vão além da sala de aula tradicional. Essa formação proporciona a eles a capacidade de criar conexões interdisciplinares entre as disciplinas e o acervo do museu, enriquecendo o

⁵ A pedagogia progressista com influências libertárias, tendo como inspiração pensadores como Paulo Freire, defende que a educação tem o propósito de empoderar os alunos, capacitando-os para atuarem como agentes de transformação em suas vidas e nas comunidades em que vivem. Nessa abordagem, destaca-se a relevância da consciência crítica e da ação coletiva, encorajando os estudantes a questionarem as estruturas estabelecidas e as desigualdades sociais.

processo de aprendizado dos estudantes e promovendo uma educação mais significativa e contextualizada.

Visando qualificar ainda mais o percurso de desenvolvimento de formação de professores e educadores no museu, buscamos desenvolver um curso formativo para Trabalhadores do Museu de Artes e Ofícios, Graduandos e Interessados em Educação Museal. Destaca-se a importância do curso para capacitar educadores e outros interessados em mediação do acervo. Este curso formativo visa oferecer informações, estratégias pedagógicas e didáticas que permitam que os professores e interessados desenvolvam suas próprias atividades educativas e contribuam para enriquecer a experiência dos visitantes. A origem desse curso remonta a material produzido em 2011, no projeto "Tematizando os Ofícios do Couro - O couro em perspectiva" –, que se revelou de grande relevância para a educação museal no Museu de Artes e Ofícios.

Este projeto reúne um vasto conjunto de recursos técnicos e pedagógicos, fornecendo uma base sólida para a reflexão e inovação no museu. O curso não se limita apenas a educadores do museu; ele visa igualmente enriquecer a formação contínua de estudantes das áreas de pedagogia, história e disciplinas relacionadas à educação museal. Um dos objetivos centrais desse curso é ampliar a compreensão da função dos museus na sociedade, questionando o propósito museológico e alavancando as experiências dos visitantes. Além disso, objetiva romper com estigmas historicamente associados à área, promovendo uma visão mais aberta e inclusiva dos museus como espaços de aprendizado, enriquecimento cultural e transformação social.

4.1 Curso formativo para professores e educadores do Museu de Artes e Ofícios

O curso formativo para professores e educadores do MAO (Museu de Artes e Ofícios) tem a intenção de fornecer informações e estratégias pedagógicas, além de didáticas, para que os professores e educadores do MAO, interessados em realizar mediação do acervo, possam desenvolver suas próprias atividades educativas e também ajudar a enriquecer a experiência dos visitantes. A ideia para elaboração do curso chegou por meio de material já produzido no ano de 2011.

O Projeto “Tematizando os Ofícios do Couro – o couro em perspectiva” – tem grande relevância para educação museal no Museu de Artes e Ofícios, pois reuni uma grande

quantidade de recursos técnicos pedagógicos para pensar e repensar o museu e estratégias para novas criações dentro do espaço.

A ideia do curso é fornecer apoio pedagógico aos professores e aos interessados em realizar a visita autônoma no museu sem a necessidade do serviço educativo, dessa maneira, para além de desenvolver o conhecimento sobre o acervo, possibilita a criação de estratégias e percursos, de acordo com seus interesses pedagógicos.

Outro objetivo é ajudar a enriquecer a formação continuada de estudantes da área de pedagogia, história, áreas afins à educação museal, por meio da ampliação da ideia a seguir: “Para que servem os museus?” e, com isso, alavancar as experiências dos visitantes e romper com estigmas relacionados à área. A necessidade constante pelo desenvolvimento intelectual e cultural humano é intrínseca à nossa natureza. Somos impulsionados pela curiosidade, pelo desejo de criar, inovar e desvendar os mistérios que cercam nosso mundo:

Compreender e saber operar no espaço (tridimensional) com o poder de mediação de que as coisas estão possuídas é a base da *imaginação museal*. Não há museu possível sem que essa potência imaginativa entre em movimento, é ela que atualiza os museus e lhes confere vida e significado político-social. (CHAGAS, 2009, p. 206).

É relevante observar que a noção de conformidade frequentemente se insere em nossa cultura como algo mediano, quase medíocre. Essa tendência em direção à "normalidade" é, em parte, uma resposta à pressão institucional e social que nos direciona, desde a infância, para um modelo de trabalhadores produtivos, prontos para se encaixar em um sistema utilitário. Isso reflete tanto a obsessão do próprio sistema quanto a ambição dos jovens profissionais que estão no início de suas carreiras.

No entanto, é fundamental reconhecer que a ansiedade que permeia nossa sociedade, embora mereça uma análise aprofundada, não será o foco desta reflexão. De tempos em tempos, arrisco-me a escrever palavras, frases ou pequenas crônicas que, à primeira vista, parecem inovadoras e criativas. Mas, ao aprofundar meus estudos, realizar pesquisas e continuar minha educação, percebo que alguém, em algum momento, já explorou aquele contexto e sorveu a fonte das inspirações. Somos uma construção do que nos atravessa, somos a manifestação daquilo que vivenciamos e damos sentido ao que estudamos, lembrando sempre da importância de locais como o Museu de Artes e Ofícios, que nos enriquecem com a riqueza de

nossa história e cultura. Essa constatação não me frustra; pelo contrário, agrega novas perspectivas e me enche de um sentimento de valor e humildade.

Na academia, somos desafiados a inovar e a apresentar o melhor, como se fôssemos laranjas espremidas em máquinas de suco, sob pressão para oferecer nosso "suco mais doce." Nesse sentido, aqui não se argumenta que devemos permanecer inertes, sem buscar novas criações ou sem a ambição de explorar os mistérios ainda não desvendados. Estou aqui como uma pesquisadora que acredita na valorização do conhecimento já construído, pensado e articulado.

Valorizar o que já foi feito também é uma opção importante para redescobrir o mundo. Reconhecer que, antes de nós, com gratidão e apreço, há um legado de profissionais talentosos e dedicados. O Museu de Artes e Ofícios é uma instituição poderosa, como demonstrado nos capítulos anteriores, que desempenha um papel fundamental nesse contexto.

Se nossas ideias coincidem com aquilo que já foi explorado e sistematizado, desejo que essa coincidência se dê no reconhecimento e na valorização das memórias e saberes que foram elaborados. É gratificante saber que, antes de nós, profissionais talentosos já trilharam esse caminho. Nesse sentido, apresento o produto como um Curso de Formação de Professores em Museus, utilizando o recurso didático caixa virtual de história. Esse recurso é fundamental para desvendar e analisar conteúdos, textos e conhecimentos, contribuindo para a formação de professores que desejam estreitar e desenvolver projetos junto ao museu.

Muitos indivíduos, antes de mim, estiveram envolvidos na árdua tarefa de promover a educação e a cultura de qualidade, profissionalizando-se no Museu de Artes e Ofícios. Este museu, reconhecido como um espaço formativo, tem sido uma fonte rica de ideias, conhecimento e inovação para diversos profissionais. Essas pessoas têm interagido em um campo de educação museal interdisciplinar, conectando-se com universidades, projetos e ideias, o que contribui para o desenvolvimento e para a aplicação de itinerários formativos.

O recurso didático é parte deste trabalho, resultado de um projeto colaborativo envolvendo várias instituições, pesquisadores e colaboradores. Esse projeto articulado tem como objetivo aprofundar, repensar, analisar e aplicar itinerários formativos, demonstrando a riqueza da interação entre educação museal, educação escolar, universitária e (MAO) Museu de Artes e

Ofícios. A fim de abrir essa caixa e destrinchar os conteúdos, textos, saberes, além de analisar e sistematizar uma formação, esse recurso faz-se necessário.

Muitos profissionais, antes de mim, como trabalhadora de museu, estavam na tarefa e na luta pela educação e cultura de qualidade, com suas profissionalizações sendo realizadas no Museu de Artes e Ofícios, que compreendemos também como local formativo. Formaram-se nas universidades, nos projetos, por meio de estudos como campo das ideias, de fonte de conhecimento, construindo e inovando, como ciranda sincrônicas, umas com as outras, a educação museal articulada à educação escolar e à universitária. Nessas etapas, houve interação e integração ao Museu de Artes e Ofícios e seus campos interdisciplinares. Itinerários formativos já eram elaborados, repensados, analisados e aplicados.

O recurso utilizado como parte do produto desse trabalho foi um projeto articulado entre essas instituições, entre pesquisadores, colabora para enriquecimento do trabalho pedagógico de formação continuada no museu.

4.2 Recurso Didático

O projeto, que foi desenvolvido por pesquisadoras e pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade do Estado de Minas Gerais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Setor Educativo do Museu de Artes e Ofícios, denomina-se "Tematizando os Ofícios - O Couro em Perspectiva". Este foi elaborado e desenvolvido para fins educativos, visando à formação de professores, educadores, mediadores e interessados no tema. Trata-se de um rico recurso que disponibiliza informações, poesias, textos acadêmicos e que demandou uma longa pesquisa por parte dos participantes do projeto.

EIE foi desenvolvido ainda pela equipe do LABEPEH - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Minas (Centro de Formação de Professores - CEFOR), com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e com o Museu de Artes e Ofícios (MAO), entre 2009 e 2012. A Coordenação acadêmica do projeto é das professoras Júnia Sales Pereira (UFMG), Lana Mara de Castro Siman (UEMG) e Carla Ferretti Santiago (PUC-MG). A coordenação do projeto pelo Museu de Artes e Ofícios foi realizada por Naila Garcia Mourthé – MAO (CD-ROM - Tematizando os ofícios – o couro em perspectiva).

O Projeto “Tematizando os Ofícios” é um recurso disponível para revisitar estruturas didáticas possíveis para a releitura do Museu de Artes e Ofícios, com uma abordagem progressiva, coletiva e singular. Seu escopo concentrou-se em abordar o couro como o cerne das discussões e possibilidades. Ele oferece recursos e oportunidades para educadores, graduandos e docentes refletirem sobre práticas e, ao mesmo tempo, explorarem outros tipos de elaboração e recursos que o museu oferece, promovendo interlocuções entre a sala de aula e o museu.

A concepção popular de que um museu é um lugar estático já pertence ao passado, como salietamos aqui em alguns momentos. Ao contrário do que muitos ainda imaginam, o museu é um lugar dinâmico e vivo, feito de pessoas para pessoas, que oferece diversos estímulos por meio de seus símbolos. O Museu de Artes e Ofícios (MAO) é um local de experimentação social, aberto a críticas, encontros, despedidas, entretenimento e ludicidade. Pierre Catel nos fala das possíveis percepções do Museu de Artes e Ofícios:

[...] para o público dos museus clássicos, ficará talvez confuso, porque em vez de um audiovisual sobre os assuntos, temos um trem que passa no meio do museu, que se depara com minérios, com os mármore, com o granito e isso vale por um audiovisual gigante, quando tem o barulho, quatrocentos vagões que passam pelo meio do museu. Portanto, não estamos dentro daquela forma: onde está a etiqueta de referência? A referência passa diante de você. Ela está viva diante de você. É essa a noção do que é vivo, porque fomos postos junto aos vivos! Não se procurou retirar esse espaço museográfico do mundo cotidiano, do permanente (CATEL, 2005, p. 330).

Tal espaço é uma obra viva, e descobrir situações pedagógicas a partir dos conteúdos que ele proporciona significa compreender que ele está cada dia mais vivo. O projeto foi desenvolvido para dar protagonismo aos professores, pesquisadores e educadores do museu, e busca-se ampliar a aplicação desse recurso para os trabalhadores do setor educativo do próprio museu, graduandos em licenciaturas que desejam atuar em áreas também relacionadas à educação não escolar. Ele pode ser utilizado tanto para a formação de funcionários do setor educativo da instituição quanto para a formação de possíveis mediadores no campo da educação museal e para ampliar a perspectiva interdisciplinar nesse campo.

O MAO já está inventariado, catalogado e sistematizado, e esse grande projeto museológico, empreendido por centenas de pessoas, é fundamental para pensarmos e refletirmos sobre a continuidade da seleção de temas a serem debatidos e recortados do acervo, que é quase infinito. Não podemos afirmar que seja infinito, pois ninguém alcança a infinitude, mas, por

enquanto, é inesgotável, visto que ninguém ainda delimitou todas as possibilidades temáticas do MAO. A pluralidade do acervo nos permite fazer recortes, conhecer, refletir, historicizar, contemplar, acionar, perceber, recordar e estimular todo o acervo e seus contextos. Os verbos possíveis são inúmeros.

Ao lançarmos um olhar pedagógico sobre o MAO, adentramos em um cosmos de múltiplos conhecimentos, com abordagens estéticas, éticas, políticas e culturais que nos instigam à pesquisa. O tema do museu, a história do trabalho, tem interseção com a formação de educadores e com as ciências humanas presentes nos currículos escolares, promovendo um encontro íntimo e misterioso que busca ser descoberto.

Quais seriam elas? Há uma ambição de explorar tudo e mais, um desejo de ver as possibilidades, sentir, conhecer, possuir e analisar todas as perspectivas. Isso é típico de um analista mediador museológico? O educador deve ter sede de conhecimento, buscar o autodesenvolvimento e ter um profundo interesse pelo mundo. Essas características devem estar presentes nos pedagogos e em todos que buscam, por meio da educação, mediar o mundo com crianças, jovens, adultos e idosos.

Criar espaços para enriquecer a prática educativa é avançar na luta pela qualidade, na compreensão dos problemas e na reflexão sobre as transformações necessárias. O recurso utilizado é um caminho potencial para refletirmos os potenciais do MAO e incluir o espaço como uma rota de desenvolvimento acadêmica. Uma das maiores alegrias desta dissertação foi entrevistar uma das coordenadoras do projeto, Professora Doutora Lana Mara de Castro Siman. Durante a entrevista, ela compartilhou informações sobre o projeto antes de sua concepção, a participação das instituições, pessoas envolvidas, relações estabelecidas, oficinas realizadas e desdobramentos, como se pode ler na subseção a seguir.

4.2.1 Entrevista⁶

Entrevistada: Profa. Dra. Lana Mara de Castro Siman. Na entrevista, ela nos contou um pouco do projeto antes de sua concepção, a participação das instituições, pessoas, relações, oficinas e desdobramentos. A entrevista foi realizada no dia 3 de julho de 2023.

⁶ Para a entrevista, manteve-se a modalidade oral da língua portuguesa, com as devidas repetições e interlocução com os leitores, por isso, não ocorreram as modificações em conformidade com a gramática normativa.

Flavia: Bom dia, professora Lana.

Dra. Lana Mara de Castro Siman: é um prazer.

Obrigado pela sua disponibilidade, oportunidade de aprender mais e saber mais.

Nessa entrevista, falarei sobre o meu projeto de monografia, relacionado a uma dissertação de Mestrado em Educação e Docência, na linha de pesquisa de educação e museus e divulgação científica. Meu professor orientador é Professor Jesuíno Lúcio lá da UFMG e como recurso didático dessa monografia, desse projeto, o vínculo que eu fiz do recurso com o meu projeto que é relacionado ao Museu de Artes e Ofícios, as práticas educativas que acontecem no museu. A gente chegou nesse recurso que já foi elaborado, em que você foi uma das coordenadoras do Tematizando os Ofícios: perspectiva do couro, e aí eu queria que você me falasse assim antes do surgimento desse projeto no campo das ideias e depois da forma que você quisesse.

Lana Mara: “Oi Flavia, estou muito feliz de você ter escolhido esse tema. Quando a gente produz algo, com uma intenção educativa museal, a gente vê que têm pessoas interessadas, sobretudo no processo de construção deste instrumento educativo, desse artefato que a gente fez que foi um C, com um respaldo maior, mais visível, que deixa a gente muito feliz. Pena que a gente não tem aqui a professora Júnia, minha querida parceira com (inint) quem fizemos trocas muito importantes. Acho que a primeira coisa que tenho para dizer, que acho que deve ser assinalada, que foi o meu projeto que envolveu três instituições dessa parceria com o Museu de Artes e Ofícios, que foi muito bem costurada pela Júnia no museu.

Ela levou um bom tempo costurando isso nas nossas divisões de tarefas. Ela ficou com essa costura e nesse momento eu estava trabalhando, saindo da PUC Minas, e ao mesmo tempo eu ainda era professora voluntária na UFMG, mas já na UEMG. Então eu queria muito que a gente pensasse algo junto, gostava muito das pessoas, tinha a sintonia com as pessoas com quem eu trabalhava. E Júnia topou, topou a coordenação geral do projeto, eu fiquei com a coordenação mais pontual na relação dos ofícios com a cidade, mais ombreando a ela em tudo né.

A gente fez uma grande parceria mesmo de trabalho. Então foi um trabalho que envolveu a PUC Minas, na época a professora Carla Ferreti, com quem eu trabalhei no projeto, foi minha

coordenadora no projeto do MEC, que pretendia levar a opção de materiais de educação à distância para vários pontos no país, e aí eu fui convidada para participar desse projeto e lá tive o prazer de trabalhar com a professora Carla Ferreti. E ela levou também um professor da PUC que vou ficar te devendo um nome, e também trabalhou com a gente, e da UEMG na época foi o professor Edson e eu levei o meu orientando, o Frederico Pinho, que depois dirigiu por vários anos, coordenou por vários anos o Educativo do Memorial da Assembleia, e que agora é proprietário de uma livraria na Savassi, projeto super lindo, bem-sucedido, e aí nós tínhamos também bolsa pra projeto de estudantes de ensino médio.

O Fred na época era professor de escola estadual e ele levou, ele conseguiu um aluno, aliás, dois ou três alunos, não me lembro do número de bolsas. E posteriormente também o João fez o trabalho dele sobre a visita, sobre o educativo do Artes e Ofícios. João Carlos Andrade, e o Fred também, que analisa a prática da professora Araci, então são duas dissertações que eu orientei, á época, todas as duas na UEMG tanto do Joao quanto do Fred sobre esse trabalho do Museu de Artes e Ofícios.

De certa maneira, outras pessoas foram envolvidas, porque tínhamos um grupo grande de pesquisa, (inint) então a gente tem uma constelação, uma convergência de pessoas que contribuíram na dinâmica desse trabalho, e na época quem coordenava o educativo era a Naila. Ela promovia uma ponte muito interessante na época, participava do projeto e trazia o educativo para as discussões, então foi uma dinâmica muito interessante.

Bom, falo bastante das partes mais institucionais (inint.) que são pessoas, eu acho que o interessante nesse projeto é que é ele é um projeto que ele tinha uma dupla face, pesquisa e extensão.

Então, a gente construiu, grande parte da construção dele foi feita a partir de oficinas que a gente foi gerando com professores, Professores da rede de ensino público (inint.). A Naila Mourthé nos ajudou muito na recuperação desses endereços e aí já entrando nos princípios que orientaram esse processo de construção artefato cultural.

A gente queria primeiro construir com a participação dos professores e que essa participação incluiria uma visão que a gente tem da educação museal, que é você ter pensando junto o educativo e o professor pensando a exposição, porque essa é uma das lutas que eu acho que o

campo museal que se deve ainda, é de incluir o educativo na concepção das exposições para que os educadores de museus, esses mediadores eles se sintam preparados e comprometidos e ofereçam contribuições para a própria concepção da exposição. Porque e como a gente fundamenta nisso?

A melhor avaliação que a gente tem da exposição, da ressonância dela, da repercussão, é a capacidade que ela tem de tocar o outro, o visitante. Então quem recebe a exposição são os mediadores, são os educadores de museu, que escutam, que enfrentam os desafios de adaptar a as estratégias de mediação para os diferentes públicos.”

Flavia: Acabam mergulhando né?

Lana Mara:

Isso, exatamente. E ele traz elementos muito importantes para a gente rever a exposição desde a expografia até a curadoria no geral e tudo mais. Então a gente pensando nisso a gente falou: “o professor também deve saber”. A gente queria muito que o professor desconstruísse essa ideia de que no museu está a verdade, que lá se tem a materialidade. Claro que você tem uma materialização, uma materialidade a gente não pode fugir disso. Em um ambiente que é capaz de te transportar para outro mundo, outro espaço, outro tempo. Que a escola não consegue e a sociedade no geral, e o museu organiza o ambiente para você pensar as **temporalidades históricas**, mas ele traz evidências, traços que são construídos montados em segundos.

A gente queria muito pensar nesse professor e que ele pudesse ser também leitor da exposição, daquela exposição. E aí nós fizemos uma oficina em que eles seriam os curadores. Eles se colocariam nesse lugar de primeiro levar os próprios objetos e aí como a gente elegeu o ofício do couro a gente fez uma comunicação, eu acho que tenho esse arquivo das comunicações solicitando que eles trouxessem esses objetos. Aí eles trazem os objetos e a gente faz uma oficina bem bonita. Aí fazendo um parêntese, como eu estava pensando o tempo inteiro com esse ofício do couro ainda vivo, como o museu dialogaria com a existência desse ofício na cidade? Eu e Kelly, nós fomos para rua Guaicurus, acho que é a Guaicurus, que é um lugar que tem várias oficinas, pequenas lojinhas que vendem saldos, colchetes, fivelas.

Flavia: Armarinhos voltados para sapataria?

Lana Mara:

Isso! Armarinhos voltados para sapataria. E aí a gente fez o percurso. Isso foi uma tristeza porque perdemos o registro visual da época, mas eu tenho, e se você quiser posso te dar um saco com essas coisas que eu recolhi.”

Flávia: Eu quero sim.

Lana Mara:

Eu comprei isso e levei para essa oficina, então foi uma oficina muito maravilhosa e a gente a princípio, o que orientou a gente também, foi também que a gente estava lendo, e o Fred teve uma contribuição maravilhosa. A gente leu Mario Chagas, “Todo museu tem uma gota de sangue” que é uma paráfrase de Mario de Andrade “todo poema tem uma gota de sangue”, e o Mário Chagas parafraseou isso para os museus.

Ele colocou inclusive os estudantes do ensino médio para leram o livro e ficou muito lindo. Ele fez uma formação muito sensível com esses alunos e aí a gente queria pensar tanto a poética quanto as gotas de sangue que essa poética que conduz a imaginação que é capaz também de levar. Então o professor Edson contribuiu muito, você viu que tem a parte de literatura que são as poesias.

Flávia: Sim!

Lana Mara:

Então isso tudo é fundamentado na concepção de que esse material pudesse expressar essa visão da gente, tanto a respeito da potência educativa do museu, quanto como também da possibilidade do professor se apropriar disso, desde a sala de aula.

Outro princípio que orientou muito a gente foi o professor Francisco Regis, que insiste muito que, na verdade, vou colocar palavras minhas, mas eu sei que ele quer dizer isso, que a visita é um todo tem que se pensar a escola, pensando sempre o público escolar (inint) que a gente pensa desde a preparação, a realização e o retorno né, isso é que é a visita.

Porque o tempo no museu é um tempo que precisa potencializar, a ida ao museu às vezes é

muito rápida, um tempo curto, então precisa potencializar essa dimensão maravilhosa que o museu tem, que é o da função do conhecimento, que é o desafiar a sensibilidade, desafiar essas camadas do humano, desafiar a imaginação, a intuição e promover esse encontro consigo mesmo e com os outros em outros tempos e ali a gente pensou muito nisso.

Então o CD, ele tem muito essa dimensão de atividades a serem feitas do antes do museu, da ida ao museu que é uma extensa sensibilização, ele é muito gasto, fazer uma sensibilização, mas é uma educação da sensibilidade, educação das sensibilidades.

Flavia: Educar o olhar!

Lana Mara:

Isso, educar o olhar, exatamente. Aí como vou educar esse olhar? Despertar esse interesse, essa predisposição a se abrir?

Porque o museu é o encontro com o outro, você tem que estar aberto ao encontro com o outro, então como produzir isso? E aí a gente pensa essas atividades, por exemplo. Eu tenho um texto pequeno lá, Fred tem uma atividade que é da coisa dos objetos, o trabalho que a gente pode fazer com os objetos. Como os objetos revelam sociedades e eles revelam sujeito, eles transformam, essa ideia também que o Francisco Regis trabalha muito, que é o objeto, do que ele é feito, a matéria prima é transformada, construída, produzida pelo homem, mas ele também produz o orgulho, e eu particularmente, o que muito me impactou, também que me levou a eleger o couro, a escolher o couro, que estava sempre me chamando atenção, é aquele avental que toma a forma do corpo.

Flavia: É um ícone aquele avental!

Lana Mara:

É um ícone. Então ele é uma chave de leitura, se você pensar nessa ideia do quanto os objetos são aquilo que a gente realiza, quanto trabalho, porque é museu do ofício, do trabalho e quanto o trabalho também nos molda, molda o corpo, a maneira de pensar, porque o ofício é muito mais do que simplesmente produzir um objeto, você tem uma cultura do ofício. À época também me debrucei sobre leituras de culturas do ofício, a gente leu juntos, a gente fez muita leitura, muito seminário interno.

Flavia: E sempre junto com o educativo e junto com os professores?

Lana Mara:

Os professores nem sempre estavam nos seminários, a gente ofereceu aos professores oficinas. E oficinas também de visita ao museu para eles perceberem, por exemplo, como o museu produz a leitura. Então a gente chama atenção deles de como uma fresta de luz põem em evidencia o objeto, porque aquilo ali produz uma leitura, então formar uma iniciação.

Flavia: Tudo tem um porque no museu, né?!

Lana Mara:

Exatamente, tudo tem um porque, exatamente. Então a gente acreditando muito nisso, de que o professor precisa se preparar para tudo isso, isso é uma formação que ele também merece receber para que ele desconstrua de que lá é a ilustração do que ele está dando. Não é uma construção, é uma representação. Que tem elementos de evidências históricas, científicas, que ainda estão presentes, mas não quer dizer que aquilo é o passado, o passado está ali, é uma leitura.

Flavia: Dali ele está no presente né. Ali ele tem muita informação para construir esse presente.

Lana Mara:

Isso, exatamente. Então permitir que ele faça esse elo de sou eu hoje no presente lendo esse passado com as evidências que eu disponho delas, e que eu as organizo em uma exposição. Então, esses elementos educativos, nós achamos muito importantes porque o que a gente via muito da prática da gente, porque se nosso projeto no Museu de Artes e Ofícios foi antecedido de outro projeto muito grande que a gente realizou na FAE da UFMG com um número enorme de bolsistas desde Isabela Guerra, que está hoje como diretora do Abílio Barreto, a vários outros que seguiram o caminho no campo. A gente na época envolveu os museus, as diretorias de museu, os educativos, e a gente foi aprendendo e continuamos aprendendo, mas fomos aprendendo essas coisas. E antes também eu acompanhei muito em razão da pesquisa que eu desenvolvia no Centro Pedagógico, as visitas que eram feitas a vários museus. Então desde acompanhar o professor como acompanhar as crianças, as perguntas que eles faziam.

Flavia: Os olhares, as curiosidades.

Lana Mara:

Isso, os olhares, as curiosidades. Então isso foi despertando a gente para pensar esse material. Então ele se propôs a ser um material aberto, para ser uma inspiração ao professor para que ele possa a partir de aí pensar formas de preparação para essa relação, para que ao momento que ele leve para a visita seja mais fecundo, que ele possa no retorno trabalhar isso. Então o João, por exemplo muito incluído dessa ideia, ele elegeu uma escola de EJA e ele ficou com a professora e a professora preparou os alunos, fizeram algumas leituras com os alunos, levou os alunos e depois ele acompanha o pós visita. Mesma coisa fez o Fred, em que Araci teve como fio condutor um livro de literatura para poder preparar os meninos nessa visão para a temporalidade, dos tempos se entrelaçando entre presente passado e futuro.

Flavia:

Então, o CD é como uma caixa, ele está como essa caixa de recursos pedagógicos nessas dimensões que você falou da poética, da literatura, da parte também acadêmica de pesquisa e formação com professores. E aí eu queria para além dessa formação que você falasse dessas dimensões sociais mesmo desse recurso, do impacto da criação desse recurso, dessa dimensão tanto social quanto desse profissional professor posterior ao lançamento do projeto.

Lana Mara:

Pois é, Flavia, foi um pouco frustrante como quase tudo nesse Brasil. É o segundo material, agora tem o terceiro que gosto muito, essa coisa que pesquisa, pesquisar, mas tem um produto final.

Eu falo que me encaixaria perfeitamente no mestrado profissional porque eu gosto. A gente sempre fala: estudei, pesquisei, mas olha aqui o que eu posso oferecer, olha os resultados, eles podem oferecer desdobramentos. A gente não conseguiu financiar o projeto, porque vão mudando as políticas e é um negócio complicado. E também as pessoas se desarticulam. E muita demanda, a gente na universidade tem demanda demais. Mas o que a gente mais desejava na época era continuar com as oficinas de formação porque eu tenho ideia, eu acho que não sei se a gente fez ou fazia uma avaliação com os professores ao final de cada encontro sobre o significado dessa formação para a vida dele, para ação docente, para ele pensar, sobretudo a relação escola/ museu, museu/ escola, e na verdade a gente não progrediu com esse material, o material ficou muito invisível.

Nós tentamos conseguir dinheiro para que os professores recebessem, para que as redes recebessem esse material e não conseguimos. Foi uma série de frustrações, então por isso estou dizendo que é uma alegria muito grande revisitar esse material. Vocês revisitarem como ponto de partida, agregarem sugestões, conhecimento a ele, porque foi um esforço grande, foi um investimento de energia, de energia criativa, energia produtiva. Muitas horas de trabalho.

Flavia: Dedicação.

Lana Mara:

Dedicação. Mas o que a gente mais desejava era essa repercussão. Era aliar a direção da pesquisa, a direção da participação social no caso dos professores, do engajamento dos professores, e que o projeto pudesse contribuir para qualificar cada vez mais as visitas.

Flávia:

Muito bom! E assim para mim é um grande valor esse CD, porque logo quando eu cheguei no museu, uma das primeiras coisas que me foi apresentada foi o CD. Porque eu cheguei em 2015 e a Naila ainda estava no museu. Então eu tive esse contato com Naila, com formações internas e externas. Então, são onze anos do projeto e se a gente conseguisse, isso aí é uma coisa para eu ver depois também, perspectiva de futuro da gente abrir esse CD para nuvem né. Às vezes colocar no site do museu e a gente pensar ele ali como um grande recurso, e lógico, a gente enquanto educador do museu nessa ideia, ir agregando. Porque o que eu que me chama muito atenção nele é aquela parte dos tesouros que vai sempre elegendo os desdobramentos interdisciplinares.

Lana Mara:

Exatamente. Foi outro princípio que era interdisciplinar. O couro foi eleito porque ele oferecia possibilidades de projetos interdisciplinares. Então, os tesouros, a ideia era exatamente essa.

Flávia:

A visão que ele me traz, desse tesouro, dessa interdisciplinaridade, é porque a gente consegue fazer, lógico com a ideia do couro, fazer em outros ofícios. Vocês nesse projeto elegeram o couro, mas caso a gente queira fazer no ofício da madeira, fazer no ofício dos fios e tecidos.

Então a ideia dessa pesquisa minha é pensar a partir dessa ideia de interdisciplinaridade. Como boa pedagoga, pensar a matemática, pensar ciências, pensar a química, a física, a mecânica daqueles objetos e sistematizar isso na relação com a escola. Talvez seja um projeto futuro, não sei. Agora nós estamos assim, estou nessa parte ainda, de mergulhar (inint). Mas é um projeto maravilhoso e eu acho que tematizando os ofícios, foi uma sistematização perfeita para formações. É um grande projeto e pode ser um ponto partida para ampliar o desenvolvimento educativo do museu. Um olhar pedagógico, esse olhar de pesquisador que vocês todos tiveram e além de tudo da sensibilidade da poética enfim é isso.

Lana Mara:

Eu fico muito feliz de escutar sua leitura, como você disse, você chega no museu no momento e essa produção é apresentada para você!

Flavia:

Ainda estava latente. A minha pesquisa nesse momento, nessa conclusão de etapa, eu até falo assim um pedacinho do texto né que simplesmente por mais que eu Flávia, tenha que ter esse produto no mestrado profissional e foi muito que eu troquei ideia com Jesulino.

A gente pode criar, vamos criar isso vamos criar aquilo. Tem que ter esse produto, mas por que não trazer um produto e valorizar o que já foi feito? Reviver e dar andamento, valorizar as pessoas que já pesquisaram e colocar de novo em evidência potencializando ainda mais com novas formações, novas ideias, né? Já se passaram uma década, então pensando nesse movimento da sociedade nessa última década também em relação a Museu a visitação de professores com estudantes com intenção educativa, então é isso assim, eu fico é muito grata.

Lana Mara:

Imagina Flávia. Comentei antes com minha filha, falei para ela da alegria que foi e que está sendo você retomar esse projeto. Me aquece o coração!

Na entrevista, percebe-se o quanto foi rico esse projeto, sobretudo porque envolveu pesquisa, extensão e muitas pedagogias. Foram grandes desafios e conhecimentos construídos. Porquanto, esse produto “Tematizando os ofícios: o couro em perspectiva” é passível de ser investigado, rememorado e divulgado e, a partir dele, alimentar ações educativas voltados

para outros nichos de ofícios do museu.

4.3 O recurso formativo foi delimitado em sete eixos

Quadro 1 - CD –ROM – Tematizando os Ofícios: caixa virtual de história; abordagem de temas no MAO em visitas escolares. O couro em perspectiva, 2012.

1	O Museu é um lugar de educar pela memória e pela história. Memória e história dos objetos que ali estão abrigados, guardados e encenados para provocar as várias camadas do humano: os sentidos e as sensibilidades, o pensamento, o conhecimento e a reflexão, as emoções e sensações, oferecendo oportunidades de rememorações e de ações e de palavras de reinvenção do mundo. Através do Museu nós conhecemos, descobrimos, nos emocionamos, nos entristecemos, pensamos, debatemos, contemplamos. São realizados no Museu algumas operações de memória como os atos de recordação (e suas seleções), atos de esquecimento e de silenciamentos. Também se realiza no Museu a elaboração de discursos históricos, com os quais investigamos temas e problemáticas sociais.
2	A abordagem educativa do Museu pode se realizar por meio de recortes temáticos. Estamos pressupondo uma educação vinculada à pluralização da história e do Museu – rompendo, portanto, com o ideal de uma história única ou de uma visita totalizadora. O pressuposto que orienta esta escolha é o de que nenhuma visita, por mais exaustiva que seja, comportará todos os sentidos que um Museu suscita nos visitantes. Sendo, aliás, os mesmos visitantes, a cada visita ao Museu eles criarão novos sentidos, descobrirão novas situações formativas. O que estamos propondo é que você, professor/a, sinta-se estimulado a fazer escolhas, propondo questões e problemas para abordagem do Museu, de seus objetos e dos ofícios e artes por meio das práticas de memória. Para efeito de seleção, a equipe do Tematizando os ofícios, elegeu os Ofícios do Couro, postos em perspectiva para abordagem de temas, problemas e objetos na prática educativa.
3	Podemos alterar percepções de que Museu é coisa, ou lugar, que ajunta velharia - durante o ambiente você poderá experimentar práticas inventivas, criativas e imaginativas que, por um lado, convidam-no a sentir e pensar o Museu de maneira integrada à sociedade – em sua dinamicidade. Por outro lado, você também será convidado a criar situações investigativas e sensíveis com seus alunos, de modo a criar territórios de protagonismo docente na relação com este e com outros museus. Nos dois movimentos, o que se afirma é a potencialidade dos Museus para sentir, viver e problematizar a sociedade em que se inserem, sendo ambientes ricos para criações, perguntas, expressão de sentimentos, elaborações simbólicas e operações de memória.
4	Os tempos educativos se interligam-no pré-durante-pós-visita. Compreendemos que as propostas educativas se realizam de maneira a integrar a visita escolar a atividades escolares. Estamos propondo que os tempos educativos se entrecruzem, criando-se uma dinâmica de interlocução e de proposição de investigações e provocações com os estudantes nos mais variados ambientes – na escola, em ambientes sociais diferentes e no museu. Neste ambiente, a prática da pesquisa está prevista nos três tempos, também da observação, encantamento e percepção das dimensões políticas, éticas e sensíveis da abordagem da memória que uma prática educativa reflexiva pode proporcionar. Sendo assim, concebemos a visita educativa ao Museu não como um fim em si mesmo, mas como um dos momentos de abordagem da cultura, interligado a outros tempos e situações formativos, orientado, sempre, por propósitos, intencionalidades e pressupostos de abordagem tanto dos conteúdos escolares e, mais propriamente, de temáticas de estudo em que comparecem problemas e questões para investigação.
5	5. A sociedade se liga ao Museu e à Escola - partimos do pressuposto de que você poderá explorar inúmeras situações formativas e instigantes vivenciadas em sociedade. Estamos propondo investigações de ambientes sociais urbanos para compreensão de problemas suscitados pelo Museu. Estamos propondo uma análise dos trajetos do couro e dos seus ofícios desde o mundo rural, também um cenário em transformação. Neste ambiente você poderá vivenciar, investigar, pensar e aproximar seus alunos dos universos rurais e urbanos que dialogam com as problemáticas suscitadas durante a visita às exposições. Sendo assim, nos pós visita você poderá também favorecer o enriquecimento de sua prática educativa com situações e vivências sociais, compreendendo o museu, desta maneira, não como ambiente refrigerado, mas como ambiente atravessado pela dinâmica social, pela vida nas cidades e também pela experiência do viver e do morar no campo.
6	Há relação entre o trabalho docente e os espaços culturais e de memória. Encontra-se presente

	nesse ambiente a visão de que o trabalho docente tanto em sala de aula, como na interface com as práticas e lugares de memória como o é o museu, não se encontra reduzida a dimensões prescritivas e exclusivamente racionais. As sensibilidades, - do domínio da cultura, da memória, da estética e da ética-, encontram-se aí imbricadas de tal forma que sem essas não se retira de tais lugares e práticas suas potências educativas. Ofícios e artes, ofício e oficinas do mundo da artesanaria indiciados pelo MAO expressam que o útil é também belo (PAZ,1996), que o fazer é também pensar (SENNETT, 2009). No fazer docente estariam implicados o fazer, o sentir, o pensar, o agir? Emergem dessas interrelações as possibilidades de compreendermos o museu e a sala de aula como oficinas, como um mundo da artesanaria, espaços no quais os docentes podem se re-inventar e ao seu ofício, a partir das dinâmicas de seus saberes e fazeres, (CERTEAU, 2008), de suas sensibilidades na interlocução com saberes derivados da ciência e da vida social de seus alunos.
7	Você, professor/a, é um protagonista na relação com o Museu - compreendemos que, em contato com o setor educativo do Museu e sempre na medida de suas possibilidades, você pode explorar esse ambiente, com suas atividades e propostas de estudo e pesquisa, integrando ações desenvolvidas na escola e no museu. Neste ambiente você encontrará propostas de atividades, criação de novos itinerários de visitação, investigação de objetos e cenários, criação de novos cenários, vídeos, entrevistas e textos para aprofundamento e estudo. Ao fazermos esta opção, por um ACERVO DE PESQUISA E ESTUDO, estruturamos essa interlocução partindo do pressuposto de que você ficará livre para navegar de ponto a ponto por esse ambiente, sem uma direção de pesquisa previamente definida. A lógica que orienta esta escolha é de que você encontrará livremente associações entre as atividades e textos, fazendo-os conversar por meio de sua prática educativa, e por meio de seu protagonismo na relação com os espaços de memória. Afirmamos a importância de que você proponha alternativas próprias para uso educativo do Museu, lançando mão de inúmeras possibilidades formativas que esta relação Museu-escola estabelece.

Fonte: elaboração própria

4.3.1 Módulos e Conteúdos do Curso Formativo

O curso oferece uma abordagem abrangente para a formação de professores e educadores do MAO, capacitando-os a desempenhar um papel eficaz na mediação do Museu de Artes e Ofícios aos estudantes e, dessa forma, enriquecer suas experiências por meio de práticas educativas mais criativas e engajadoras ao realizarem a visita mediada ao espaço. O conhecimento aprofundado do acervo, incluindo suas origens, materiais, técnicas e contextos históricos e culturais, é fundamental para enriquecer a experiência dos professores.

Dessa maneira, o curso permitirá que os próprios professores contextualizem as exposições aos estudantes e forneçam informações relevantes sobre cada peça, além de ampliar seu próprio repertório cultural, por meio de análises, debates e referências bibliográficas. A realização de visitas mediadas com grupos de educadores e educandos é essencial para estimular a apreciação do acervo, identificar curiosidades e apresentar contextos, além de promover ideias sobre o acervo e despertar interesse em aprofundar sobre o MAO. Essa formação também incentiva o desenvolvimento de atividades educativas criativas e lúdicas que atendam a diferentes públicos, desde a educação infantil até o ensino médio, podendo promover a inovação, a criatividade e o engajamento dos estudantes, posteriormente, por meio

de diversas formas de expressão, como brincadeiras, literatura, música e jogos e oficinas.

O curso também enfatiza a importância da "Interação com as obras" de maneira respeitosa, considerando que o toque nas peças é restrito, devido ao caráter histórico do acervo. Os professores são incentivados a explorar outros sentidos, como a visão, o olfato e outras formas sensoriais, para criar experiências de visita imersiva. Essa prática ativa é essencial tanto para os educadores quanto para outros visitantes. Por fim, a "Auto-avaliação do educador e avaliações de visitantes" é uma parte integrante da formação. Os educadores aprendem a avaliar seu desempenho e a eficácia das atividades educativas com base no feedback dos visitantes.

Essa autoavaliação contínua permite identificar oportunidades de melhoria qualitativa e criativa, garantindo que a experiência dos visitantes seja constantemente aprimorada. A abertura para receber feedback e a busca constante por melhorias são práticas fundamentais para garantir um ambiente educacional eficaz e enriquecedor. Este curso formativo destinado aos professores que frequentam o Museu de Artes e Ofícios (MAO) é um passo fundamental na promoção do desenvolvimento educacional, patrimonial e cultural dos profissionais envolvidos.

A carga horária total de 15 horas compõe-se de atividades teóricas e práticas, com foco no processo formativo de professores e educadores que tem interesse em realizar visitas e/ou projetos vinculados ao MAO, bem como estudantes graduandos em licenciaturas no nível superior, que buscam atuar na modalidade de educação não escolar.

Nesse âmbito, os professores também desempenham uma função central na mediação entre o público e o acervo, e a formação contínua é essencial para enriquecer a experiência dos estudantes, além de aprofundar o conhecimento sobre o patrimônio cultural brasileiro. Espera-se, com isso, contribuir para o aprimoramento constante desse campo e para a formação de professores e educadores comprometidos com a valorização e a difusão de nossa rica herança cultural. A estrutura do curso consiste em cinco (5) módulos de três horas cada e será oferecido de forma presencial no Museu de Artes e Ofícios, prioritariamente aos sábados.

Módulo 1: Introdução à Educação Museal (3 horas)

- ✓ O Campo da Educação Museal
- ✓ Compreendendo a complexidade da educação museal
- ✓ O papel dos educadores no museu
- ✓ Contextualização Histórico e Importância do MAO
- ✓ Patrimônio cultural e preservação

Módulo 2: Interdisciplinaridade e Contextos (3 horas)

- ✓ Interdisciplinaridade no Museu
- ✓ Visita mediada com abordagens interdisciplinares
- ✓ Adaptação ao público e faixa etária
- ✓ Contextualização das exposições

Módulo 3: Ações Educativas (3 horas)

- ✓ Planejamento de atividades educativas no museu
- ✓ Definição de objetivos educacionais
- ✓ Ações Educativas no MAO
- ✓ Experiências práticas no Museu de Artes e Ofícios

Módulo 4: Acessibilidade e Mediação (3 horas)

- ✓ Acessibilidade no Museu
- ✓ Atendimento a diferentes necessidades do público
- ✓ Estratégias eficazes de comunicação com o público
- ✓ Como engajar os estudantes de maneira significativa

Módulo 5: Recursos Didáticos-Pedagógicos (3 horas)

- ✓ Oficina de criação de recursos didáticos
- ✓ Integração de recursos inovadores nas visitas mediadas

Cada módulo do curso explora aspectos cruciais da educação museal e oferece oportunidades práticas para a aplicação do conhecimento adquirido. O propósito final reside em fortalecer a capacidade dos professores e educadores para desempenhar um papel fundamental na promoção do conhecimento e da cultura no contexto do museu, contribuindo, assim, para a construção de uma experiência museal que tenha significado para ambas as partes. O curso busca alcançar não apenas os professores que já atuam em sala de aula com educação básica, mas também licenciados que estão em formação profissional, também como uma apresentação de área de trabalho e profissionalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo não teve a pretensão de esgotar todas as diversas áreas e oportunidades de atuação que o Museu de Artes e Ofícios oferece. Em vez disso, procurou-se destacar os aspectos históricos da construção desse importante patrimônio cultural, suas conexões com a sociedade, desde antes de sua implantação efetiva, bem como as possibilidades culturais que o MAO vem ampliando ao longo de seus quase dezoito anos de existência.

A formação e a configuração do museu contaram com a participação de inúmeros profissionais, o que gerou discussões pertinentes sobre seu acervo e sua relevância para a memória das artes e ofícios no Brasil. As experiências promovidas pelo setor educativo, por meio de projetos e atendimento aos visitantes, proporcionaram-nos um entendimento profundo da força educativa desse setor e das múltiplas oportunidades de atuação dentro do museu.

Tornou-se evidentes, por meio desse estudo, que o setor educativo do MAO desempenha um papel fundamental no funcionamento da instituição, juntamente com os aspectos financeiros, a área museológica (conservação e restauro) e a manutenção predial. A comunicação com o público visitante, seja por meio de grupos organizados ou de visitas espontâneas, passa diretamente pelas competências dos profissionais do setor educativo, que demonstram um alto desempenho e habilidades multitarefas. Essa excelência não se limita apenas ao atendimento aos visitantes; ela se estende à capacidade organizacional do setor, à criatividade na elaboração de oficinas, à aplicação de recursos técnicos pedagógicos e à concepção, planejamento, execução e avaliação de todos os projetos educativos.

Por meio de ações coletivas, ocorre um amplo desenvolvimento profissional e o autodesenvolvimento da área. Outra reflexão relevante apresentada neste estudo diz respeito ao papel da mediação. Mediar significa fortalecer vínculos, promover diálogo e criar estratégias para a construção de conhecimento. O trabalho educativo no museu implica enfrentar desafios constantes, tanto intrínsecos à natureza do trabalho quanto externos, relacionados ao contexto sociocultural. O mediador precisa estar atento às tensões que surgem.

Buscou aqui ainda apresentar a sistematização da trajetória do setor educativo do museu, e por meio das considerações finais, procura-se destacar as situações vivenciadas durante a trajetória profissional no espaço do Museu de Artes e Ofícios.

Entende-se que o curso formativo, como culminância do trabalho, não visa apenas elucidar seu conteúdo, mas criar oportunidades interdisciplinares para explorar todo o potencial educativo do museu. O interesse deste estudo foi apresentar, por meio de uma análise histórica estruturada, um percurso pedagógico possibilitado pelo curso de mediadores do museu. Nesse sentido, pretende-se vislumbrar novos horizontes, perspectivas e uma valorização ainda maior da educação museal.

Por meio do projeto de extensão desenvolvido por pesquisadores (UFMG, PUC), professores e educadores do MAO, o recurso técnico-pedagógico utilizado como base para o curso foi "Tematizando os Ofícios: o couro em perspectiva". Esse material contempla uma ampla variedade de textos, poesias e abordagens para a educação no MAO. A premissa subjacente a essa abordagem é a de expandir seu uso para abranger outros ofícios e temas relacionados ao universo do museu.

Nosso propósito também foi o de compartilhar as experiências adquiridas ao longo da jornada profissional, sem a intenção de esgotar o tema da educação museal no contexto do Museu de Artes e Ofícios. Pelo contrário, visa-se abrir caminhos para futuros pesquisadores e estudantes interessados na instituição. Reconhecemos que existem muitas lacunas e desafios a serem enfrentados, mas isso é inerente à natureza do museu e ao conhecimento que ele proporciona. São lugares que nos desafiam e nos incentivam a buscar sempre o melhor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, dez./2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010. Acesso em: 05/07/2023.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular. Etapa da Educação Infantil. Conselho Nacional de Educação**. Ministério da Educação, Brasil, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 05/07/2023.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **Discutindo o ensino de História mediado pelos museus: experiências docentes no Museu de Artes e Ofícios - BH**. Revista do Lhiste, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 30-56, 01 jan de 2015.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. Discutindo o ensino de História mediado pelos museus: experiências docentes no Museu de Artes e Ofícios - BH. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 30-56, 01 jan de 2015.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **O Museu em processo: oralidades no uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte-MG**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37339>. Acesso em: 05/07/2023.

CD-ROM- Tematizando os Ofícios: Caixa virtual de história; abordagem de temas no Museu de Artes e Ofícios em visitas escolares. **O couro em perspectiva**. Belo Horizonte, 2012.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Coleção Museu, Memória e Cidadania: Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da; WAZENKESKI, Verlaine Fátima. **A importância das ações educativas nos museus**. *Ágora*, [s. l], v. 17, n. 2, p. 64-73, 01 dez. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>. Acesso em: 05 jul. 2023.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da; WAZENKESKI, Verlaine Fátima. A importância das ações educativas nos museus. *Ágora*, [s. l], v. 17, n. 2, p. 64-73, 01 dez. 2015. Semestral. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>. Acesso em: 05 jul. 2023.

CURY, Marília Xavier. **Educação em museus, cultura e comunicação**. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Organização de Ana Maria de Oliveira Cunha. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Vera Ribeiro, Trad. Coleção Todas as Artes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERRAZI, Ana Paula do Carmo Marcheti; BELHOT, Renato Vairo. **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais**, Gest. Prod., São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010.

FILHO, Durval de Lara. **O Museu como um espaço relacional**. Dissertação de Mestrado na ECA/USP. São Paulo: Programa de Ciência da Informação, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

QUEIROZ, Glória Regina Pessoa Campello. Formação de mediadores para museus em situações educacionais ampliadas: saberes da mediação e desenvolvimento profissional. **Ensino Em Re-Vista**, v.20, n.1, p.149-162, jan./jun, 2013.

GUISASOLA, Jenaro e MORANTIN, Maite. Concepciones del professorado sobre visitas escolas a museos de ciências. Departamento de Física Aplicada. **Enseñanza de Las Ciencias**, Universidade del País Vasco, Espanha, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

HONORATO, Cayo. **Mediação para autonomia**. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2012. Disponível em: <https://cayohonorato.weebly.com/mediaccedilatildeo-cultural.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.

HORTA, José Silvério Baia; KRAMER, Sônia. A ideia de infância na pedagogia contemporânea. **Revista de Educação - AEC**, 2011.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. Museu de Artes e Ofícios, Belo Horizonte: afinal, com nascem os museus? **História, Ciências, Saúde** - Entrevista concedida com Pierre Catel – museólogo – Museu da Vida/ Casa Oswaldo Cruz. V. 12 (suplemento), p. 323-38 – 2005-Manguinhos - Rio de Janeiro, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?**. 3ª Ed. São Paulo. Ed Cortez, 2000.

MARANDINO, M. (2001). Interfaces na relação museu-escola. **Caderno Brasileiro De Ensino De Física**, 18 (1), 85–100. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6692>. Acesso em 23 de jun, de 2023.

MARANDINO, Martha. **A mediação em foco**. Geenf: Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciência/FEUSP. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.

MEIRELES, Amanda et al. A Força Educativa do SESI Museu de Artes e Ofícios. In: **20ª Semana Nacional de Museus**, 20., 2022, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: Serviço Social da Indústria - SESI, 2022. v. 1, p. 1-43.

PASSEGGI, Maria, NASCIMENTO, Gilcilene, ANTUNES Medeiros de Oliveira Roberta. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação** [en linea]. 2016, (33), 111-125. ISSN: 1645-7250. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34949131009>. Acesso em Consulta: 8 de novembro de 2022.

PEREIRA, Júnia Sales et al. **Escola e Museu Diálogos e Práticas**. Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Cefor; 2007.

PEREIRA, Júnia Sales et al. **Escola e Museu Diálogos e Práticas**. Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: Cefor, 2007.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Educação Museal: Entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.unirio.br/ppg-pmus/copy_of_marcele_regina_nogueira_pereira.pdf Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

PINHO, Frederico Alves. **Tecendo Narrativas, costurando tempos: ensino e aprendizagem de história no museu de artes e ofícios**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012, 123 pp.

SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 71-186, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/07.pdf>. Acesso em: 30/03/2023.

SANTOS, Maria Célia. Museus e Educação: conceitos e métodos. **Aula inaugural** Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto. São Paulo, 2021.

SAVANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10ª ed. Campinas-SP, 2008.

SEMINÁRIO DE AÇÃO EDUCATIVA. **Cultura e Educação: Parceria que faz História**. Belo Horizonte, 2006.

SEMINÁRIO DE CAPACITAÇÃO MUSEOLÓGICA. **Programa Museológico: princípios e metodologia de trabalho, conceito museológico e salvaguarda patrimonial**: Instituto Cultural Flávio Gutierrez. Belo Horizonte: Santa Rosa Bureau Cultural, 2004. 451 pp.

SILVA, Camila Rosa da. **Interdisciplinaridade: conceito, origem e prática**. Artigos.com, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 2-6, 01 jan. 2019.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Práticas Culturais e práticas escolares: aproximações e especificidades no ensino de história. **História & Ensino, Londrina**, v. 9, n. 1, p. 185-204, 01 out. 2003.